

Karla Tereza Ocelli Costa

ARTUROS, FILHOS DO ROSÁRIO:

**NAS PRÁTICAS SOCIAIS, UMA HISTÓRIA QUE SE
REVELA NA FESTA DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO**

Belo Horizonte
Universidade Federal de Minas Gerais.
Fevereiro – 2013

Karla Tereza Ocelli Costa

**ARTUROS, FILHOS DO ROSÁRIO:
NAS PRÁTICAS SOCIAIS, UMA HISTÓRIA QUE SE
REVELA NA FESTA DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos do Lazer da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Educacional da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Lazer. Área de Concentração: Lazer, Cultura e Educação.

Linha de Pesquisa: Lazer, Cidade e Grupos Sociais.

Orientador: Prof. Dr. José Alfredo Oliveira Debortoli

Belo Horizonte
Universidade Federal de Minas Gerais.
Fevereiro – 2013

C837a Costa, Karla Tereza Ocelli
2013 Arturos, Filhos do Rosário: nas práticas sociais, uma história que se revela na Festa de Nossa Senhora do Rosário. [manuscrito] / Karla Tereza Ocelli Costa – 2013. 130 f., enc.

Orientador: José Alfredo Oliveira Debortoli

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional.

Bibliografia: f. 123-126

1. Festas folclóricas - Teses. 2. Identidade social - Teses. 3. Cultura popular - Teses. 4. Aprendizagem – Teses. I. Debortoli, José Alfredo Oliveira. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional. III. Título.

CDU: 379.8

Ficha catalográfica elaborada pela equipe de bibliotecários da Biblioteca da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Minas Gerais.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional
Programa de Pós-Graduação em Estudos do Lazer
Área Interdisciplinar

Dissertação **ARTUROS, FILHOS DO ROSÁRIO: nas práticas sociais, uma história que se revela na Festa de Nossa Senhora do Rosário** de autoria da mestranda **Karla Tereza Ocelli Costa** defendida e aprovada em 22 de fevereiro de 2013, na Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Minas Gerais e submetida à banca examinadora composta pelos professores:

Prof. Dr. José Alfredo Oliveira Debortoli

Prof. Dr. José Alfredo Oliveira Debortoli (Orientador)
Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional
Universidade Federal de Minas Gerais

Prof. Dr. Carlos Emanuel Manzoilillo Sautchuk

Prof. Dr. Carlos Emanuel Manzoilillo Sautchuk
Instituto de Ciências Sociais
Universidade de Brasília

Prof. Dra. Eliene Lopes Faria

Profa. Dra. Eliene Lopes Faria
Colégio Técnico
Universidade Federal de Minas Gerais

AGRADECIMENTOS

A caminhada não foi fácil: alegrias, tropeços, desespero, ansiedade e alívio foram sentimentos compartilhados e suportados por todos que conviveram comigo nestes últimos dois anos. É imperioso agradecer a todos que contribuíram para a realização desse trabalho.

Inicialmente não poderia deixar de agradecer ao povo brasileiro, que mantém a universidade que me acolheu, na qual pude, gratuitamente, percorrer este caminho formativo. Agradeço aos professores, funcionários, bibliotecários e colegas mestrandos que facilitaram meus estudos.

E, em especial, agradeço:

- Aos Arturos que abriram sua casa, de forma tão espontânea e acolhedora, em especial a amiga Maria Goreth, contando-me sua história, permitindo que eu entrasse no universo mágico da Festa de Nossa Senhora do Rosário.
- Aos queridos A.T., F. e G., crianças Arturos, meus pesquisadores mirins.
- Ao Prof. José Alfredo Oliveira Debortoli, por acreditar no projeto, e caminhar comigo, respeitando meu ritmo, minhas limitações e mostrando-me com paciência e competência o caminho das pedras.
- Aos professores Carlos Sautchuk, Eliene Faria, Walter Ude e Admir Soares por terem aceito fazer parte da banca de avaliação de minha dissertação;
- Aos professores Leila Mirtes de Magalhães Pinto, Walter Ude, Guilherme Silveira, Admir Soares, Gláucia Brandão, Aleluia Heringer, Joécio Fernandes Pinto, Eliene Faria, indispensáveis na construção de minha identidade pesquisadora.
- Ao papai, mamãe, Katya, Cláudia, Beto, enfim, todos de minha família pelo apoio incondicional.
- Ao amigo/irmão Leonardo Toledo, responsável por esta caminhada.
- A Deus, mão acolhedora que me conduziu até aqui.



*Sou um Arturo
Sou Filho do Rosário.
Ele me protege do mundo!*

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1:	A casa Paterna. Onde tudo começou.	39
FIGURA 2:	As guardas do Congo e de Moçambique.	47
FIGURA 3:	Os estandartes dos Santos padroeiros da Festa.	50
FIGURA 4:	O levantamento do Mastro no adro da Capela.....	51
FIGURA 5:	A saída da guarda do Congo.....	52
FIGURA 6:	O cortejo pelas ruas, guiado pelo Capitão do Congo	53
FIGURA 7:	Crianças “brincando” de ser Arturos.....	59
FIGURA 8:	Figura 8: Os dançantes da Guarda do Congo.....	61
FIGURA 9:	Batedores de caixa da Guarda de Moçambique	62
FIGURA 10:	“Dando nó no lenço”	68
FIGURA 11:	As fitas do capacete	69
FIGURA 12:	Guarda do Congo: aprendendo fazendo	72
FIGURA 13:	As bandeirinhas da Festa de Nossa Senhora do Rosário	74
FIGURA 14:	D. Lucinha, bandeireira da Guarda de Moçambique	76
FIGURA 15:	Batedor de caixa do Congo	78
FIGURA 16:	A porta da Capelinha. Ponto de encontro da Comunidade.....	80
FIGURA 17:	“Eu sou Arturo”	84
FIGURA 18:	Levantamento dos mastros.	88
FIGURA 19:	O Cortejo pelas ruas até a Igreja de N.S. do Rosário.....	90
FIGURA 20:	A Missa Conga	91
FIGURA 21:	O almoço no quintal da Casa Paterna	94
FIGURA 22:	Oração de agradecimento pelo almoço	95
FIGURA 23:	O andor de Nossa Senhora do Rosário	96
FIGURA 24:	O Congo Mirim.....	97
FIGURA 25:	Os caixeiros do Congo	99
FIGURA 26:	O Patangome	101
FIGURA 27:	As Caixas	101
FIGURA 28:	As Gungas.....	102
FIGURA 29:	O Bastão	103
FIGURA 30:	O Rosário.....	103
FIGURA 31:	O Rei e a Rainha do Império	104
FIGURA 32:	O altar da Capela da Comunidade dos Arturos	105

SUMÁRIO

<u>INTRODUÇÃO</u>	11
1. <u>OS ARTUROS: entre discursos e vida cotidiana, uma história que se revela nas práticas sociais</u>	18
1.1 Histórias do negro em Minas Gerais	20
1.2 Histórias de rebeldia	27
1.3 A religiosidade como lembrança e resistência	29
1.4 Os Arturos em Contagem	35
1.5 A vivência do Congado	43
1.6 As festas na comunidade	44
1.7 A festa do Reinado de Nossa Senhora do Rosário	45
2. <u>PRATICAR E APRENDER A/NA FESTA</u>	55
2.1 O percurso da pesquisa	56
2.2 Primeiros envolvimento: apresentação do projeto à comunidade e encontro com Anita	57
2.3 Abertura do calendário festivo da Comunidade	58
2.4 Os sujeitos da pesquisa: meus pesquisadores mirins	60
2.5 As crianças Arturos: entre escolhas teóricas, metodológicas e objetivos da pesquisa	64
2.6 Primeiras conversas entre os elementos teóricos e o cotidiano dos Arturos: a importância dos detalhes	67
2.7 O preparar a Festa: suas histórias e segredos	71
2.8 Participação: entre o observar, o fazer, o imitar e o aprender	75
2.9 A comunidade enfeitada: entre rosas e bandeiras a expressão da Fé	79
2.10 Percebendo a Festa como uma Comunidade de Prática e as contribuições deste novo olhar.	81
2.11 A Festa de Nossa Senhora do Rosário como contexto de aprendizagem	86
2.12 O Congo Mirim: a imitação como processo de aprendizagem	97
2.13 A relação dos Arturos com os objetos, com seus pares, dando vida à Festa	100
2.14 A observação como prática de aprendizagem	108
<u>CONSIDERAÇÕES FINAIS</u>	113
<u>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</u>	124
Anexo 1. Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE 1	128
Anexo 2. Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE 2	129
Anexo 3. Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE 3	130
Anexo 4. Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE 4	131

RESUMO

Este estudo explicita a intenção de pesquisar com os Arturos, uma comunidade que mantém vivas tradições negras do Brasil, localizada no município de Contagem/MG. Tem como objetivo compreender o festejar dos integrantes da Comunidade dos Arturos durante a Festa do Reinado de Nossa Senhora do Rosário, nas relações que se estabelecem no processo de engajamento destes sujeitos na preparação e vivência desta festa e suas implicações no tornar-se um Arturo. O cotidiano da comunidade mostrou-se um universo social riquíssimo que pode ser explorado a partir do enfoque teórico baseado na aprendizagem situada, proposto por Jean Lave e Etienne Wenger (1991) e na abordagem ecológica da experiência cultural proposta por Tim Ingold (2000). Foi realizado um estudo etnográfico, buscando mergulhar na prática festiva dos Arturos a fim de focar nas nuances do festejo e poder vivenciá-lo de forma intensa. Foi utilizado para isto o recurso do caderno de campo, de entrevistas informais e semi-estruturadas e de uma rica experiência com a oficina de fotografia. A partir da história apropriada por seus atores e revelada nas práticas que são revividas cotidianamente foi possível mergulhar na Festa de Nossa Senhora do Rosário da Comunidade dos Arturos revelando suas práticas, suas aprendizagens e identidades. O tornar-se Arturo revelou-se como constituinte de uma aprendizagem na prática, influenciada sistematicamente por ações cotidianas nas quais fazer/aprender envolve relações de poder, acordos, negociações e conflitos inerentes a vida social. Nesse envolvimento festivo, comunitário e identitário constitui-se, cotidianamente o tornar-se um Arturo.

Palavras-chave: Arturo, Festa, cotidiano, aprendizagem, identidade.

ABSTRACT

This study has the intention to research the “*Arturos*”, a community located in the district of Contagem, MG that keeps the traditions of black Brazilians alive. The objective of this study is to understand the celebration of its members during the “*Festa do Reinado de Nossa Senhora do Rosario*” (*Feast of Our Lady of the Rosary Festival*), the relationships that are established in the process of engaging these individuals in the preparation and involvement alongside this festival, and its implications on becoming an “*Arturo*”. The community’s daily life reveals a rich social universe that can be explored from the theoretical approach based on the situated learning proposed by Jean Lave and Etienne Wenger (1991), and on the ecological approach of the cultural experience proposed by Tim Ingold (2000). An ethnographic study was conducted seeking to delve into the festive practices of the “*Arturos*” in order to focus on the festival’s nuances and experience it intensely. The information gathering methods used in this study were the field notebook, informal and semi-structured interviews, and a rich experience with a photography workshop. From the community history and daily revived practices, it was possible to dive into the *Arturos* celebration of the “*Festa de Nossa Senhora do Rosario*,” revealing their practices, their learning and identities. Becoming an “*Arturo*” revealed itself as a constituent of the learning practice process, systematically influenced by daily actions in which to do/to learn involves power relationships, agreements, negotiations, and conflicts inherent to social life. The act of becoming an *Arturo* involves this festive, communal, identity, and daily involvement.

Key Words: Arturo, festival, everyday activities, learning, identity.

INTRODUÇÃO

“Sou um Arturo, sou filho do Rosário, ele me protege do mundo”.

Assim se apresentaram os Arturos, quando de minha primeira visita à comunidade. Descobrir o percurso para se constituir um Arturo me intrigou desde o início. Que sentimento é este que emerge na relação com o outro, ocupando espaço, tornando-se presente e forte? Aprende-se a ser Arturo? Essas questões borbulhavam em minha mente e me fizeram buscar adentrar neste mundo de luta, de resistência, de coletividade. Muito pouco sabia sobre o cotidiano dessa comunidade, suas práticas e suas festas. Esta ignorância se mostrou muito positiva, pois possibilitou uma entrada em campo repleta de curiosidade o que foi motivo, além de muitas risadas de meus anfitriões¹, de uma receptividade acolhedora e rica.

Mas por que os Arturos?

Durante a graduação, pesquisei sobre a construção e realização de ruas de Lazer e sua contribuição na formação de seus participantes. Concluí estes estudos intrigada sobre a influência destas práticas no cotidiano das pessoas. Entrando para o espaço escolar, percebi entre meus alunos, crianças do Ensino Fundamental da cidade de Contagem, muita resistência em assumir uma identidade negra. Então decidi investigar se o brincar festejando e/ou festejar brincando poderia ter influência na construção de uma identidade positiva.

A partir de 2003, com a promulgação da Lei 10.639 que torna obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares, abriu-se espaço para que se expandisse o

¹Utilizarei esta denominação para meus informantes, por compartilhar com a ideia de Bergo (2011) referendada por Marcio Goldman (2009:130) que em seu ensaio sobre as histórias, devires e fetiches das Religiões Afro-brasileiras nos faz perceber que as pessoas que encontramos em nossos trabalhos de campo não são “informantes”, mas “atores dotados de reflexividade própria, ou seja, teóricos, com os quais podemos e devemos tentar dialogar e aprender”.

Num jogo de palavras o uso do termo “anfitriões” nos remete também à Festa e a como os Arturos se sentem durante ela.

estudo da cultura africana e afro-brasileira. Mesmo que ainda de forma tímida, houve repercussões pedagógicas importantes no sentido do reconhecimento pela escola da necessidade de valorizar a história e cultura da população brasileira, buscando também reparar danos provocados pela omissão da contribuição dos africanos e afrodescendentes na história e formação do povo brasileiro.

A resistência de meus alunos continuava a inquietar-me e estudando sobre o continente africano, ausente em minha formação escolar, assim como, ainda hoje, na formação dos meus alunos, percebi ser urgente que começemos a nos responsabilizar por isso, resgatando uma memória própria do povo africano, indo além da reprodução de uma história corrompida e preconceituosa que apresenta o continente africano sem memória.

Surgiu então a ideia de construir um projeto de estudo com a intenção de pesquisar com os Arturos, uma comunidade que mantém vivas tradições negras do Brasil localizada no município de Contagem/MG. Buscar entender que relações emergem a partir da participação desta comunidade na festa do Reinado de Nossa Senhora do Rosário, sabendo que esta participação é construída na relação com seus pares influenciados pela estrutura de rede social (família, comunidade, escola...), processos educativos e acesso a bens materiais e culturais.

Pretendia, então, entender como se daria o acesso a esta festa do Rosário pelos integrantes da comunidade. Busquei dialogar com estudos sobre a Comunidade dos Arturos, dentre eles, destaco o livro de Gomes e Pereira (2000) “Comunidade dos Arturos, negras raízes mineiras”, que descreve a história da comunidade, uma história de resistências cultural e vital, a dissertação de Santos (1997) que buscou retratar o processo de construção da subjetividade de adolescentes dos Arturos “Os sons do rosário” que decifra letras e músicas do Congado mineiro da etnomusicóloga Glauro Lucas (1999) e os estudos de Rubens Silva (1999) e Júnia Silva (2002) que buscam fazer um contraponto entre a ligação do catolicismo e a religiosidade do congado, estudando a construção da identidade negra no Congado mineiro. E, partir do que já tinha sido proposto, busquei trazer à tona sob a lente do Lazer aquilo que emerge das relações dos Arturos com suas festas e com o mundo.

Meu universo é o chão da escola e não fiquei imune à naturalização de um modelo escolar limitador das formas de pensar e agir dos sujeitos. Minhas leituras iniciais me direcionavam a ir a campo para descobrir o “manual de instrução” que era “transmitido” aos pequenos para se tornarem Arturos. Minha primeira ideia era descobrir o passo a passo de ser um Arturo, refletindo a proposta escolar que Luciano Mendes de Faria Filho, citado por Bergo, nomeia como escolarização do social, caracterizada pelo “processo e a paulatina produção de referências sociais, tendo a escola, ou a forma escolar de socialização e transmissão de conhecimentos, como eixo articulador de seus sentidos e significados.” (2003:78 *apud* 2011: 15).

Ledo engano. As reflexões feitas após a leitura de produções etnográficas realizadas sobre outras práticas sociais, como o boxe (WACQUANT, 2002), a pesca (SAUTCHUK, 2007), o futebol (FARIA, 2008), os malabares nos sinais (CAMPOS, 2010), a dança (RESENDE, 2011) e principalmente sobre o terreiro de Umbanda (BERGO, 2011) me ajudaram a olhar para a comunidade dos Arturos e para suas festas como um universo social privilegiado e que poderia ser explorado a partir do enfoque teórico baseado na aprendizagem situada, proposto por Lave e Wenger(1991) e na abordagem ecológica da experiência cultural, proposta por Ingold(2000).

Este movimento deslocou e ampliou meu foco da pesquisa, proporcionando que novos questionamentos emergissem. Não buscava mais a receita para se tornar um Arturo, mas compreender o festejar dos integrantes da Comunidade dos Arturos durante a Festa do Reinado de Nossa Senhora do Rosário e como e quais relações se estabeleciam com a sua identidade étnica a partir do processo de engajamento destes sujeitos na preparação e vivência desta festa e suas implicações no se tornar um Arturo.

Tornar-se um Arturo é mais que seguir uma tradição, não é dom, vocação ou aceitação de um destino inevitável. O cotidiano daquela comunidade mostrou-se extremamente fértil em possibilidades de pensar muitas e distintas questões tão interessantes quanto urgentes ao campo de pesquisa em Lazer².

² Entendendo o Lazer aqui como perspectiva de olhar que busca romper com dicotomias, que permite olhar pra este cotidiano rompendo com os dualismos trabalho/tempo livre; trabalho/cultura.

Para atingir o objetivo desejado optei por uma pesquisa de caráter qualitativo. Como um dos tipos de pesquisa qualitativa, o estudo de caso numa perspectiva etnográfica mostrou-se a abordagem metodológica mais adequada para a realização desta pesquisa, trazendo a possibilidade de retratar situações que emergiam das relações e na participação da comunidade nos festejos, significados das brincadeiras e os reflexos em sua cultura, percebendo esta cultura, como sugere Clifford (1998), como uma construção multivocal, que percebe a diferença como um “efeito de um sincretismo inventivo” (p.19). Admito minha “ousadia” em mergulhar neste universo da Antropologia sem nunca antes ter pisado neste terreno. Seguindo a sugestão de Velho (2010), decidi “correr o risco” colocando-me como duplo aprendiz: dos meus mestres acadêmicos e dos meus mestres no campo, buscando construir não uma etnografia que representasse ou espelhasse os Arturos, mas sim que “atestasse” sua presença, que fosse portanto “participante da presença e que, por isso mesmo, não pretendesse se confundir com ela.” (VELHO,2006:12) Não foi o caso de tornar-me Arturo, mas de conversar com eles, compreendendo o que vi, ouvi, cheirei, toquei. Busquei, enfim, “não tanto o estudo *de* pessoas, e sim um modo de estudar *com* as pessoas”. (BATESON, 1980 apud VELHO,2006:5)

Foi uma grande aventura: descobrir que não deveria ir a campo “buscar respostas” ou “confirmar teorias”, mas buscar um diálogo entre teorias acadêmicas e nativas. Como afirma Peirano (1992)

(...)A pesquisa de campo implica um confronto de diferenças. (...) todo bom antropólogo aprende e reconhece que é na sensibilidade para o confronto ou o diálogo entre "teorias" acadêmicas e nativas que está o potencial de riqueza da antropologia. (p.10)

É imperioso esclarecer, contudo, que não tive a pretensão de, em tão poucos meses, tornar-me uma antropóloga. Procurei construir uma etnografia possível, de acordo com minha maturidade como pesquisadora neste momento.

Foi delicioso fazer junto, oportunizar a co-autoria, fazendo com que meus anfitriões se percebessem, se identificassem e se vissem em cada palavra escrita, em cada gesto descrito, em cada cena contada. Busquei, enfim, que minha escrita etnográfica, como sugere Clifford (1998), fosse polifônica, que representasse adequadamente a “autoridade” dos sujeitos pesquisados, pensando na ideia de uma “autoria plural”.

A partir deste entendimento do fazer etnográfico busquei, no contato com a comunidade, observar, participar do cotidiano de alguns integrantes Arturos: crianças, jovens e adultos, bem como da festa do Reinado de Nossa Senhora do Rosário, desde sua preparação, organização e realização, estando atenta a como cada um destes sujeitos vivencia estes momentos. Adotei a proposta de Bergo (2011) que, a partir dos estudos etnográficos de Loïc Wacquant³ nos quais inverteu a ideia de observação participante para uma **participação observante**⁴, tornou-se “observadora, objeto e sujeito da observação” (p. 19). A partir de então, meu trabalho de campo se dividiu em participações observantes tanto nas reuniões das senhoras para a confecção dos ornamentos para as festas, quanto nos encontros na capelinha para o “*pregar bandeirinhas*” e organizar o altar até se concentrar exclusivamente, nos três dias da Festa de Nossa Senhora do Rosário e posteriormente na análise desta festa junto aos meus anfitriões.

Minha participação transformou-me em *pregadora oficial de bandeirinhas, na moça das rosas*. Sem perceber me via cantando e dançando Congado, sendo observada e corrigida a cada palavra errada, a cada erro rítmico.

Busquei mergulhar nesta prática festiva a fim de focar nas nuances do festejo e poder vivenciá-lo de forma intensa. Utilizei para isto o recurso do caderno de campo, de entrevistas informais e semi-estruturadas e de uma rica experiência proposta por Campos (2010), a oficina de fotografia. Num primeiro momento, entreguei máquinas fotográficas a alguns de meus anfitriões e pedi que eles fotografassem durante a festa cenas, objetos, pessoas que fossem marcantes pra cada um deles. Ao final da festa recolhi as máquinas, revelei as fotos, e sem vê-las previamente marquei encontros com cada um dos “fotógrafos” para um bate-papo sobre seus registros fotográficos. No capítulo II serão descritos com maiores detalhes os pormenores desta experiência.

Por fim, é necessário destacar que esse estudo não pretende apresentar o passo a passo para a construção de uma identidade negra positiva, ou como tornar-se um Arturo, mas sim permitir novos olhares para a prática do Congado, para os sujeitos da pesquisa

³Sobre o trabalho do autor ver: WACQUANT, Loic. **Corpo e alma**: notas etnográficas de um aprendiz de boxe. Tradução Ângela Ramalho, Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

⁴ Neste texto as expressões conceituais e teóricas estarão grafadas em negrito. Para as expressões e conversas dos sujeitos pesquisados transcritas no texto utilizarei o recurso gráfico *itálico* e as falas mais longas serão recuadas do texto.

e para nós mesmos, nas nossas relações cotidianas de aprendizagem. Assim, como ressaltado no trabalho de Faria (2008, p.216), problematizar essas questões sobre a aprendizagem permite ampliar a compreensão sobre esse fenômeno e também sobre a própria escola.

Este trabalho está organizado em dois capítulos que me possibilitaram revelar discursos e práticas que emergem de histórias contadas, recontadas, apropriadas, que permanecem em práticas que são revividas cotidianamente. Este contexto me possibilitou mergulhar na Festa da Comunidade, na Festa de Nossa Senhora do Rosário, participando de suas relações, suas aprendizagens e identidades.

Seguindo este movimento, no primeiro capítulo descrevo como as pesquisas históricas retratam a comunidade dos Arturos, analisando a herança africana que permaneceu em Minas Gerais como forma de resistência, buscando minúcias da formação histórica da Comunidade dos Arturos que se revela na manutenção das tradições que sobreviveram apesar das pressões geradas pelo escravismo. Apresento também a *Grande Festa*, a Festa de Nossa Senhora do Rosário e sua importância para a comunidade, principalmente por ser nela que a religiosidade da comunidade transborda e seus integrantes se transmutam em *filhos do Rosário* potencializando a continuidade de suas raízes culturais e suas implicações para a afirmação positiva da identidade racial e para a vinculação e o pertencimento à comunidade. Busco também, trazendo para o centro da conversa a prática festiva, discutir as possibilidades de a festa trazer à tona histórias que também se revelam no cotidiano. Entendendo que a Festa pode ajudar a revelar identidades que se expressam no envolvimento, participação, aprendizagem e experiência cultural.

No segundo capítulo apresento meus anfitriões e sua Festa a partir do envolvimento e da participação, revelando seu ponto de vista e suas práticas. Mergulho no praticar e no aprender **a/na** festa, sua preparação, o estar no cortejo, o ser um membro do Congo, do Moçambique, do reinado, confrontando e relacionando aquilo que vi, ouvi e senti com os aspectos teórico-metodológicos buscando obter uma maior compreensão e (re)significação do referencial teórico.

Finalizo o estudo destacando as questões mais significativas ao longo desse trabalho. O tornar-se Arturo como constituinte de uma aprendizagem na prática,

influenciada sistematicamente por ações cotidianas, bem como as perspectivas e desdobramentos que emergiram desse estudo e as contribuições para minha formação pessoal e profissional.

1. OS ARTUROS: entre discursos e vida cotidiana, uma história que se revela nas práticas sociais

Neste capítulo busco trazer à tona estudos que retratam sobre a comunidade dos Arturos, analisando a herança africana que permaneceu em Minas Gerais como forma de resistência, buscando minúcias da formação histórica da Comunidade dos Arturos que se revela na manutenção das tradições que sobreviveram apesar das pressões geradas pelo escravismo. Apresento também a *Grande Festa*, a Festa de Nossa Senhora do Rosário e sua importância para a comunidade.

O porquê do fato histórico

Foi necessário me apropriar desta história que eu desconhecia e que meus estudantes também não conheciam e resistiam em conhecer. Esta resistência que produzia e ao mesmo tempo era produzida pelo desconhecimento desta história. Precisava contribuir para romper com a resistência de meus alunos. Este sentimento me fez pesquisar sobre esta história. Eu precisava conhecê-la.

Não poderia me aproximar dos Arturos, que possuem uma marca de ancestralidade tão forte, sem compreender que uma rica história está por trás desta ancestralidade. Uma ancestralidade marcada por uma história de negros que vieram pro Brasil e que deixou marcado em seus descendentes todo este passado de luta e resistência que eles revivem em seu cotidiano. Um cotidiano que revela um exercício contínuo de lembrança desta história. Lembrança que não representa um continuar a ser o que eram os ancestrais, mas sim um movimento de realimentar-se, reconhecer-se, reproduzir-se, reinventar-se, oportunizando um festejar sem esquecer uma história que faz parte da sua história e da sua experiência.

Haveria outra maneira de contar esta história? Contar uma história ao lado e para além de uma história contada pelas representações sobre, pelo discurso? Tornou-se fundamental ir além das representações, reconhecendo uma história que permanece como experiência de lembrança e que se produz de forma criativa e inventiva

cotidianamente. Trazer esta historia revelada no cotidiano dos que sabem que ela foi vivida por seus antepassados e que se reflete e se revive na sua vida diária.

O revelar-se do fato histórico

Estudar os Arturos implica no entendimento de sua constituição como uma das inúmeras formas de resistência do negro escravo em Minas Gerais que se revela na manutenção das tradições que sobreviveram apesar das pressões geradas pelo escravismo.

Para a compreensão deste processo, a obra de Núbia Gomes e Edmilson Pereira⁵ torna-se um instrumento fundamental de pesquisa. No livro *Negras Raízes Mineiras*, os autores analisam a herança africana que permaneceu em Minas Gerais como forma de resistência, buscando minúcias da formação histórica da Comunidade dos Arturos. Este primoroso e detalhado estudo constituiu uma primeira base histórica de minha pesquisa.

Ao percorrer o caminho histórico de resistência do negro em Minas devemos nos atentar para não cometer o erro de querer buscar nos Arturos um “africanismo puro” ou um “agrupamento genuíno” como nos orienta Bastide (1985). Isso nos levaria a ignorar a interferência do tempo e o processo de aculturação. Os Arturos conservam sim valores africanos em suas representações. Nas festas, como *filhos do Rosário*, estão fortemente ligados ao passado e à Terra-Mãe. Em sua vida diária trabalham e enfrentam as dificuldades dos trabalhadores de baixa renda que compõem a grande massa operária do nosso país. Eles transitam, pois, entre o profano e o sagrado: no dia a dia entregam-se ao duro trabalho para sobreviverem, experimentando a fraqueza decorrente da individualidade; nas festas são os *filhos do Rosário*, tornando-se totais e eternos, fazendo transbordar uma consciência coletiva, que os faz Arturos, negros, filhos de África.

Harvey Cox (1967), em sua teoria da festividade nos diz deste empoderamento do “*homo festivus*” que rompe os limites de sua condição para festejando superar as dificuldades, fortalecer-se. A festa torna-se o elo místico entre os indivíduos. Nesta atmosfera festiva o traço familiar se transforma em aliança, trazendo à tona a

⁵ GOMES, Núbia Pereira de Magalhães; PEREIRA, Edmilson de Almeida. *Negras raízes mineiras: os Arturos*. 2ª. Ed. Juiz de Fora: Universidade Federal de Juiz de Fora, 2000.

ancestralidade. Festejando juntos, os Arturos permanecem grupo. Pela festa o oprimido se faz poderoso. A afirmativa de Cox é esclarecedora:

Observando-se a religiosidade dos pobres e dos negros na América fica evidente que a habilidade de celebrar descontraidamente é mais encontrada entre as populações a quem não é estranho o sofrimento nem a opressão. Tudo isso nos sugere que a verdadeira celebração não foge diante da realidade da justiça e do mal, mas se realiza de maneira autêntica onde se reconhecem e superam realidades negativas e onde elas não são evitadas. (1967:29).

Para Gomes e Pereira (2000), a religião “surge no momento da festa como a força que chega ao homem humilde sem reduzi-lo a um mero repetidor de fórmulas e orações. A festa reinstaura o espaço mítico onde a fé se apresenta em sua acepção mais profunda, integrando o homem com o seu semelhante e com o seu deus.” (p.139)

1.1 Histórias do negro em Minas Gerais

Ainda fundamentada em Gomes e Pereira (2000), acredito que a história do negro em Minas deva ser analisada sob dois aspectos: o ponto de vista do senhor e o ponto de vista do negro escravizado. As óticas são distintas e se tensionam. Sob a ótica do senhor, a história escravista de Minas se baseia na exploração, a partir do século XVIII, dos recursos minerais localizados na capitania. O negro escravizado destacava-se pelos seus atributos de máquina produtiva.

A sociedade era considerada propícia para a ascensão social deste escravo. A igualdade inspirada pela ilusão de enriquecimento na região das minas evitava que eles se insurgissem contra as ordens dominantes. Essa ascensão virtual reforçava as bases do sistema escravista através do enfraquecimento de reação dos oprimidos. As fugas e os quilombos eram documentados e interpretados pelos testemunhos do sistema opressor, através dos capitães do mato e dos emissários do governo.

A história nos foi contada sem que se levassem em conta as contradições causadas por essas ilusões. Os relatos da “esperteza” do cativo em conseguir o ouro a partir do “raptó” do mesmo nas carapinhas e que a partir deste ouro capturado fosse

possível a compra de sua tão sonhada liberdade, nos deu a falsa impressão de que esta ascensão pudesse efetivamente ter se concretizado, ocultado assim as reais condições em que muitas alforrias foram concedidas, não trazendo à tona a violência inerente às relações entre senhor e escravo: verdadeira engrenagem responsável pela dinâmica do sistema escravista.

Estudiosos mais atentos constataram que este “rpto” dificilmente resultaria em um saldo suficiente para a compra de sua liberdade. Esta visão iludida só fez esconder a real perversidade do confronto do escravo forro com a estratificação social e racial instaladas na capitania. Boschi (1986) afirma que uma “sociedade escravocrata e regida por privilégios não pode ser igualitária” (p.154). Registros cartoriais da época pesquisados por Gomes e Pereira (2000) jogam por terra a suposta suavidade do nosso sistema escravista, expondo que o acesso do negro escravo às camadas superiores foi desde sempre impedido por uma legislação repressora.

Em seus estudos Gomes e Pereira (2000) afirmam que a ação repressora do Estado cerceava as manifestações que definiriam a identidade dos negros escravizados. O código criminal de 1831 “tolerava” que os cultos fetichistas dos escravos se realizassem entre os muros das senzalas, para não ferir a ordem pública e desde que respeitassem o Estado. Esta “liberdade religiosa” era facilmente contrastada pela coerção violenta imposta aos negros impedindo-lhes a ocupação de um espaço público para a realização de suas manifestações religiosas. A partir disso, é possível compreender o processo de degradação por que passaram as populações negras, à medida que a violência sobre elas exercida as impedia, quase sempre, de resguardar a individualidade dos seus integrantes.

Uma nova interpretação do sistema escravista brasileiro, dando voz ao sujeito escravizado, tornando-o autor de sua história, nos leva a um desvelamento da teia ético-legislativa maquinada pelo Estado na época da colônia e no período do Império, para justificar a legalidade do uso compulsório da mão de obra escrava. Não se justifica nenhum pudor no tratamento destes fatos, uma vez que a história do negro no Brasil é marcada por uma resistência que busca não esconder a dilaceração sofrida no passado e não cauterizada de todo no presente. A insistência na verificação do uso da violência no sistema escravista se justifica por compartilhar com Gomes e Pereira (2000) no

entendimento de que “o homem se faz ao lançar-se para o outro, obtendo dessa interação subsídios que promovam sua alteridade atuante no meio em que vive” (p.57).

Gomes (2003) nos alerta quanto a isto afirmando que

(...) qualquer adjetivação da cultura, seja cigana, judaica, indígena ou negra, é uma construção social, política, ideológica e cultural que, numa sociedade que tende a discriminar e tratar desigualmente as diferenças, passa a ter uma validade política e identitária. A cultura negra possibilita aos negros a construção de um "nós", de uma história e de uma identidade. Diz respeito à consciência cultural, à estética, à corporeidade, à musicalidade, à religiosidade, à vivência da negritude, marcadas por um processo de africanidade e recriação cultural. Esse "nós" possibilita o posicionamento de negro diante do outro e destaca aspectos relevantes da sua história e de sua ancestralidade. (p.80)

No caso do senhor de escravos, assumindo a postura de “dono” ele rompia este processo de interações, instaurando-se a partir disso a violência social tão ocultada pela legislação repressiva e ignorando as tensões de um momento histórico marcado pelas disparidades sociais.

Não é o caso aqui de, ao dar voz ao sujeito escravizado, criar mitos que sustentem uma falsa historicidade sobre suas experiências, mas simplesmente, e não é pouco, tornar legítimas as relações entre os fatos e a interpretação que se faz deles. Eugene Genovese nos diz disso no livro de Cardoso (1987)

...embora os oprimidos possam precisar da História para identidade e inspiração, precisam acima de tudo da verdade acerca do que o mundo fez deles e do que ajudaram a fazer do mundo. Só este conhecimento pode produzir aquele sentido de identidade que deve constituir inspiração suficiente; aqueles que pretendem que a História forneça momentos gloriosos e heróis são levados invariavelmente a cometer erros catastróficos de avaliação política. (p.28).

Estando, então, o negro escravizado e seus descendentes no centro da página eles assumem não a postura unilateral do senhor, mas sim uma postura dialética do oprimido, que considera a repressão como força integrante de sua realidade, na perspectiva de que, a partir do momento que a conhece, que a identifica, pode superá-la. E isto é claramente verificado na comunidade negra dos Arturos, a partir da análise de seus cantos, suas danças, suas histórias.

Para Gomes e Pereira (2000) reconhecendo-se na História, o descendente negro reelabora sua trajetória tomando como ponto primário o passado de seus ancestrais, desde a diáspora africana, perpassando pela imposição escravista até a atualidade, quando consegue, enfim, conscientizar-se amplamente da violência sofrida. A reflexão sobre cada passo desta trajetória histórica pode ser “o caminho para o desvendamento e o realce de uma identidade do negro. Decifrando-se como homem, ele se revela para o outro também como parte integrante e ativa de seu meio social”. (p.58)

E é este revelar-se, parte integrante de sua teia de relações, que contribui para a interação étnico-cultural deste sujeito. Interação que, demonstrado por fatos históricos, escapa do discurso cristalizado do privilégio de uns em detrimento da participação de outros e se resolve a partir do dinamismo destas relações, obtido particularmente pela resolução precária da sociedade do presente pelos conflitos mais graves sobre os quais se ergueram as sociedades do passado.

Retirando o pó que recobria as páginas dos periódicos da época, Gomes e Pereira (2000) nos trazem a importância da imprensa na coisificação do negro, gravando no imaginário dos leitores a essência do evento anunciado. A imagem que a imprensa veiculava do negro é bem aquela sugerida por Sussekind (1982)

No campo da representação, da mesma maneira que no da ação social, trata-se da produção de uma imagem e um papel para o trabalhador negro no ponto de vista daqueles que lucram com o seu trabalho. Seja no plano de sua representação ficcional, seja no que diz respeito às suas possibilidades concretas de ação, a identidade do negro vem sendo construída pela fala daqueles que dominam. (p.16).

Um levantamento dos diários de época traz os anúncios de compra e venda como parte integrante de mais da metade do diário. E nestes espaços era feita uma combinação inescrupulosa de venda de objetos de uso pessoal como pianos, armários e aluguel de rapariga negra que lava, passa e cozinha. Ao leitor do século passado não causava nenhum embaraço essa combinação de “objetos”.

E, segundo Gomes e Pereira (2000), este é um dos lados mais perversos do sistema escravista brasileiro, se é que podemos dizer de algum que não o seja: identificar o negro como objeto passivo e submisso ante aos desígnios de seus proprietários. Privá-lo de sua herança cultural, dissolver-lhe o patrimônio de experiência

social trazido da Terra-Mãe significava por em prática um plano mais amplo de dominação que culminaria na reificação completa do negro escravizado. Considerando-o uma coisa destituída de valores e direitos, era natural que o cidadão, leitor do jornal, não se perturbasse com os anúncios lidos. Sem ignorar também que sendo o negro escravizado uma “coisa” o seu dono e senhor possuía direitos sobre ele, podendo alugar, vender ou alienar como bem entendesse. O direito de propriedade deixava o negro na dependência exclusiva das deliberações da legislação e dos beneficiários dela, seus proprietários.

Quando fugiam, os negros escapavam à condição de coisa, mas não perdiam a posição de propriedade. E os anúncios, solicitando a captura, realçavam principalmente as características físicas do fugitivo, cabelo crespo lábios largos, cheiro forte, desencadeando a depreciação de sua estética corporal, de acordo com a visão das ordens dominantes, e, estigmatizando-o pela cor da pele, construindo minuciosamente e perversamente uma imagem negativa do negro para a sociedade. Bastava que alguém apresentasse alguns traços de ascendência negra para ser considerado um cativo em potencial. Também os defeitos físicos eram realçados nos anúncios para facilitar a identificação e captura, fato que pra além dos objetivos propostos, denunciavam uma população mutilada devido à violência sofrida no interior das senzalas.

Gomes e Pereira (2000) afirmam que a imagem reificada do negro era sempre a mesma, um clássico, o que tornava fácil a fixação na mente da população: o escravo com a trouxa às costas, indicando-o como fugitivo. Ressaltava-se sua cor preta, associada aos "defeitos" externos como falta de dentes, pés feios, mãos calejadas, boca beijuda. O fato de “tomar pinga” também contribuía para a construção deste estereótipo pejorativo até hoje dominante. O sistema escravista educara a sensibilidade dos leitores ante a esta imagem negativa. A reação frente ao fato era não de contestação frente à realidade social, mas de repúdio à desordem promovida pelos fora da lei.

Pela imprensa, o Senhor sempre falou do seu “objeto”. Para vender, alugar ou capturar era a voz do patrão falando da sua “coisa”. Este fato criou uma interdependência que era comumente rechaçada pelos Senhores, que, incomodados criavam diversos procedimentos que os distinguissem dos seus escravos. Esses procedimentos ultrapassaram as barreiras físicas, atingindo o campo psíquico. Esta imagem tirava do negro o poder e a vontade próprios, auferindo-os ao seu senhor.

Para além de exaurir todas as possibilidades de degradação corporal do negro, novas fórmulas de recalçamento foram encontradas. Os diários traziam também entre suas seções de notícias, as teorias científicas em voga no momento como o darwinismo social, as teorias de Spencer e o positivismo de Comte, além de seus desdobramentos. E são estes desdobramentos que merecem destaque. O aspecto determinista das teorias priorizado pelos jornalistas da época justificava, por exemplo, a escravização dos negros vindos de África, por serem “verdadeiros homens fera” devido ao clima ter influenciado perigosamente sua personalidade e constituição física. A verdade científica da época levava ao determinismo teórico, permitindo assim o domínio dos africanos. Sendo produtos do seu climatério, eles estariam sempre na condição de alvo dos traficantes, eram escravos por natureza. Assim sendo, a legislação moldava para os negros uma imagem propensa ao “desacerto social à violência e a qualquer outro tipo de atitude degenerada, como o crime e o roubo”. (GOMES;PEREIRA,2000:69)

Mesmo buscando escapar deste estado de “coisa” através das fugas ou de outros mecanismos de sobrevivência, para a ciência isto só comprovaria sua má índole que, embora “educada” pelos senhores, não deixaria de se manifestar nas atitudes de seu portador.

A ideologia escravista atinge então seu ápice, segundo Gomes e Pereira (2000), quando buscou através do catequismo, “salvar” a negritude. Os catequizadores impunham ao negro escravizado que somente se salvariam para a eternidade, aqueles que morressem para suas tradições histórico-culturais. A ideologia escravista cercou-se de valores culturais etnocentricamente interpretados, atribuindo-lhes poder de interpretação unilateral. A ruptura dos laços familiares iniciada no continente africano com a mistura de negros de diferentes comunidades tornou-se também um eficaz artifício para minar as bases das principais tradições do negro. Mas, estes escravos, apesar da agressão ao seu espírito familiar e de seus descendentes, escapando ao processo de reificação absoluta, mantiveram a essência dos laços da instituição familiar. Conforme Mello e Souza (1982) “a família da gente livre pobre estruturou-se independentemente dos laços matrimoniais” no contexto histórico-social no século XVIII em Minas Gerais. (p.144)

Percebe-se então que foi criado todo um arcabouço legal, político e religioso para impedir o rompimento do escravismo. Cunha (1983) faz uma analogia da situação

situando o escravizado como a coluna vertebral sustentadora da sociedade da época, devendo manter-se em posição correta, para que não causasse dores ao corpo de seus Senhores. A legislação funcionava como remédio eficaz para reprimir os achaques desta parte essencial do corpo. Ser negro ou pardo para as leis em vigor já era indício de delinquência.

A reificação significou para o negro escravizado “uma progressiva desestruturação de suas tradições histórico-sociais”(GOMES;PEREIRA, 2000:80), tornando bastante estreitas e quase impenetráveis as portas que poderiam, conseguindo a liberdade, conduzi-lo a uma ascensão social. Nas relações sociais estabelecidas havia um abismo entre o “nós” proprietários seguindo um modelo eurocentrista e o “eles”, escravos “marcados pela inferioridade de uma origem ou ascendência africana”. (idem:81)

A escravidão em Minas traz peculiaridades que a diferencia do restante do país. O número de escravos possuídos ditava a distribuição de terra a ser explorada, o que aumentava a “sede” dos senhores em obter mais e mais escravos, alimentando o tráfico. O trabalho de mineração, característico da região, era exaustivamente mais penoso que o agrícola que se submetia ao ritmo das estações do ano e era característico de outras regiões do país como na Bahia. Além de alertar-nos para este pormenor, Bastide (1985) traz também como fato diferenciador a questão dos roubos de ouro e pedras preciosas, o que tornava os escravos mineradores “sujeitos a uma constante vigilância durante o trabalho e também nas horas de folga” (p.73). Esta vigilância reprimia também as manifestações culturais visto que também nas poucas horas de folga os negros tinham suas ações coibidas.

Além de muito trabalho, o negro escravizado via seu esforço apresentado como de pouca valia, menos digno. Estratégia utilizada pelos Senhores para mais uma vez, segundo Mello e Souza (1982) escapar da aproximação, socialmente indesejável, com o escravo. Renegar o trabalho das plantações e das minas dedicando-se a atividades compatíveis com sua posição social contribuiu para um aviltamento do trabalho, ampliando a imobilidade do escravo na hierarquia social. A ideologia escravista desvalorizava intencionalmente o trabalho do negro escravizado, usufruindo assim, de seus serviços, durante um período maior de tempo, sem ferir os dispositivos legais.

A caracterização do negro escravizado como etnicamente inferior e a degradação intencional de seu trabalho projetou-se na contemporaneidade da organização social brasileira. Para uma sociedade herdeira de um sistema escravista fundado na imagem negativa do negro, são inúmeras e profundas as implicações desta especificação. Como exemplo, podemos citar os anúncios de emprego que sutilmente atentam para a “boa aparência dos candidatos”, demonstrando padrões estéticos eurocêntricos. Gomes e Pereira (2000) afirmam que os jornais ontem, a imprensa de uma maneira geral, hoje, forja uma imagem negativa do negro na memória nacional como escravo e cheio de defeitos que respinga em seus descendentes, tornando-se dramática “a situação dos afro-brasileiros na medida em que o passado escrito pelos opressores testemunha contra a sua identidade étnico-cultural” (p.91). Consequentemente, desde àquela época, o negro se vê obrigado a provar sua igualdade em relação ao outro. Concordo com os autores quando dizem que

...espelhar-se no discurso viciado do opressor não nos parece a melhor fórmula para a criação de um discurso libertador. Para tanto é necessário desmascarar o discurso da opressão, deixando à mostra as suas vísceras corroídas, para que não se incorra nos mesmos enganos do passado. (p.67)

Essa reinterpretação permite resgatar outra imagem do negro, bem diferente daquela desenhada por seus opressores. E isto se tornará possível quando o negro deixar de ser apenas o resultado de uma escritura alheia para ser, como tantos outros sujeitos, o escritor de si mesmo. (p.75)

1.2 Histórias de rebeldia

Em uma determinada abordagem histórica, faz-se parecer que o negro aceitou passivamente sua condição de escravizado, com raros casos de rebeldia. Segundo Franz Fanon (1968), violência foi um instrumento fundamental do esquema escravista brasileiro. Escravizar e escapar desta condição acontecia utilizando muita violência. Opressor e oprimido travaram lutas de sangue. As reações do negro escravizado são fornecedoras de experiências para a formação de uma memória combativa do negro. Para Gomes e Pereira (2000) “resgatar essas reações significa reavaliar os aparelhos repressores do escravismo a partir daqueles pontos em que foram afetados pela resposta

contundente dos oprimidos, abrindo novas janelas para analisar as relações entre os envolvidos no esquema da sociedade brasileira do passado”. (p.94)

Neste jogo de domínio e fuga, as figuras dos traficantes de escravos, dos especuladores, dos feitores e principalmente dos homens do mato representavam a violência do opressor. O suicídio, o assassinato, a fuga e a formação de quilombos foram algumas das faces da resistência dos negros em resposta a esta violência. Resposta esta que não deixaria de manifestar-se como um gesto também de muita violência.

Segundo Moura (1981), o quilombo foi, comparado com as outras formas de rebeldia, “a unidade básica de reação do escravo”. A vitalidade dessas unidades era demonstrada por ser uma oposição coletiva ao sistema, por organizarem-se a partir de um modelo social paralelo e pela frequência com que eram construídos pelos fugitivos. O quilombo brasileiro surgiu em resposta às peculiaridades sociais geradas pelo sistema escravista implantado por aqui. Ele se diferenciou do quilombo africano que era utilizado como depositário de negros capturados para serem vendidos aos traficantes. Essa diferenciação é importante para que rompa com a ideia equivocada de que os quilombos brasileiros eram uma simples duplicação imediata dos quilombos africanos.

A importância dos quilombos no resgate da história dos negros no Brasil se dá pelo fato de que eles foram criados como modelo social que objetivava ser o oposto do modelo social existente, principalmente no que se refere à participação do sujeito negro. O sistema escravista aviltava o seu trabalho e sua imagem, negando-o como homem. No quilombo o negro resgatava seu direito de iniciativa de acordo com as normas que orientavam a ordem contestadora do escravismo.

É importante salientar e irei aprofundar nisto quando entrar na origem da Comunidade dos Arturos, que os Arturos não são remanescentes de quilombos, por mais que o modelo de resistência dos quilombos e a memória combativa do negro quilombola possam ser vistos em seus cantos.

Para conquistar a liberdade outro instrumento foi almejado e comprado a peso de ouro literalmente pelos negros escravizados: a Carta de Alforria. Sobre ela, Cunha (1983) esclarece que a liberdade obtida com sua compra não se fazia sem que ficasse

comprometida a real situação do liberto. Restava sempre um vínculo meio obscuro por traz das diversas formas de se obter a alforria, nunca era obtida uma liberdade plena.

As formas de reação do negro escravizado, da ação que feria a si mesmo até a ação coletiva, buscavam superar sua condição de objeto, negando a repressão do sistema dominante e atingindo a tão sonhada liberdade. Como afirmam Gomes e Pereira (2000), a leitura dos fatos do passado torna presente a experiência dos ancestrais, alimentando em seus descendentes a expectativa de superação da violência também enfrentada na sociedade atual.

1.3 A religiosidade como lembrança e resistência

A religiosidade popular é vista, ainda hoje, como folclore⁶, entendido, todavia, sob uma ótica pejorativa, primitiva, exótica, supersticiosa e desprovida de valor.

Sem entrar na discussão dos conceitos de folclore, concordo com Gomes e Pereira (2000) em não aceitar “a religiosidade popular como folclórica devido justamente à ambigüidade dessa caracterização, que poderia supor alguma forma de critério de valor” (p.29). Deste modo, é possível perceber a religiosidade dos Arturos não como algo menor, como o “catolicismo dos negros”, mas como uma readaptação do sincretismo afro-brasileiro à realidade de Minas no século XXI.

A violência marcada na trajetória do negro escravo em Minas no campo religioso se manifestava na obrigatoriedade de que ele adotasse um modelo de culto diverso de suas tradições, particularmente por causa da influência exercida pelas Irmandades nas inclinações espirituais e materiais dos indivíduos. Mas, se por um lado essa violência trouxe rupturas importantes com seu passado, por outro, o negro escravizado soube utilizá-la para seu proveito.

⁶ Entendido aqui como o conjunto das criações culturais de uma comunidade, baseado nas suas tradições expressas individual ou coletivamente, representativo de sua identidade social. Constituem-se fatos da identificação da manifestação folclórica: tradicionalidade, dinamicidade, funcionalidade (Comissão Nacional do Folclore,1995).

A religiosidade foi um instrumento primordial de sobrevivência e resistência da cultura africana em terras brasileiras. Ela apresenta diferenças resultantes de variantes regionais. Gomes e Pereira afirmam que em Minas Gerais o catolicismo de confraria⁷ possibilitou uma resistência caracterizada pelo seu lado mítico e que aos brancos deixava supor o desaparecimento da memória africana. A leitura que se faz hoje das festas religiosas dos negros segue uma diretriz interpretativa de resistência. A festa religiosa se transformou em um arcabouço de lembranças e importante instrumento de resistência, como bem nos lembra Renato Almeida (1971):

O negro da América tinha pouco tempo e muitas vezes nenhuma liberdade de cantar e dançar. E, para isso, devia ainda valer-se de mil subterfúgios. A reinterpretação que fez estabelecer o sincretismo religioso, não foi apenas oriunda de pontos de contato na invocação dos santos católicos e de seus deuses, mas por igual, um instrumento claro de defesa, afetando uma conversão não raro existente. (p.117).

Esta resistência foi sempre camuflada por ter nos sido apresentada sempre contada pelo outro. Aprendemos que havia um bom relacionamento entre senhor e escravo, tendo este último aceito sem maiores conflitos a cultura do branco como sua. Era um ou outro caso de “desobediência”. Mas trazendo à tona esta mesma história sob a ótica dos próprios atores e não daqueles que, em determinada lógica social, falavam sobre eles, a partir de uma visão de classe, branca, ela se reescreve contrariando a tese da convivência harmônica. Mello e Souza (1986) relata que Minas foi palco de inúmeros conflitos entre senhores e escravos. Aqui ocorreu a maior concentração de quilombos do período colonial brasileiro.

Ao trazer o negro escravizado para o “centro da página”, Gomes e Pereira (2000) relatam a dificuldade encontrada e o “caráter fragmentário das informações obtidas”. O sistema escravista brasileiro, ao coisificar o escravo, não lhe oportunizava o letramento, por isso a leitura dos documentos disponíveis teve que ser feita através da “penumbra que existe”, como nos alerta Moura (1981:13). O material disponível foi escrito sob a ótica do opressor e muitas vezes as inúmeras vozes oprimidas que se manifestavam traziam consciente ou inconscientemente o ponto de vista dos administradores e senhores de escravo como comprovam os estudos de Ciro Flamarion S. Cardoso (1980). Um exemplo é o discurso simplista do caráter protetor das

⁷ Ver SCARANO, Julita. 1978.

irmandades, as quais oportunizaram aos negros tomar consciência de sua condição frágil reivindicando melhorias. A aparente igualdade nas Irmandades mascarava a força do Senhor, a opulência nas festas religiosas da época escondia a enorme pobreza da população. No interior das irmandades mantiveram-se as oposições e contradições do sistema escravista.

A organização em torno das irmandades se baseava na situação social de seus integrantes. Salles (1963) em seus estudos sobre as “Associações religiosas no ciclo do ouro”, explicita claramente este fato ao afirmar que “erguida a Matriz, duas irmandades nasciam: Santíssimo Sacramento e Rosário, a primeira dos brancos, a segunda de negros escravos” (p.22).

As diferenças entre as irmandades eram evidenciadas principalmente no aspecto financeiro e patrimonial. As Ordens Terceiras, formadas por comerciantes abastados e intelectuais superavam em renda e benefícios as Irmandades do Rosário, formadas pelos negros e forros.

Segundo Gomes e Pereira (2000) a violência social que o catolicismo impôs ao negro era bem camuflada a partir de uma falsa igualdade jurídica entre as Irmandades que se desvelava na flagrante diferença social, econômica e racial expondo um estado de competição entre as associações religiosas. Nos cortejos e procissões já era possível observar as diferenças. Obedecia-se uma disposição hierárquica, à frente iam as Ordens Terceiras, seguida das confrarias, e no final as Irmandades do Rosário. Bastide (1985) exemplifica isso claramente. Segundo o autor,

A ordem do desfile é uma ordem de mérito crescente, onde o clero se coloca no meio como para assegurar, por sua situação mediana, a coerência e a estabilidade de uma sociedade tão misturada. De todos os pontos, este é o que mais nos interessa, as cores não se confundem; a Igreja aceita a estratificação social. (p.169-170)

As Irmandades oportunizaram ao negro filiar-se aos seus irmãos de raça e condição social, por mais que as investidas coercivas da Igreja e do Estado tenham dificultado a construção da ideia de um “corpo” social e religioso entre eles. Mesmo fragmentada, a religiosidade do negro se preservou como uma resposta de resistência às imposições dominantes.

Uma das principais características destas Irmandades era a eleição de reis e rainhas seguindo a tradição cultural dos povos africanos. Cabia a estas irmandades, auxiliadas muitas vezes pelas confrarias dos brancos Senhores, organizarem a festa para a padroeira. A realização destas festas era de suma importância para a manutenção e crescimento das Irmandades, uma vez que nestes momentos se atraíam novos fiéis que trariam provimentos financeiros e prestígio social.

Para o associado, ser coroado rei era importantíssimo, pois o Rei exercia influência sobre sua corte. Ao Rei cabia também dirigir e responder pelo bom comportamento de seus súditos. Ser coroado Rei significava, entre outras coisas, ter regalias e honras de cidadão durante seu mandato que durava um ano. Mas este formato de reinado, muitas vezes sugerido e até imposto pela Igreja, tinha um cunho politiquero, ou seja, antes de significar um avanço dos escravos em direção à igualdade social, representava um subterfúgio dos senhores para acalmar as revoltas servis.

A recusa a este formato de reinado denunciava uma não submissão dos escravos e forros ao modelo religioso imposto pelo escravismo e expôs a permanente tensão entre opressores e oprimido. Estas tensões foram minando as estruturas opressoras em Minas Gerais.

Subjugar o negro impondo-lhe o modelo “redentor” da religião católica não deixou de ser uma estratégia eficaz da sociedade escravista. Abrir sua Igreja e acolher o negro em sua religião oportunizando “momentos de ventura” (CARVALHO, 1985:33) com a promessa de vida eterna, funcionava como fator de alienação do escravo propenso a rebelião, incutindo-lhe antecipadamente uma sensação de culpa. Como bem descrevem Gomes e Pereira (2000), “adiar para o outro mundo a liberdade significava estar de acordo com a religião do senhor, não desagradando nem a ele, nem a Deus”. Convenientemente, “os momentos de ventura” anulavam os ímpetos de resistência. Em alguns casos os negros se engajaram de fato na nova crença, mas muitos deles, “não podendo renegá-la pela pressão por vezes violenta do modelo político-social vigente, realizavam-na de modo a não dissolver por completo as experiências religiosas ensinadas pela sua tradição”. (p.128)

O estudo de forma crítica da atuação das Irmandades não anula sua importância na história do negro em Minas. Foram inúmeras as contribuições na compra de cartas de

alforria, na assistência das Casas de Misericórdia, no amparo aos mortos, além do desenvolvimento intelectual e cultural da sociedade da época, mas não podemos não jogar luz ao fato de espelharem o contexto discriminatório de uma sociedade contraditória. Para os cargos de direção, por serem instituições de prestígio, não poderiam abrir espaço para sujeitos incultos ou de pouca instrução, o que eliminava os negros de qualquer possibilidade de almejar a ocupação destes espaços. Continuava ali, o espaço para a submissão. Ao ocupar cargos secundários, o negro submetia-se às decisões da mesa diretora e via-se obrigado a aceitar os dogmas de uma religião imposta de fora, gerando mais tensão entre as tradições culturais dos negros e dos brancos. Nas manifestações religiosas também lhe eram impostas restrições quanto ao uso dos tambores, quanto ao culto de seus deuses, o que significava não poder expressar sua religiosidade de forma plena.

A análise de estudos históricos nos leva a afirmar que em Minas, a influência das tradições africanas foi diluída se comparada com regiões como a Bahia, mas, isso não indicou o apagamento da experiência do negro em Minas. Ainda hoje, a configuração das Irmandades em Minas é repleta de ambivalências. “O conservadorismo e a subordinação à Igreja caracterizavam o espírito originário das Irmandades em Minas” (GOMES;PEREIRA,2000:137), restringindo a participação democrática de seus associados, baseando-se em valores estabelecidos no passado.

A tensão existente pelo controle rígido nas minas pela Coroa e consequentemente pelos Senhores auxiliou para que estas tradições fossem diluídas, provocando feridas na construção de uma resistência mais pontual, fazendo com que o negro utilizasse de artifícios para não ver seu passado apagado, mas ao mesmo tempo dando a entender o contrário para o mundo exterior.

Estes artifícios são outro ponto importante de análise. Pela dissimulação o negro parecia ser católico sem, no entanto abrir mão das heranças de seus antepassados. Essa dissimulação permitiu ao negro do passado e a seus descendentes vivenciarem os cultos católicos à sua maneira, não deixando de lado a memória que os remetesse ao passado.

Bastide (1985) afirma que os negros recorriam aos santos pelo fato destes terem tido uma vida terrena antes de alcançarem a glória. Isso trazia conforto e esperança. Os santos negros e as virgens negras “eram sentidos como ancestrais” (p.88). Essa era uma

tentativa do negro escravizado de superar o estado de inferioridade a que fora confinado. Era também “uma forma de retornar às matrizes de sua identidade que pulsava semente viva na aridez da escravidão”. (GOMES;PEREIRA,2000:150)

Nesse conjunto de forças que se entrecruzaram e se separaram, velando e desvelando a participação do negro na história de Minas, abre-se espaço para o estudo das tradições religiosas da Comunidade dos Arturos. Os Arturos não representam a totalidade das tradições negro-africanas no estado, mas a comunidade preservou com firmeza as heranças dos antepassados, colocando-se no fluxo da resistência do negro cerceado dentro das irmandades. Em suas cerimônias de coroação de reis e rainhas, nas orações e nos cantos tornam-se presentes os ensinamentos ancestrais que resistiram nos meandros do catolicismo. A memória passa a ser, então, uma ponte facilitadora para o resgate da identidade do negro fraturada pela violência do trabalho servil e pelas imposições religiosas. A vivência deste resgate gera uma visão própria do mundo que serve como sustentáculo estruturante do grupo familiar e religioso da Comunidade.

Os Arturos, sendo católicos em sua maioria, representam a imagem vigorosa de um catolicismo vivenciado pelo negro, mas sendo fortemente impulsionado pelas tradições dos antepassados.

Herdeiros da tensão religiosa e social presente na história do negro em Minas, os Arturos se mantiveram ligados à Irmandade de Nossa Senhora do Rosário, tradicionalmente vinculada aos negros escravos. A Irmandade do Rosário de Contagem seguia os preceitos dos compromissos redigidos no século XVIII. Os negros poderiam ocupar apenas os cargos não deliberativos como Rei, Rainha, Juíza por devoção ou Mordomos de mastro. Somente em 1972 o estatuto da irmandade foi modificado, criando a assembléia geral, atribuindo-lhe poder deliberativo. Representando um grande avanço, o novo estatuto dispôs também que qualquer membro da irmandade poderia se candidatar à presidência desde que fosse efetivo e com comprovada dedicação pelas causas da irmandade.

Estas novas determinações deram aos Arturos, como componentes das guardas de Congo e Moçambique, a oportunidade de participar da diretoria da associação. Isto vem sendo concretizado com a eleição de vários jovens Arturos para os cargos deliberativos, possibilitando que a comunidade participe não só da parte religiosa, mas

também assumindo por direito os setores civis da associação erigida em nome da padroeira dos homens pretos.

A ligação dos Arturos com a Irmandade é uma extensão dos laços criados entre a população negra e Nossa Senhora do Rosário, desde os primórdios. Na comunidade, o culto à padroeira dos homens pretos encontrou terreno fértil para sua vivência e reelaboração. A participação da comunidade dos Arturos na Irmandade se dá sob diversos aspectos, mas, sobretudo como continuidade da devoção herdada do pai Arthur Camilo.

É importante e necessário ressaltar a diferença entre ser um membro da comunidade e um associado da irmandade. Arturos são os descendentes do Sr. Arthur Camilo e seus familiares que se tornam ou não irmãos do Rosário dependendo da filiação ou não à Irmandade.

A Irmandade do Rosário vinculada à Comunidade dos Arturos tem marcado forte presença na tradição religiosa da cidade de Contagem. Como bem pontuam Gomes e Pereira (2000),

Os Arturos são atores de uma história estigmatizada pelo escravismo. O resgate da essência do homem negro significa responder à tolerância das ordens dominantes e da incompreensão religiosa que agrediu as formas de sagrado dos ancestrais. [...] No passado, os negros mantiveram intactas vozes de seus tambores, respondendo em surdina às opressões do escravismo. No presente, o canto dos Arturos reafirma sua identidade como forma de interpelar as arbitrariedades e a injustiça social. (p.206)

1.4 Os Arturos em Contagem

A Comunidade dos Arturos, localizada no município de Contagem, mantém vivas tradições negras do Brasil em pleno coração da Região Metropolitana de Belo Horizonte. O grupo tem a origem ligada ao negro Camilo Silvério, então escravo que chegou em terras mineiras no final do século XIX. São muito esparsas e incertas as informações de sua chegada e de como sobreviveu. Sabe-se que se casou com D.

Felisbina Rita Cândida, de quem pouco ou nada se sabe a respeito, mas que tem participação importante na memória afetiva da comunidade.

É a partir do filho deste casal, Arthur Camilo Silvério que as informações sobre a formação da Comunidade ganham corpo. Sua personalidade forte enriquecida pela intensidade da religiosidade aprendida com seus pais funcionou como elementos aglutinadores do grupo familiar. A figura de seu pai foi um importante símbolo de unidade. Arthur Camilo Silvério é o fundador da Comunidade dos Arturos, já no nome podendo-se atestar a força da ancestralidade que é o “arcabouço mantenedor da vitalidade dos Arturos contemporâneos” (GOMES; PEREIRA,2000:163). Dessa forma, a família é mantida e alimentada pela raiz inicial, o pai. Desde então, são mais de 120 anos de tradição. Atualmente os Arturos constituem uma comunidade com mais de 50 famílias, tendo atualmente uma média de 400 descendentes, em sua maioria instalada em seis hectares de terra no local denominado Domingos Pereira em Contagem.

A escassa documentação referente ao surgimento da Comunidade deu origem a algumas hipóteses que careciam de fundamento. Grupo remanescente de quilombo foi uma delas, mas a análise reconstitutiva elaborada por Gomes e Pereira (2000) juntamente com os filhos de Arthur Camilo nada revelou sobre esta origem quilombola. Os autores afirmam, a partir de uma pesquisa minuciosa, ser de origem familiar a constituição da Comunidade. Entre as fontes pesquisadas estão uma transcrição da certidão de pagamento extraída dos autos de arrolamento dos bens deixados por Camilo Silvério da Silva e Felisbina Rita Cândida passada para seus herdeiros, entre os quais constava o nome de Arthur Camilo. Consta do documento que os 6,5 hectares “de terras e campo de cultura, mais ou menos, situados no lugar denominado Domingos Pereira, na zona suburbana de Contagem, foram adquiridos por título particular datado de 2 de novembro de 1888” (GOMES; PEREIRA,2000:165). A hipótese mais merecedora de crédito é aquela contada pelos filhos de Arthur, de que a origem da Comunidade baseou-se na organização familiar, com a passagem do patrimônio material, cultural e religioso de uma geração para outra. Outro fator que fez com que os autores chegassem a esta conclusão foi a não presença de nenhuma história de quilombo na memória dos Arturos contemporâneos. Tendo tradicionalmente a oralidade como veículo transmissor do conhecimento de uma geração a outra, a reconstituição memorialística feita pelos filhos de Arthur Camilo aponta para uma origem realmente familiar da comunidade.

Arthur Camilo Silvério, falecido em 1956, com 76 anos, viveu os resquícios da escravidão no Brasil. Embora não fosse escravo, visto que a Lei do ventre livre data de setembro de 1871 e ele nasceu em 1885, é fundamental percorrer sua trajetória como filho de pai escravo.

Trabalhou em fazendas de Senhores que naquela época dominavam as terras do município de Contagem, ocupando-se da lavoura e do gado. Embora não fosse escravo, era tratado como tal. Sua vida foi marcada por muito sofrimento. Após a morte do pai, seu patrão e padrinho começou a maltratá-lo sem piedade, o que ocasionou sua “fuga” para uma região chamada Morrão, na Serra Negra. Ali conheceu sua esposa, D. Carmelinda Maria da Silva (1898-1983) e, decidido a começar vida nova, constituiu família, fixando residência na Mata do Cariangu, região situada entre Caracóis, Esmeralda e Betim. Mais tarde a família deslocou-se para Domingos Pereira, bairro que dista dois quilômetros do centro de Contagem. Foram nestas terras, então, que surge a Comunidade. Sr. Arthur e D. Carmelinda, casados em 1917, tiveram 10 filhos: Geraldo, Conceição (D. Tetane), Juventina (D. Intina), Maria do Rosário (Induca), José Acácio (Zé Arthur), Izaura (D. Tita), Antônio, Mario, João Batista e Joaquim (Bil).

Instalada a família nas terras de Domingos Pereira, Arthur Camilo busca o sustento dela como tropeiro, realizando viagens por regiões da redondeza, sempre se fazendo acompanhar por um dos filhos. A honestidade e a disposição para o trabalho foram características que marcaram plenamente a memória dos filhos. Nas festas da comunidade a figura do pai é reconstruída como um ponto permanente de referência no passado.

Seus filhos contam que o Sr. Arthur tinha por hábito, no retorno do trabalho reunir os filhos no terreiro e, com todos sentados no chão, contar e cantar histórias que hoje povoam a memória de seus descendentes e orientam seu modo de ser no mundo. A tradição da oralidade nos Arturos é ainda muito presente e é por meio dela que os mais jovens recebem o patrimônio cultural dos antepassados. Nos cantos e danças das Guardas do Congo e Moçambique, as crianças vão aprendendo a lição dos ancestrais.

O núcleo familiar foi o elemento fundamental e decisivo para o desenvolvimento do espírito comunitário nos Arturos. Atualmente a comunidade é formada por mais de quarenta casas. Alguns casamentos realizados fora da comunidade se incorporam ao

tronco veio como os filhos de Arthur costumam chamar o avô Camilo Silvério. Algumas destas famílias moram fora do espaço físico da comunidade, mas sem perder os laços com a família, marcam presença quase que diária na comunidade.

A memória do pai também é resgatada nos festejos e no cotidiano da família. Esta memória surge com a força dos antepassados que sobreviveram às opressões do escravismo em Minas. Reatualiza-se em seus cantos a história do negro, filho de escravo que fugiu da fazenda para o Morrão, constituindo família em nome da liberdade. O sofrimento do pai é revivido pelos filhos sinalizando sua tenacidade e resistência diante dos desafios do mundo. Como dito anteriormente, embora Arthur Camilo não fosse escravo foi sempre tratado com os valores sociais originários do escravismo. Os maus tratos do padrinho que levaram Arthur a fugir de suas terras dizem destes valores. E esta fuga cristalizou-se na memória de seus descendentes como exemplo de uma resistência a ser construída continuamente.

D. Carmelinda, esposa do Sr Arthur Camilo, foi essencial para o fortalecimento do núcleo familiar dos Arturos. Ela era um contraponto importante junto à figura do pai. Na memória dos descendentes o casal representava a síntese de uma moral familiar a ser preservada e transmitida para as outras gerações.

O respeito e a obediência foram fortes marcas do vínculo estabelecido entre pais e filhos. Jamais ousaram questionar-lhes a autoridade. Controle, fé, esperança e força foram legados deixados pelo pai, que nunca vislumbrou atalhos fáceis. Para sobreviver carecia lutar com dignidade. O dever sagrado de festejar o Rosário deveria ser cumprido, ainda que as forças dos jovens puxassem para outras possibilidades da vida cotidiana. A convivência em família, amando o grupo familiar garantindo a união foi a tônica do fundador da comunidade, a cartilha ensinada aos seus filhos.

A fixação em terra própria dava ao patriarca a tranquilidade de não ver os filhos passarem pelo sofrimento que passou. A casinha construída no alto do terreno é hoje o referencial da presença deles entre seus descendentes. Tudo parte dali.



FIGURA 1: A casa Paterna. Onde tudo começou.
Foto tirada por Fábio. 13 anos.Out/2012

Hoje os Arturos não vivem mais da lavoura e da criação de gado, como nos tempos do pai Arthur. Empregam-se em outras atividades fora da comunidade. Mas este fato não se choca definitivamente com a preservação das tradições culturais da comunidade. Os Arturos não vivenciam a tradição como um elemento fixo e imutável, pois entendem que “ela não poderia ser a repetição das mesmas sequências: ela não poderia traduzir um estado imóvel da cultura que se transmite de uma geração a outra”. Mesmo não manifestando conscientemente este pensamento, a comunidade sabe que “a actividade e a mudança estão na base do conceito de tradição”. (AGUESSY, 1980:105)

Os Arturos contemporâneos mantêm um relacionamento aberto entre o mundo externo e a força de seus ancestrais. Aderem às mudanças protegidos pelo escudo da história e tradição de seus ancestrais. Este escudo confere aos Arturos a consciência de serem partícipes de uma estrutura mais ampla, caracterizada pelas diferenças de classes sociais. Fora da comunidade “o Arturo é o negro que a sociedade aprendeu a olhar com desconfiança”. (GOMES;PEREIRA,2000:189). E, é a certeza dos laços familiares que garantem o sair, resistir a estes olhares e o retornar ao “porto seguro”.

Ser um Arturo, segundo os estudos de Gomes e Pereira(2000), é reconhecer-se como portador de uma história na qual o negro teve que fazer-se forte para vencer a opressão. Contemporaneamente a marginalização se mantém inalterada, tendo os Arturos a consciência de ser “gente humilde”, mas também forte componente do patrimônio identitário nacional, o qual tem o negro como um de seus componentes ativos.

As expectativas vividas pelos homens Arturos no mercado de trabalho começam a ser sentidas também pelas mulheres. O trabalho doméstico foi em grande parte substituído, ou melhor, acrescido do trabalho externo, sem com isso perder de vista a confraternização gravada na memória do trabalho comunitário na cozinha. No forno de barro, instalado na varanda da casa paterna, ainda são assados os biscoitos e as deliciosas receitas de D. Carmelinda para as reuniões da comunidade.

A família é, ainda hoje, o primeiro local de aprendizado nos Arturos. A criança tem nos pais e na lembrança dos antepassados o espelho onde mirar-se. A educação das crianças apresenta-se como um dos pontos mais profícuos para o entendimento da estrutura social dos Arturos, pois, em casa ela aprende desde pequenina a linguagem do corpo através das danças do Congado e na escola ela deve aprender a “disciplinar seu corpo”. Mesmo entendendo a dificuldade de se prever o resultado dessa duplicidade vivida, é a partir do confronto entre a cultura oficial aprendida na escola e a cultura repassada por seus antepassados que a criança vai formando-se como sujeito.

As crianças vivenciam nas festas a reatualização da presença de seus antepassados. Nas brincadeiras do cotidiano, a figura do mais velho como referência está sempre presente, seja ensinando uma cantiga, seja contando uma história. E esta presença não é vista como uma intromissão, mas como peça fundamental do jogo. A convivência se apresenta como um jogo que depende do outro para que aconteça.

Para Gomes e Pereira (2000) é assim que um Arturo se faz

...dançando, ainda pequeno nos braços da mãe ou do pai; acompanhando os batuques e as festas, como parceiro dos avôs, das tias e dos primos; participando dos jogos de adivinhações na cozinha; ouvindo os mais velhos quando cantam ou quando falam do tempo dos antigos. Na lição da convivência, as crianças aprendem a história dos ancestrais, preparando-se para escrever o capítulo do amanhã. (p.201)

Festejar para as crianças Arturos é uma manifestação do brincar. Preparar as bandeirinhas que enfeitarão o terreiro e a capelinha, ajudar na confecção dos quitutes, dançar, cantar, bater tambor, tudo para eles faz parte do universo do brincar. O brincar, sendo entendido como um conjunto de práticas culturais, sociais e históricas que possibilitam a experimentação do movimento, do corpo, da música, numa lógica de manipulação do mundo.

Oliveira (2007) nos faz entender os significados da brincadeira enquanto um processo de construção histórica e social quando afirma que

Na vivência de uma brincadeira estão a expressão e a produção cultural de um povo e nelas estão representados importantes saberes populares. De tal forma, a vivência de uma brincadeira constitui a prática social. Isto porque, são os seres humanos, situados historicamente, que constroem as suas brincadeiras e brinquedos e que, diante de valores questionadores ou reprodutores da sociedade, atribuem sentido e significado a sua prática e vivem uma experiência lúdica, na qual, certamente se dá uma aprendizagem social. (p.128)

O brincar, produção histórica e cultural, é um direito humano, um importante meio de aprendizagem “crítica” social, na qual as tensões, os conflitos e as demais dimensões da realidade social manifestam-se. (p.133).

Para entender em que medida a Festa do Reinado de Nossa Senhora do Rosário e o participar dela potencializam a continuidade de suas raízes culturais, suas implicações para a afirmação positiva da identidade racial e para a vinculação e o pertencimento à comunidade, é preciso estar atento às sutilezas do passado histórico do povo negro e como foram construídos, grão a grão, os alicerces de sua resistência, compreendendo qual o significado que os integrantes da Comunidade dos Arturos dão às suas festas e quais relações estabelecem com a sua identidade étnica.

Como dito anteriormente, o aniquilamento da memória cultural foi um dos mais perversos mecanismos de opressão impostos ao escravo. Um homem sem referência no passado dificilmente se sente preparado para olhar o futuro. As matrizes que possibilitam dar ao homem do presente ferramentas para recriar e enriquecer sua identidade orientando-o no mundo estão depositadas na vivência de seus antepassados.

A comunidade dos Arturos mantém acessa a memória de resistência de seus ancestrais escravizados como ponto vivo da liberdade a ser resgatada. A religiosidade

de seus membros é uma das características que acentuam o espírito de defesa das tradições negro-africanas aviltadas pelo escravismo.

A vivência do Congado contribui, segundo Gomes e Pereira (2000), para os Arturos formarem um quadro amplo de preservação e reelaboração das heranças dos antepassados. O catolicismo é muito presente, mas sem abdicar-se do legado dos ancestrais. As lembranças dos antepassados é uma característica marcante na comunidade, remetendo-a para as tradições africanas cultuadas pelos ancestrais. A vivência do Congado tem toda uma influência das tradições africanas. Em seus cantos e orações, os Arturos resgatam a linguagem dos antepassados. Linguagem essa que convive muito bem com a linguagem aprendida na vida cotidiana com a sociedade contemporânea, tendo como filtro a experiência comunitária, gerando assim, uma identidade própria para a comunidade e para cada um de seus integrantes.

Como eles mesmos dizem, o respeito pelo *que nossos pais fizeram antes de nós* resume uma parte da vivência dos Arturos. Os conhecimentos dos antepassados orientam a vida da comunidade, mas sem coibir a incorporação de novas fórmulas de relacionamento com o mundo. Servem como um porto seguro. Um local sagrado, materializado na capelinha do Rosário e na casa paterna, imantados de magia, onde os antepassados ressurgem com o chamado da fé, do canto e da dança.

Suas manifestações do Congado são singulares, profundas e significativas, por garantirem a existência de um perfil próprio que permite à Comunidade revelar-se para o mundo. Através de sua religiosidade particular os Arturos interpretam a problemática social na qual está inserido o povo negro e dialoga com a memória de resistência de seus antepassados.

A consciência de um passado de submissão estimula os Arturos a lutar contra a opressão atual. A resistência e liberdade de seus ancestrais comemoradas nas festas é o suporte que os fortalece na luta diária para valer os seus direitos. Reativando a memória combativa de seus antepassados através de seus cantos, os Arturos se reatualizam como atores de sua própria história, respondendo com força as estocadas do sistema opressor.

Somente reconhecendo-se parte de sua história o Arturo se sente preparado para apresentar-se como parceiro de outro nas relações sociais. O reconhecimento de sua

identidade é para cada integrante da comunidade o primeiro passo para perceber-se Arturo e aí sim lançar-se ao encontro deste outro sem ter suas particularidades violadas.

A vivência comunitária dos Arturos se oferece como modelo de superação de determinados conflitos sociais. A herança dos antepassados orienta-os para a extinção das segregações, mediante o respeito do direito do outro. Entretanto, a teia que envolve os homens nas sociedades de classes faz com que o grupo mobilize suas forças de resistência, abrindo-se e fechando-se em função das trocas a serem efetuadas. O perfil dos Arturos delinea-se com base em seus próprios punhos, em traços que valorizam o homem, os seus mitos e a vivência religiosa sustentada por eles. (GOMES;PEREIRA, 2000:516)

1.5 A vivência do Congado

Segundo Gomes e Pereira (2000) o Congado é uma festa, mas também um desafio. Chama para reza e para luta. Ser dançante do Congado é disponibilizar seu corpo para que nele ocorram as forças da ancestralidade. Os corpos que se movem dançando o Congado resgatam a caminhada dos negros, os fragmentos da história material e psicológica dos escravos. A africanidade ali se faz presente. O dançar e o cantar tornam-se uma oração.

A história dos Arturos não se constrói a partir de um quilombo, e sim a partir do que eles têm de mais profundo e sagrado: A Festa do Rosário. A comunidade não se encontra parada no tempo. Seus integrantes estão inseridos no processo produtivo contemporâneo. Trabalham no comércio e nas fábricas de Betim, Contagem e Belo Horizonte. Vivem uma realidade de trabalho na qual experimentam inequivocamente o fato de serem portadores da pele negra, do cabelo crespo, dos traços fisionômicos que falam do continente africano e de seus ancestrais. Representam a tensão entre o passado – vivo nas comemorações religiosas – e o presente – que se apresenta revestido de preconceito e opressão, mas falam ao mesmo tempo a linguagem da contemporaneidade e da ancestralidade.

Esta ligação com a ancestralidade é que mantém unida a comunidade. Não são apenas *papai e mamãe* evocados nas cantigas, mas a ancestralidade como tal, desde os

tempos de África. África que canta no seu canto, dança no seu corpo, religando-o à Terra-Mãe de seus antepassados. A Festa do Rosário abre uma fresta no tempo do trabalho cotidiano e instaura um espaço-tempo mítico onde para sempre vivem os ancestrais. O brincar no Reinado do Rosário deixa de ser um simples representar, tornando-se um meio de afirmar o ser. Esta tradição herdada e reelaborada cotidianamente é o anteparo e a força promotora de sua própria identidade.

Para Gomes e Pereira (2000) o homem religioso que festeja retorna às suas origens, reencontra sua plenitude. Alimentando-se da fonte primordial, agrega em si forças de seus ancestrais e, quando retorna ao tempo profano, reintegra-se fortalecido ao cotidiano. Quando esta força se esvanece, nova festa acontece, permitindo-lhe munir-se de novas forças.

Cada membro da comunidade é um elo na corrente de Maria. A solidez desta corrente demonstra as resistências religiosas dos negros, tornando-se o santuário sagrado dos anseios de sua gente. O Arturo é filho de África, herdeiro da Terra-Mãe, que, participando da festa se sente reconduzido a ela, através da cultura de seus ancestrais. Ao dançar e cantar para a Mãe do Rosário, os Arturos se fazem filhos e irmãos na fé. Os movimentos, a palavra, o toque dos tambores, o som das gungas os aproximam de Deus. Na comunidade Arturos, cada um se sente partícipe do grupo porque dança junto, reza junto, cumpre cada ritual com disciplina, valorizando cada detalhe do vestuário, dos instrumentos, da dança, do canto. A festa para os Arturos é a exteriorização do sagrado.

1.6 As festas na comunidade

O modo de ser dos Arturos se expressa fundamentalmente nas manifestações artístico-culturais e celebrações do sagrado que a comunidade preserva e recria. A festa para os Arturos é “fator de aliança e elemento agregador da comunidade” (GOMES;PEREIRA,2000:215), assim, a análise do calendário festivo dos Arturos nos possibilita perceber a dimensão da importância destas festas para a comunidade,

principalmente a do Reinado de Nossa Senhora do Rosário, na qual a religiosidade da comunidade transborda e seus integrantes se transmutam em *filhos do Rosário*.

Promover as festas significa para os Arturos, não apenas relembrar o passado, mas é neste momento que recria a história sagrada de sua família e de seus mitos de origem. Festejar é o próprio sentido da vida. Cantar e dançar são um dever, um trabalho, uma missão, uma promessa. Foi assim que ensinaram os antepassados. A festa do Rosário permanece até hoje porque é compromisso de amor, uma função sagrada recebida pelos ancestrais. O amor à Mãe deve ser maior que tudo. Fato comprovado pela orientação dada aos filhos por Arthur Camilo, reproduzida por Gomes e Pereira (2000). A orientação era para que se ele morresse no dia da Festa do Rosário, deveriam levá-lo ao Campo Santo e depois voltar e louvar a Nossa Senhora.

As festas começam em janeiro com a folia de Reis; em março/abril abre-se o ciclo do Reinado; maio é o mês da festa da Abolição da escravatura; outubro é o mês da grande festa de Nossa Senhora do Rosário, período em que, para além da sua festa, a comunidade também participa em vários dos festejos de outras comunidades congadeiras; em dezembro há a realização do Ritual da Festa João do Mato, o encerramento do Ciclo do Reinado e a abertura do Ciclo natalino com a Folia de Reis.

As festas do ciclo do Reinado se caracterizam por serem festas de cortejo e simbolizarem o retilhar dos caminhos percorridos pelos antepassados. É um reviver a força de comunicação com o mundo dos que já se foram. Esta revisita significa renascer, retornar à Unidade. Roger Caillois (1979) lembra a recriação do espaço como importante elemento ritual, pois é a partir das trilhas dos ancestrais que cada um “refaz com piedade o itinerário que eles cumpriram, pára em todos os pontos onde eles fizeram autos e repete minuciosamente seus gestos” (p.105).

1.7 A festa do Reinado de Nossa Senhora do Rosário

A Festa do Reinado de Nossa Senhora do Rosário representa para os Arturos a concentração festiva da comunidade. Esta festa dura três dias, sendo considerada por

eles como a *Grande Festa*. Por sua vinculação com a comunidade negra do Brasil tornou-se a festa dos santos de cor, ou seja, São Benedito e Santa Efigênia.

A origem do culto à Nossa Senhora do Rosário está ligada, segundo Bastide (1985) a São Domingos Gusmão, tendo tomado corpo justamente na época em que os dominicanos foram para África introduzindo-o juntamente com a catequese nos grupos de negros escravizados. Este fato indica que o culto a ela e aos santos negros foi inicialmente imposto, “como etapa da cristianização, e considerado pelo senhor negro como meio de controle social, um instrumento de submissão para o escravo” (p.163). Mas, o marco decisivo para a criação do Congado ocorrerá no Brasil colonial, por meio do processo aculturativo que trazia de um lado o modelo religioso europeu do branco e, de outro, a recriação do negro. Para Gomes e Pereira (2000) seria ainda mais correto afirmar que sua origem é luso-afro-brasileira, visto a influência do catolicismo português que forneceu os elementos europeus da devoção à Nossa Senhora do Rosário, à igreja brasileira, que reforçou esta crença, e ao negro africano escravizado que, de posse desses ingredientes deu forma ao culto e à festa.

A festa de Nossa Senhora do Rosário ocorre em várias regiões do país. A promovida pela Comunidade dos Arturos traz peculiaridades que a diferem das demais. Não só na duração, como também na composição das guardas, em seus cantos, batuques danças e trajés.

A festa nos Arturos dura três dias com intenso trabalho para a comunidade. Há o levantamento do mastro avisando que a festa se aproxima no sábado. No domingo a festa da matina, o cortejo, a visita aos reis festeiros⁸, a missa conga, o grande almoço, o pagamento da promessa e a procissão com os andores dos santos. Na segunda-feira, se coroam os novos reis, descem-se as bandeiras e se encerra o reinado. Esta festa tem algumas particularidades como a visita à casa dos reis festeiros e a Missa Conga, que se configuram como etapas que complementam a festa de cortejo.

Para a festa são formadas duas Guardas: Congo e Moçambique. A escolha da guarda por parte dos seus componentes depende das características individuais, do gosto

⁸ Os reis festeiros são pessoas que assumem temporariamente a condição de irmãos do Rosário. Cabe a eles financiar o almoço festivo e outras despesas. Recebem toda a honra da corte, permanecendo ao lado dos reis congos e sob a proteção da guarda de Moçambique.

pessoal, do ritmo, mas muitas vezes a influência familiar é o fator primordial desta escolha.

A fundamentação mítica dos Arturos para a formação das guardas parte da lenda na qual Nossa Senhora foi retirada das águas pelos moçambiqueiros, tornando-os os “donos da coroa”.



FIGURA 2: As guardas do Congo e de Moçambique.
Arquivo pessoal. Out/2012

Pela lenda⁹, as guardas se formaram ainda em África, quando a imagem de Nossa Senhora do Rosário apareceu no mar. Os ricos com suas bandas de música foram até a praia para trazê-la para a terra. Tentaram e não conseguiram mover a santa. O padre rezou uma missa e a santa se mexeu um pouco, mas logo parou. Os escravos sabendo disso formaram uma comitiva e foram pedir aos patrões que permitissem a ida deles até a praia para tentar trazer a santa até a praia. Os senhores deixaram sob a condição de que se não conseguissem entrariam no “coro”. O grupo de negros construiu um tambor e foi. Chegaram à praia, fizeram um oratório de sapé, armaram um arco de bambu enfeitado com flores para a santa passar e foram batendo os tambores, cantando

⁹ Contada por Geraldo Arthur Camilo, um dos filhos já falecidos do Sr. Arthur Camilo Silvério e Rei Congo de Minas Gerais em 1986, esta é uma das deliciosas histórias do Tio Antônio, irmão do Sr. Geraldo e citadas pelo garoto Fábio nas nossas muitas conversas que serão comentadas no capítulo 2.

e dançando para ela. A santa, ouvindo o canto, deu um passo e parou. Os negros continuaram cantando e ela veio devagar até a praia, chegando até a beira-mar. Os brancos não gostaram do feito, correram e pegaram a santa primeiro. Com muitos fogos, banda de música e flores, construíram uma capela e colocaram-na lá dentro. Os negros voltaram cabisbaixo para a senzala. No outro dia, quando os brancos abriram a capela, a santa não estava mais lá, havia voltado para o mar. Os negros, então, construíram uma capelinha singela, de chão batido, pobrezinha e humilde como eles, foram até a praia e novamente com seus tambores e seus cantos trouxeram a santa para a areia (grupo do Congo), depois a levaram para o altar de sua capelinha (grupo do Moçambique) de onde nunca mais saiu.

Por essa razão os moçambiqueiros estão próximos aos reis e rainhas. A guarda do Congo sai à frente, abrindo o Reinado. Não há uma guarda melhor que a outra. Cada uma tem uma função no reinado. O Congo puxa os dançantes em movimento rápido, abrindo caminhos; o Moçambique é o responsável por trazer Nossa Senhora, representada pelos reis e rainhas, cujas coroas a guarda conduz.

A escolha das cores das roupas de cada guarda segue também a lenda. Congo se veste de rosa porque foram estas as cores das rosas que usaram para enfeitar o caminho pelo qual a santa passaria saindo do mar. A saia é rodada, ampla, para facilitar os movimentos. Já os moçambiqueiros usam as cores da santa, ou seja, azul e branco, e sua saia é pouco franzida. Os símbolos condutores utilizados pelas guardas seguem também a lenda. O Congo, abridor do caminho da santa utiliza a espada e o tambor, o mesmo utilizado para trazer a santa até a praia. O Moçambique carrega o bastão, ícone do poder, por ter conseguido resgatar a estátua.

A dança de cada guarda também traz diferenças marcadas pela lenda. A dança da guarda do Congo é saltitante, marcada pela ginga e pelo cruzamento de pernas e pés; a direção assumida é da horizontalidade, com deslocamentos laterais, pendulares. Já o movimento da guarda de Moçambique assume uma profundidade que se caracteriza por dar a impressão que o corpo do dançante quer romper a terra, batendo e voltando, como

o movimento do pilão. A diferença dos movimentos determina tanto o corte das saias como o uso da gunga¹⁰.

A linguagem é um dos distintivos principais entre as duas guardas. Enquanto a guarda mais antiga, Moçambique, é a detentora da música secreta e mágica - cantando a memória de África e dos antepassados, tem a força de recriar os cantos, com improvisações que podem durar mais de uma hora - a guarda do Congo expressa a religiosidade e a vida mais recente do grupo com seus cantos que lembram os problemas sociais com a igreja e com o poder público. A estrutura do seu canto é fixa, não ocorrendo improvisações.

O Congado dos Arturos é um dos mais completos do Brasil, por ter conseguido resistir às influências, algumas vezes nefastas, da cultura dominante, mantendo seus componentes principais; o reinado, os movimentos das guardas e a disciplina no modo de vestir e de conduzir o cortejo. Atravessar a porteira e dançar fora de seus domínios representa para os Arturos, segundo Gomes e Pereira (2000), uma grande demonstração de resistência, pois significa mostrar para a sociedade a fé que alimentou e alimenta o povo negro. É demonstração de poder pela posse de um mistério que pode ser admirado, mas por poucos entendido. É demonstração da força da convivência com o sagrado.

A descrição proposta por Gomes e Pereira (2000) da Festa de Nossa Senhora do Rosário traz detalhes minuciosos dos momentos da festa. Eles trazem luz a rituais que se observam na festa e que, sendo espectadores dela, não conseguimos decifrar. O primeiro momento é o levantamento de mastro.

O mastro representa a marca objetiva de que a festa está chegando. E é colocado como aviso desta proximidade nos locais sagrados. Em cada um deles é estendido um estandarte com a figura dos santos de devoção: São Benedito, Santa Efigênia e Nossa Senhora do Rosário.

¹⁰ Instrumento musical, formado por cinco latinhas com chumbinho dentro, formando um chocalho, amarradas ao tornozelo com um cinto.

Os mastros são levantados antes da festa, com uma ou duas semanas de antecedência. Alguns deles são levantados no interior da comunidade, na frente da capelinha e das casas dos capitães. Outros são levantados nos locais sagrados da cidade, ao lado da Igreja de Nossa Senhora do Rosário e no Cruzeiro da Praça Josias Belém. Os foguetes marcam o levantamento do mastro.



FIGURA 3: Os estandartes dos Santos padroeiros da Festa.
Arquivo pessoal. Out/2012

As guardas do Congo e de Moçambique começam o cortejo, com os capitães carregando os mastros em direção ao local do levantamento. Este é um momento de intensa emoção, pois ao levantar o mastro elevam-se também os corações aos céus. Os filhos do Rosário, um a um, beijam o mastro encostando-se a ele seus terços e cruces. Os capitães se inclinam, reverentes, colocando a testa na madeira sagrada. Alguns se ajoelham depositando uma vela acesa ao pé do mastro. O cortejo prossegue circundando o mastro como sinal de sacralização do espaço. Primeiro a Guarda do Congo, em seguida a Guarda de Moçambique. Retorna-se depois à comunidade.

O segundo momento da Festa é a Matina, a festa do despertar. Na madrugada que antecede o dia da festa, acontece uma cerimônia no interior da comunidade. Antigamente ela era fechada ao público, hoje são todos convidados. O ritual se inicia com um capitão indo até a casa paterna para acordar os filhos do Rosário para formarem

a gunga sagrada.¹¹ O canto se realça no silêncio da madrugada, tomando o ambiente de magia. Formadas as filas das guardas, fazem-se paradas nas casas do rei, rainha e dos capitães falecidos, sacralizados pela lembrança. O cortejo continua até a capelinha onde o rei dá Viva a Nossa Senhora do Rosário, aos santos Benedito e Efigênia, às coroas, às rainhas, aos capitães e ao povo do Rosário. Em seguida o cortejo sai da capela e retorna à comunidade. A matina se encerra. É hora de preparar-se para a festa, vestindo a roupa de gala.



FIGURA 4: O levantamento do Mastro no adro da Capela
Arquivo pessoal. Out/2012

O momento seguinte da festa é a saída do povo do Rosário. As cores rosa e azul, que para o encontro no adro da capela se misturavam, agora se separam formando as Guardas de Congo e Moçambique. Todos a seu tempo se dirigem para a capelinha cuidadosamente enfeitada com bandeirinhas e flores. Os tambores começam a bater, o canto se eleva na capela invocando a Nossa Senhora. Ao sair por último e de costas da igreja, em sinal de respeito ao altar, a guarda de Moçambique se dirige guiada

¹¹ Fila das guardas.

lentamente pelo capitão, à casa dos pais onde a bandeira de Nossa Senhora portada por uma bandeireira receberá a homenagem do canto dos filhos do Rosário. Todos recebem a bênção para o percurso. O cortejo caminha pela estrada que leva à cidade, guiado pela voz do capitão. Ao passar pela porteira que representa o limite do mundo conhecido, os Arturos se viram para sua terra, dando as costas para o profano, para a estrada, solicitando a proteção dos ancestrais e quando se viram em direção à rua, seu corpo já se fechou contra as influências maléficas do exterior.



FIGURA 5: A saída da guarda do Congo
Arquivo pessoal. Out/2012

A caminhada pelas ruas é o próximo momento. O Congo segue na frente, puxando o Reinado até a Igreja do Rosário. São dois os pontos de parada: o centro comunitário onde antes era a Igrejinha do Rosário que foi dolorosamente demolida, e o cruzeiro da Praça Josias Belém. Durante o trajeto cada esquina ou encruzilhada é atravessada com cuidado. Os capitães são responsáveis por atravessá-la de costas,

observando bem, pois o caminho pode estar *estreito ou fechado*. Os dançantes também atravessam de costas.



FIGURA 6: O cortejo pelas ruas, guiado pelo Capitão do Congo
Arquivo pessoal.Out/2012

O trajeto de ida e volta é feito cantando. Chegando à capelinha da comunidade é realizada uma oração. O encerramento, como última etapa da festa do cortejo, é também cercado de rituais. Reis e rainhas entram primeiro, voltando-se de frente para a porta, à frente do altar. Capitães se colocam frente ao arco da porta da igrejinha, com as espadas erguidas protegendo a entrada. Só assim entra a guarda do congo, deixando seus instrumentos ao pé do altar. Depois entra a guarda de Moçambique que se anuncia ao som das gungas cantando a despedida. Saúdam-se reis e rainhas cruzando ao alto seus bastões. O último capitão entrega seu bastão ao rei que o coloca no altar. A festa está encerrada.

A Festa para os Arturos não é um apêndice da vida cotidiana. Festa e vida cotidiana coexistem na comunidade, não se misturam, mas uma enriquece a outra. A

abordagem historiográfica é fundamental. Ela possibilita trazer à tona esta história que sai de um lugar de classe, do discurso e se revela no cotidiano. Cotidiano este, que se anuncia como Festa. Festa que se anuncia como reveladora de identidades.

A ideia deste estudo foi trazer a Festa e a religiosidade de um povo como fonte de compreensão de suas identidades, entendendo que elas podem ajudar a revelar estas histórias, estas identidades. Estudar o Lazer tornou-se, assim, fundamental. A historiografia sozinha faria um trabalho interessante, mas entender os Arturos a partir do Lazer e suas dimensões estéticas foi imprescindível para buscar entender o aprender a/na Festa.

A partir de agora, mergulho na Festa Senhora do Rosário sob a ótica de meus anfitriões.

2. PRATICAR E APRENDER A/NA FESTA

Meu corpo reza, ele é meu instrumento de Fé.

Goreth

No capítulo anterior, busquei situar historicamente o leitor sobre quem e sobre o que estava pesquisando.

Agora, após uma breve descrição do percurso da pesquisa, apresento meus anfitriões e sua Festa a partir do ponto de vista deles. Descrevo e analiso o praticar e aprender **a/na** festa: sua preparação, o estar no cortejo, o ser um membro do Congo, do Moçambique, do reinado, as relações que emergem neste festejar entre eles e os objetos característicos da festa além das ações produzidas a partir da festa em suas vidas cotidianas. Confronto e relaciono aquilo que vi, ouvi e senti com os aspectos teórico-metodológicos buscando obter uma maior compreensão e (re)significação do referencial teórico.

O modo de ser dos Arturos, como afirmei no primeiro capítulo, se expressa fundamentalmente nas manifestações artístico-culturais e celebrações do sagrado que a comunidade preserva e recria. A festa para os Arturos é “fator de aliança e elemento agregador da comunidade”(GOMES;PEREIRA,2000:215). A análise do calendário festivo dos Arturos nos possibilita perceber a dimensão da importância destas festas para a comunidade, principalmente a do Reinado de Nossa Senhora do Rosário, na qual a religiosidade da comunidade transborda e seus integrantes se transmutam em *filhos do Rosário*.

2.1 O percurso da pesquisa

Superado o equívoco inicial de buscar o “passo a passo” de como tornar-se um Arturo, iniciei este novo momento do trabalho de campo mergulhada na participação observante das situações mais comuns da comunidade. Participei das reuniões mensais, fiz visitas nos fins de semana, assisti, durante o primeiro ano da pesquisa, as festas da comunidade.

Entretanto, percebi que, para compreender como e quais relações se estabeleciam entre os Arturos e a festa com a sua identidade étnica - a partir do processo de engajamento destes sujeitos na preparação e vivência desta festa e suas implicações no se tornar um Arturo - não bastava frequentar as festas públicas e suas reuniões internas, seria preciso acompanhar o dia a dia da comunidade. Compreendi, influenciada pelos estudos de Bergo (2011), que os fundamentos do Congado estão de tal modo intrincados no curso dos acontecimentos cotidianos que são parte do mundo ordinário dos seus praticantes. Comecei, então, a aproximar-me cada vez mais de tal contexto visando entender como os sujeitos lidam cotidianamente com as questões relativas à festa, e como isto influencia seu cotidiano.

Um dos maiores desafios que encontrei foi, portanto, buscar escapar aos padrões pré-estabelecidos no imaginário coletivo que, de modo geral, centralizam a atenção nos aspectos exóticos da festa. Não querendo reproduzir uma descrição formal desta festa, fui ao encontro dos meus anfitriões, entendendo-os como capitães, rainhas, reis e dançantes sujeitos ativos daquela festa e não como meros reprodutores do fato constituído. Foi ficando mais claro para mim, a cada ida à comunidade, que a preparação e a organização revelariam mais sobre a complexidade da prática festiva do que o próprio evento em si. Afinal, é na vida cotidiana - e não somente durante a festa - que a fé que transborda durante os festejos se concretiza, que os laços afetivos evidenciados nos festejos se fortalecem, que as relações de respeito, de afeto e também de poder aparecem com maior clareza.

2.2 Primeiros envolvimentos: apresentação do projeto à comunidade e encontro com Anita

Meu primeiro contato com a comunidade, sob este novo olhar, foi na reunião para apresentação de meu projeto de pesquisa. Anita¹² estava lá e com diário e caneta nas mãos anotava tudo que era conversado. Olhei para o lado e vi Goreth¹³ também com uma caderneta fazendo anotações sobre a reunião. Enquanto apresentava o projeto, Anita me observava atenta e estava bastante interessada em saber que pesquisa era aquela que *conversaria com as crianças*.

Não somente ela, mas todos os integrantes da comunidade presentes na reunião receberam a ideia do projeto com muito entusiasmo e ficaram curiosos com a proposta de focar o estudo nas crianças. Eles também queriam saber o que as crianças da comunidade pensam sobre a festa, *se nossa tradição estaria preservada*, como disse Sr. João Batista, filho de D. Tetane. Ficaram de me dar a resposta sobre o aceite da pesquisa na próxima reunião. Fato que aconteceu no mês seguinte.

O mês de espera para começar não foi inativo. Fiz mais algumas visitas à comunidade, especificamente na casa da Goreth e lá, sempre cruzava com os amigos, amigas, primos e primas de Anita. A notícia da pesquisa já tinha se espalhado e bastava observarem meu carro cruzar a comunidade e estacionar na casa de Goreth que pouco a pouco iam chegando as crianças, demonstrando nos olhares um misto de curiosidade e receio. Foi um primeiro momento interessante. Foi uma pré-pesquisa mútua. Eu ficava olhando-os e a partir do que diziam ia mentalmente pensando “este é um garoto interessante, esta pode me dar dicas, é ela...” e eles fazendo perguntas pessoais, preocupados por saber quem eu era e o que realmente estava fazendo ali.

¹² Anita, 10 anos, é neta do Sr. Mário da Luz, filho de Arthur Camilo. Neste estudo foi uma de minhas “*pesquisadoras mirins*”

¹³ Arturo por adoção. É mãe de Anita, foi minha “Estrela Guia” neste estudo. É rainha do Congado.

2.3 Abertura do calendário festivo da Comunidade

Com o aceite da comunidade e a aprovação pelo Comitê de Ética da UFMG para a realização da pesquisa, finalmente consegui me apresentar para a comunidade de uma forma mais explícita, sem medo de interpretações equivocadas. Nosso primeiro encontro após o aceite foi na Abertura do calendário festivo da Comunidade, em 7 de abril de 2012.

Naquela noite a comunidade se encontrou na porta da Capela.

- Este espaço representa nossa união. É ali que todos se encontram, nós Arturos e também os visitantes que vem compartilhar conosco a festa.(Paula¹⁴)

O som dos tambores foi chamando a todos. Devagarinho, um a um, famílias, casais, jovens iam chegando. Os cumprimentos dos que se vêem todos os dias se tornam saudações “diferentes” nestes encontros “formais”:

- Salve Maria. Jesus seja louvado.

Os mais velhos chegam primeiro, seguidos por alguns pequeninos que graciosamente os acompanham **imitando** jeitos de andar, de cumprimentar, de usar o terço, de carregar o tambor. O chamado oficial são os foguetes. O estrondo deles representa o último chamado. Percebe-se então uma pequena correria, sendo os jovens os últimos a chegar:

- Sabe como é né. Sábado é dia de encontros. O compromisso vem em segundo plano.

Primeiros “ensaios” do ser Arturo: a Festa entre o festejar e o brincar

As crianças, que num primeiro momento carregam seus instrumentos com a mesma seriedade dos avós, já transformam suas baquetas em verdadeiras “espadas” contra seus “inimigos”.

¹⁴ Ana Paula Francisca da Silva , 32 anos, neta do Sr. Geraldo Artur, filho de Artur Camilo

Esse jogo entre o real e o imaginário é muito presente, mas não desrespeita a importância da baqueta. Pelo contrário: é no exercício deste jogo que, segundo Levindo Carvalho (2007), ensaiam-se papéis, apreendem-se valores, constrói-se formas de sociabilidade, adquirindo motivação e habilidades necessárias à sua convivência social, ao mesmo tempo em que se projeta nas atividades adultas de sua cultura. Para o autor se aprende a brincar com os outros membros de sua cultura e suas brincadeiras são impregnadas pelos hábitos, valores e conhecimentos de seu grupo social.



FIGURA 7: Crianças “brincando” de ser Arturos¹⁵
Arquivo pessoal/out2012

Já nos meus primeiros contatos com a comunidade pude perceber isso. Os primeiros a me chamarem ao convívio foram Anita, Fábio e Gleice¹⁶. Nesta relação entre real e imaginário, de pronto se transformaram em meus *pesquisadores mirins*. Foi interessante que não foi minha a escolha. Naturalmente eles se elegeram os *pesquisadores dos Arturos* e achei interessante não romper com esta lógica, deixando que ela me conduzisse. Fiquei intrigada em descobrir onde chegaríamos. O olhar destas três crianças me pareceu bem interessante.

¹⁵ As fotos foram manipuladas digitalmente com o intuito de preservar as crianças envolvidas.

¹⁶ Optei por utilizar nomes fictícios para as crianças também para preservá-las.

O cotidiano da Comunidade dos Arturos, durante toda a preparação e mesmo durante os três dias da Festa de Nossa Senhora do Rosário evidenciou que ali as crianças não estão destinadas a ocupar um lugar apenas de observadores, pensando num sentido bastante restrito do termo.

Elas tanto absorvem como são absorvidas pela vivência daquela prática festiva. Este tipo de participação lhes dá oportunidades de vivenciar a Festa e compreendê-la. Assim, ocupando lugares simbólicos e organizacionais importantes na Festa e em sua organização, as crianças gradualmente produzem uma ideia geral do que constitui os saberes e fazeres do Congado. É nesse sentido que é possível dizer que a presença constante delas nas festas e rituais, a relação que os adultos estabelecem com elas e o envolvimento com as práticas conferem aos pequenos Arturos uma participação plena e legitimada. (BERGO, 2011)

2.4 Os sujeitos da pesquisa: meus pesquisadores mirins

Mas quem são estas crianças?

Anita tem 10 anos, é neta do Sr. Mário da Luz, filho de Arthur Camilo. Anita vive o Congado no seu modo de falar, nas histórias que conta, no orgulho que brilha em seus olhos quando fala de sua experiência como dançante da Guarda de Congo.

A gente não é obrigada a dançar, mas dançar é muito bom. A gente inventa passinho, se diverte. Mas se eu quisesse podia só seguir a guarda. É a gente que escolhe de qual guarda vai participar. Eu amo o Congo. Adoro o rosa, as fitas, o capacete. Os saiotos são fundamentais pra balançar, pra seguir o ritmo. A gente fica na fila dançando e é só alguém começar a mexer diferente que a gente acompanha. Sai cada coisa legal e todo mundo imita. Quando estamos vestidos não podemos fazer bagunça, temos que comportar. Somos responsáveis pela festa. Se dançarmos bem todo mundo acha bonito, a festa é um

sucesso. Se chover a festa continua, se alguém morrer a festa continua. Não podemos parar nunca, em respeito a Nossa Senhora do Rosário.



FIGURA 8: Figura 8: Os dançantes da Guarda do Congo
Arquivo pessoal/out2012

Fábio tem 13 anos, é neto de D. Tetane, filha do Sr. Arthur Camilo. É um garoto especial. Sabe todas as histórias que mitificam o Congado. Fala sobre tudo com uma seriedade que impressiona. Foi logo se apresentando como batedor de caixa da Guarda de Moçambique. Ser um Arturo pra ele está no sangue e todos precisam saber disso:

Comecei a tocar bem pequenininho. Ninguém ensina, não tem aula. Fui vendo, ouvindo, e aprendendo. Pegava as latas de óleo vazias e uma colher de pau e saía pela comunidade batendo e cantando. Antes da escola, depois da escola. Não tinha hora para bater caixa.

Ninguém me deu permissão pra começar a bater as caixas grandes. Eu achei que já estava preparado, pedi pro meu tio Geraldo pra bater no lugar dele e comecei. Durante a festa, os caixeiros quando estão cansados, levantam o bastão, dando sinal pra troca. Assim, fiz a troca com tio João Batista e nunca mais parei. A gente aprende todas as histórias e regras do Congado vendo, ouvindo, não tem quem te ensina, não tem aula, nem reunião pra isso. É nas festas. Quando fico na dúvida pergunto pra vó Tetane, pro Tio Mário. Mas gosto mesmo é das histórias do Tio Antônio. Ele conta cada uma....de arrepiar.



FIGURA 9: Batedores de caixa da Guarda de Moçambique
Arquivo pessoal/out2012

Gleice tem 8 anos, é bisneta de D.Entina, filha do Arthur Camilo. É a mais novinha e mais sapeca do trio. Quer saber de tudo e fica brava se os outros não a deixam falar. É uma das mais ativas na ornamentação da festa. Cola bandeirinha, varre a igreja, limpa os santos, arruma o altar e dança sem parar.

Eu gosto mesmo é de dançar. Fui pro Congo porque minha mãe pegou a roupa pra mim. No Congo tem mais mulher e no Moçambique é mais homem. Eu gosto do sapateado do Moçambique, da batida dos pés no chão. Eles não ficam em fila e nem dançam. Batem os pés no chão. Meu avô diz que é como os escravos socando o pilão. Mas no Congo a gente dança, pula, roda, é muito legal. Sabe, na Festa fico um pouco triste. Prefiro o antes da festa. É muito mais legal. A festa é ruim porque significa que já está acabando tudo. E só vai ter mais o ano que vem.

Estas três crianças me conduziram por caminhos deliciosos. Busquei percebê-las neste estudo não como sujeitos isolados, não observadores de práticas, mas como sujeitos ativos que dialogam constantemente com o que vêem, cheiram, ouvem em seu cotidiano, produzindo constantes transformações neste cotidiano. Assim sendo, os pequenos Arturos foram por mim compreendidos, sob uma ótica de análise que toma a criança como sujeito social, produtor de sua história, ser ativo de seu processo de aprendizagem.

Além destas três crianças duas mulheres Arturos também fizeram parte mais ativa da pesquisa:

Juliana Rafaela Melo da Luz, 18 anos, neta do Sr. Mario Braz da Luz, filho do Sr. Arthur Camilo participou da oficina de fotografia que organizei como estratégia metodológica¹⁷.

- Sou do Congado até mesmo antes de nascer. Minha mãe faz parte do Reinado, ela é Rainha das Mercês. Seu reinado passará automaticamente para mim. É assim que funciona. Somente se eu não quiser, há uma nova escolha realizada pelos mais velhos. Mas eu não negarei minhas origens. Hoje faço parte da Guarda do Congo. A gente que escolhe pra qual guarda que vai. Há a pressão dos pais, o querer acompanhá-

¹⁷ Sobre a Oficina de fotografia escrevi mais adiante.

los, mas quando a gente cresce, sente que o toque do tambor é que chama e segue essa batida.

Ana Paula Francisca da Silva, 32 anos, neta do Sr. Geraldo Artur, filho de Artur Camilo, também participou da oficina de fotografia. Seus olhos brilham apenas por começar a falar do *Seu Congo*.

- Comecei com 7 anos. Meu pai achava perigoso sair antes. Com 7 anos eu chorava querendo ir, e minha tia pediu pro meu pai e meu pai deixou. Desde pequena eu sabia que era do Congo. Você escuta a caixa batendo e sente que ali é seu lugar. Adoro meu reinado. Reis e Rainhas pra mim são fundamentais. Tem que ter o trono coroadado. Sem eles não tem Congado. O respeito se mantém mesmo sem a coroa. No cotidiano são pra eles que pedimos conselho, ajuda. O reinado se desfaz, mas, o respeito aos Reis e Rainhas é o mesmo. Meu Congo, amo de paixão, das meninas, do grupo mirim, todos temos uma ligação de parentesco. A maioria é primo, tio, parente. Eu sou um Arturo. Sou importante. Faço parte dessa história. E não é só na Festa. Esse orgulho transborda no meu dia a dia, no trabalho, nos passeios. Sou Arturo e algumas pessoas na cidade já me reconhecem e me respeitam por isso. É muito bom.

Estas cinco pessoas foram minha referência de pesquisa, mas foram tantas as falas, gestos, cantos, sorrisos anônimos que, ao final, constituíram meu grupo de pesquisa.

2.5 As crianças Arturos: entre escolhas teóricas, metodológicas e objetivos da pesquisa

A maneira como as crianças são tratadas pelos adultos e a forma como interagem nas mais variadas atividades da Festa de Nossa Senhora do Rosário evidenciam as percepções de infância entre os membros da comunidade e também seus diferentes modos de compreender o que venha a ser um Arturo. A **participação observante** realizada junto às crianças Arturos teve como objetivo conhecer a forma como veem o processo de participação na festa de Nossa Senhora do Rosário, como falam sobre isso, o que pensam, o que já sabem e, principalmente como sabem, como constroem conhecimento, como praticam esta Festa. Tendo essas questões em mente, procurei constituir um quadro teórico que possibilitasse descrever e analisar a aprendizagem da e na Festa de Nossa Senhora do Rosário na Comunidade dos Arturos. Assim, recorri às contribuições teóricas sobre a aprendizagem produzidas no campo da Antropologia, sobretudo a **abordagem situada** de Lave e Wenger (1991)¹⁸ e aos conceitos de **educação da atenção e habilidade** de Ingold (2000, 2001)¹⁹.

Bergo(2011) em seus estudos sobre a aprendizagem em um Terreiro de Umbanda conseguiu sintetizar a funcionalidade da aplicação destas teorias na descrição e análise da aprendizagem na prática, quando afirma que elas possibilitam (re)significar a aprendizagem como um aspecto inerente à vida cotidiana e não apenas um processo cognitivo e individual.

Proponho, então, em meu estudo, uma discussão a respeito da aprendizagem enquanto um modo de compreender processos cotidianos, de se tornar / de vir a ser / de se produzir Arturo. Para dar sentido a ela, busquei focar nas reflexões sobre três aspectos que considere primordiais e marcantes no universo festivo da Festa de Nossa Senhora do Rosário nos Arturos: Modos de participação dos Arturos na Festa, as

¹⁸Jean Carter Lave, antropóloga social, professora emérita da Universidade de Berkeley, nos Estados Unidos, Ph.D em Antropologia Social pela Universidade de Harvard, Jean Lave fez pesquisas de campo em países como o Brasil, Portugal e alguns africanos. Seu livro mais conhecido – *Situated learning*, publicado em 1991 escrito juntamente com Etienne Wenger, cientista da computação – renovou a abordagem dos processos de aprendizagem que resultaram em uma reconsideração da noção de aprendizado, motivando o desenvolvimento da Teoria da Prática Social.

¹⁹ Tim Ingold é um antropólogo britânico dos mais respeitados da atualidade. Professor de Antropologia Social da Universidade de Aberdeen, Escócia, Ingold tem tratado de temas como abordagem ecológica em Antropologia e Psicologia; relações homem-animal; percepção do ambiente, linguagem, tecnologia, conhecimento e prática; e antropologia, arqueologia, arte e arquitetura. A partir de um questionamento radical da dicotomia entre natureza e cultura, enquanto domínios ontológicos, ele propõe um novo paradigma que denomina de antropologia ecológica. Esta proposição vem repercutindo significativamente noutras áreas do conhecimento, estabelecendo um diálogo profícuo entre as ciências humanas e as ciências naturais.

relações que emergem neste festejar entre eles e os objetos característicos da festa e as ações produzidas a partir da festa em suas vidas cotidianas. Estou ciente, entretanto, de que a minha leitura do que foi focado aqui é uma das tantas leituras possíveis deste rico universo que consiste a Comunidade dos Arturos.

Como objetivo principal, nesta teia de relações constituídas a partir da Festa estudada, busquei compreender o festejar dos integrantes da Comunidade dos Arturos e como e quais relações se estabelecem com a sua identidade étnica a partir do processo de engajamento destes sujeitos na preparação e vivência desta festa e suas implicações no se tornar um Arturo. Para tanto, busquei tratar das questões que emergiram da leitura da prática festiva dos Arturos como uma prática de aprendizagem. Assim, neste estudo, a festa, como prática cultural, não foi analisada como fato meramente descritível, mas como perspectiva analítica²⁰, sendo observada com o olhar focado no envolvimento das pessoas na ação prática cotidiana, percebendo o engajamento destas pessoas na atividade festiva. Entendendo que a participação coletiva é que leva à aprendizagem, não havendo na prática alguém que ensine unilateralmente.

Buscando compreender melhor, a partir da proposta de Ingold (1994), sobre as relações entre os sujeitos desta festa, a festa e o mundo trouxe para meus estudos a proposta metodológica utilizada por Campos (2010): uma oficina de fotografia na qual um grupo de cinco anfitriões²¹ realizou o registro de fotos de suas práticas na Festa, seguido por “entrevistas” tendo como foco principal o relato das crianças e jovens a partir dos seus registros fotográficos.

A oficina de fotografia foi realizada nos três dias da Festa de Nossa Senhora do Rosário, 13, 14 e 15 de outubro de 2012. Com uma câmera fotográfica portátil nas mãos, o grupo recolheu imagens de suas práticas durante a Festa, dos objetos, pessoas e cenas que mais marcavam sua participação na festa.

²⁰ PEREZ, 2009.

²¹ Foram escolhidos para participar da oficina de fotos meus três “pesquisadores mirins” já citados anteriormente: A. T. H. da L., 9 anos, neta do Sr. Mario Braz da Luz, filho de Artur Camilo; F. J. S. L., 13 anos, neto de D. Tetane, filha de Artur Camilo e B. G. N. L. 8 anos, bisneta de D. Entina, filha de Artur Camilo; Uma jovem da comunidade: Juliana Rafaela Melo da Luz, 18 anos, neta do Sr. Mário Braz da Luz; uma mulher da comunidade: Ana Paula Francisca da Silva, 32 anos, neta do Sr. Geraldo Artur, filho de Artur Camilo.

Para isso, não se distanciaram da participação na Festa. As máquinas fotográficas se tornaram adereço do uniforme, penduradas no pescoço e durante a Festa foram utilizadas, entre uma dança, entre um canto e outro.

Ao final da festa recolhi as máquinas e marquei com o grupo de “fotógrafos” o dia para que pudéssemos conversar sobre as fotos tiradas. Em um primeiro momento os encontros seriam individuais. Com os adultos isso ocorreu sem problemas, mas com as crianças, a conversa começou sendo feita individualmente e foi se transformando em um grande bate papo entre risadas, brincadeiras, biscoitos e refrigerantes.

As entrevistas se constituíram em uma rica partilha de relatos/narrações das crianças e jovens a partir de seus registros fotográficos. Como proposta, revelei todas as fotografias tiradas pelo grupo. Preferi não vê-las com antecedência para não fazer qualquer comentário que induzisse alguma resposta de meus entrevistados. Convidei-os para relatar o que pensavam acerca da fotografia tirada por eles próprios. Também na escolha do local e tempo para as entrevistas, preferi não intervir, seguindo as trilhas feitas por Campos, visto que, assim como em meu estudo, seu estudo “propôs uma investigação *com* as crianças e não *sobre* as crianças.” (CAMPOS, 2010:33).

Assim sendo, apostei também como Campos (2010) que “o inusitado se tornaria o cerne da pesquisa”(idem:33). Ao final da conversa, juntos, eu e meus anfitriões “fotógrafos” conseguimos observar semelhanças entre as fotos e criamos alguns blocos de fotos que se transformaram em três categorias de estudo/reflexão. São elas: 1. Objetos que nos remetem à festa; 2. Pessoas marcantes; 3. Momentos “especiais”. Categorias que entrecortam todo o capítulo.

2.6 Primeiras conversas entre os elementos teóricos e o cotidiano dos Arturos: a importância dos detalhes

As perspectivas propostas por Lave e Ingold trouxeram contribuições fundamentais para que eu pudesse dar sentido e visibilidade aos dados que me foram possíveis coletar na comunidade. Com esses dados pude enfim perceber que a

aprendizagem é inseparável da vida cotidiana. Tim Ingold (1994) quando trata da Cultura em seu livro *Companion Encyclopedia of Anthropology* e Jean Lave (1993) quando discute a aprendizagem na prática oferecem pistas interessantes. Segundo os autores, a prática social, no caso as festas nos Arturos, não são organizadas com o objetivo específico de constituir uma identidade. Elas são organizadas para que aconteçam e acontecendo elas fazem com que seus participantes aprendam.

Tim Ingold (1994) afirma que não se transmite significados, oportuniza-se condições para que as pessoas vivenciem certa experiência e adquiram habilidades.

Pensando sobre estas oportunidades de vivências, retornou em minha memória uma passagem interessante da Festa. Um pai Arturo amarrando o lenço na cabeça de seu filho



FIGURA 10: “Dando nó no lenço”
Arquivo pessoal/out2012

Cada detalhe no uniforme é aprendido. Os nós do lenço, o uso dos brincos, a importância dos saiotes. E as crianças sabem de cada detalhe que para um observador desatento poderia passar despercebido. Gleice diz da importância destes saiotes por ditarem o ritmo da dança.

-Temos que fazê-los rodar. Se eles rodam estamos dançando certinho. Tio Bengala²² sempre fala pra gente “rodem os saiotos meninas...”

Fábio relata que tem o uniforme das duas guardas. Hoje faz parte da Guarda de Moçambique, mas pode voltar pro Congo se quiser. Cuida muito bem das roupas. No guarda-roupa os uniformes têm espaço reservado e especial, pois para ele, estar com o uniforme bem passadinho, *impecável* durante a Festa, é muito importante. Foi severo ao afirmar que quando estão com os uniformes não podem fazer bagunça, todos têm que comportar.

Já Anita se refere à importância do uniforme dizendo sobre cada peça deles. As boinas são feitas de crochê. Sua mãe confeccionou todas as boinas da família. As camisas, as calças e os saiotos foram feitos por uma costureira. Para ela os capacetes são maravilhosos. Quando dançam as fitas coloridas voam e formam desenhos no ar.



FIGURA 11: As fitas do capacete
Arquivo pessoal.out/2012

²² Neto de Arthur Camilo.

É interessante perceber como são cuidadosos com cada detalhe. Os laços, as fitas, tudo tem que estar no lugar. Qualquer peça mal colocada é imediatamente reposicionada ou por eles próprios ou por algum Arturo que observou o mau posicionamento. Lave²³ ao relatar de seus estudos entre os alfaiates da Libéria entende que se aprende muito mais que executar bem uma tarefa, como fazer uma calça, por exemplo. Aprende-se, na feitura desta calça, a posicionar-se no mundo, a relacionar-se consigo, com o outro e com este mundo, enfim, a constituir uma identidade. As pessoas se produzem historicamente na prática em relação às identidades, gêneros e artefatos culturais, que são fundamentais para as atividades culturais nas quais as pessoas se envolvem. Para a autora, não se pode separar a prática da aprendizagem. Aprendemos muito nas contradições, nas diferenças, nas relações de poder que emergem nas relações. O conhecimento não é um objeto. Ele faz parte de uma situação e adquire significado a partir da relação dele com as pessoas, como veem o mundo e como se percebem nele.

De fato, as abordagens teóricas ofereceram-me subsídios para a compreensão de como se aprende algo sobre o qual há pouco ensino observável ou, dizendo de outro modo, de como a cultura é aprendida. Compreender nuances da cultura negra vai além de ir a campo e capturar como ela é transmitida aos mais jovens e verificar se a partir desta transmissão eles se tornam Arturos. Segundo Ingold (1994) a cultura não é algo pronto, externo, que pode ser internalizado. Ela não aceita uma definição final, fechada. Não há limites puros e corpos exclusivos. É equivocada, para o mesmo autor, a ideia de que a humanidade possa ser fracionada em “cápsulas culturais”. As culturas isoladas foram reveladas como uma ficção da imaginação antropológica ocidental. As pessoas vivem culturalmente e não vivem em culturas. Não existem fronteiras culturais. O mundo é contínuo, daí a possibilidade da interatividade entre os homens. Foi a partir daí que ampliei meu olhar, observando não somente a festa, mas, necessariamente, as relações entre os sujeitos desta festa, a festa e o mundo.

Os temas que emergiram do deslocamento e ampliação do foco da pesquisa suscitaram um grande número de novos questionamentos. Compactuando com os novos

²³ Apontamentos da palestra de Jean Lave realizada dia 14/4/2011 no auditório da FACE-UFMG

questionamentos que também surgiram na pesquisa de Bergo (2011) a partir desse novo foco, também comecei a refletir sobre o que é então ser um Arturo? E, a partir dessa questão mais ampla e assumindo a hipótese de que a festa de Nossa Senhora do Rosário é, de fato, um contexto de aprendizagem, outros questionamentos surgiram: como se produz um Arturo? Havendo aprendizagem na festa, como ela acontece? Que práticas e saberes são partilhados naquele contexto? Em que medida e de que forma o festejar oferece/estrutura possibilidades de aprender?

A teoria da aprendizagem situada proposta por Lave e Wenger (1991) trouxe grande contribuição para ir direcionando meu trabalho de campo e, posteriormente, produzir uma análise e uma escrita que desse conta de uma prática cultural absolutamente diversa e dinâmica que se fundamenta em elementos impossíveis de se mensurar e que fogem completamente a uma análise objetiva, como a Fé. Compreender que a aprendizagem é inerente a toda prática social e a partir disso, não mais centrar a atenção no indivíduo como aprendiz e sim pensar a aprendizagem como participação no mundo social. Sob esta nova perspectiva, busquei compreender de que modo a aprendizagem toma lugar na rotina da prática festiva dos Arturos.

2.7 O preparar a Festa: suas histórias e segredos

Na garagem da casa de D. Dodora, a Rainha Festeira de 2012, durante o mês de setembro meus sábados foram preenchidos por flores, estandartes e bandeirinhas. Nos primeiros dias éramos somente eu, Goreth e D. Dodora. E as crianças rodeando... Devagarzinho outras senhoras iam chegando e ajudando, levando tarefas para casa. E as crianças sempre presentes. O tempo delas era dividido em brincar e “ajudar”. Sempre atentas a tudo que era dito e feito. Entre uma flor e outra se cantarolava os cantos do Congado e eu era continuamente repreendida por errar as letras.

- É Karla, você não sabe a música não? É assim ó...

E já vinha Fábio contando suas histórias, ouvidas ao pé da cadeira de rodas de Tio Antônio, sobre o porquê dessa e daquela letra.

E eu curiosa perguntei a ele se sabia todas as letras. Fábio, com uma firmeza e segurança que marcaram cotidianamente sua participação em meus estudos, respondeu:

- Claro Karla. Sou um Arturo.

Que certeza era esta que garantia a ele saber todas as histórias, todos os cantos, todos os movimentos? Observando suas ações e reações fui conseguindo perceber que era fazendo que ele aprendia.

Esse fazer era fundamental para produzir-se Arturo. Para se tornar parte da prática festiva quanto mais participava, mais se tornava preparado para praticá-la, numa retroalimentação entre o que está posto e a aprendizagem. Não é possível saber com precisão onde começa um e termina o outro.



FIGURA 12: Guarda do Congo: aprendendo fazendo
Arquivo pessoal. Out/2012

Aprende-se fazendo, torna-se um Arturo sem ter sido ensinado como sê-lo. D. Tetane em uma de nossas muitas conversas afirmou:

- Isso é ser Arturo, filha. É um jeito de ser que a gente descobre e aprende aqui, pregando bandeirinha, ouvindo as histórias, cantando e rezando. Foi assim que eu aprendi. Não sei como explicar. Sei que é assim.

Concordo com Bergo (2011) quando diz que essa relação entre saber algo que não foi ensinado e conhecer coisas que não se sabe como aprendeu acompanha os mais diferentes momentos da produção identitária e independe do grau de envolvimento.

As bandeirinhas de Nossa Senhora do Rosário

Em um destes sábados Anita e Gleice jogavam capoeira no canto da garagem, atentas às nossas conversas sobre como montar as rosas que enfeitariam a capela. De repente, o pai de Anita aparece e começa a jogar com as crianças.

- Pai, você joga bem. Ensina pra gente.. (Anita)

Gleice imitava o barulho do berimbau, observando atentamente a ginga e as orientações que o pai dava a Anita.

Depois das “aulas de capoeira”, Anita e Gleice pediram para participar da confecção das rosas. Cada uma com uma tesoura nas mãos e Goreth, sem se preocupar se fariam certo ou errado, deu a elas as folhas e os moldes. Sentadas conosco, escutavam D.Dodora contar como eram feitas, anos atrás, as bandeirinhas e as rosas. As meninas perguntavam sobre tudo e eram respondidas sempre com carinho e atenção.

-Vó, agora nós seremos as responsáveis pela ornamentação da festa. (Gleice)

Tanto Anita quanto Gleice e Fábio disseram da importância das bandeirinhas para a Festa. Era impossível para elas e para qualquer Arturo imaginar a Festa sem bandeirinhas. A igreja precisava estar enfeitada e bonita. Participar da ornamentação é muito importante. Paula confirma esta importância tanto das bandeirinhas quanto de participar de sua confecção ao lastimar por não ter conseguido participar por causa do trabalho, mas deixa claro que fez *algumas coisinhas em casa para ajudar*.

É instituído entre eles que a tarefa de pregar as bandeirinhas é função das crianças. E na conversa com minhas “fotógrafas”, era muito presente na memória delas esta recordação da infância pregando as bandeirinhas. Hoje os responsáveis por esta função, Fábio, Gleice e Anita demonstram orgulho deste trabalho. Nas fotografias feitas por eles, as bandeirinhas tiveram destaque e em seus relatos disseram da beleza que fica a Festa com elas e o quanto é importante serem os *pregadores oficiais de bandeirinhas*. Este sentir-se responsável pela Festa estava sempre presente. É uma mistura de prazer com obrigação.

- Quando a festa acaba a gente fica mais tranquilo, cumprimos com a obrigação, a responsabilidade foi cumprida. (D. Tetane).



FIGURA 13: As bandeirinhas da Festa de Nossa Senhora do Rosário
Foto tirada por Gleice, 8 anos. Out/2012

Existe entre os Arturos, independente da idade, um grande sentido de responsabilidade. É como se a ação de cada um refletisse no sucesso ou não da Festa. E na alegria ou não da Santa. Responsabilidade que perpassa a Fé.

- *Quando estamos vestidos não podemos fazer bagunça, temos que comportar. Não se pode desagradar a Santa. (Anita e Fábio)*

2.8 Participação: entre o observar, o fazer, o imitar e o aprender

Minha presença nestes encontros me tornava também responsável pela Festa. O fato de eu “colocar a mão na massa” foi muito bem recebido pelos Arturos. Como eles já haviam sido sujeitos de tantas outras pesquisas, tinham já uma certa postura de referência com os pesquisadores. Pude notar isto no dia da Festa. Outros três pesquisadores estavam na comunidade tirando foto, entrevistando, observando. Minha participação no processo, ajudando, sem entrevistas, sem fotos, inicialmente causou estranhamento a eles e, confesso que a mim também. Com o passar do tempo fomos, juntos, entendendo a ideia.

O meu olhar para eles e o olhar deles para mim foi paulatinamente mudando. Não eram mais articuladas e pensadas as conversas, elas fluíam naturalmente. Casos familiares, trocas de receitas e lembranças eram compartilhadas sem “dedos”. Foi vivendo a cada dia que consegui perceber o que dizia Ingold em sua teoria sobre a Educação da atenção (2001a). Foi no dia a dia na garagem de D. Dodora, nas conversas na capelinha que comecei a aprender o que significava colar as bandeirinhas, qual o sentido de ouvir as histórias de D. Tetane, o que representava deliciar aqueles biscoitos, sentir o cheiro do café fresquinho e esfregar o “Kaol” em cada uma das coroas dos Reis e Rainhas.

Obviamente o significado que conseguia perceber para aquelas ações, por mais que estivesse totalmente imersa nos detalhes de sua preparação, era sempre de uma externa à comunidade. Mas, no pouco tempo que estive com eles, consegui, mesmo que de maneira ainda superficial, perceber as possibilidades deste *fazer junto, conversar enquanto faz, aprender fazendo*.

D. Lucinha, bandeireira do Moçambique, diz desse *conversar* durante a preparação da festa.

- É comadre Tetane, há quantos anos ficamos nós duas aqui, brilhando essas coroas. Coroa de quem já se foi, mas que está aqui com a gente nessa prosa. Nossos filhos, nossos netinhos, entrando e saindo, ajudando, também fazendo brilhar as coroas entre bandeirinhas e rosas e nós duas aqui, sentadinhas proseando... e fazendo sempre as mesmas coisas. Faz é tempo não é. Aqui você me dá conselho, ajuda a criar meus filhos e eles se criam, só de ouvir nós duas.



FIGURA 14: D. Lucinha, bandeireira da Guarda de Moçambique
Arquivo pessoal.Out/2012

A fala de D. Lucinha sobre o **fazer as mesmas coisas** remete à proposta de Ingold sobre Educação da Atenção, qual seja, buscar a superação de um modelo de compreensão do conhecimento como informação e da aprendizagem como transmissão

e/ou processamento de informações. A **educação da atenção** é a capacidade de agir prontamente em relação às diferentes situações, e se constitui do desenvolvimento da percepção e atenção no mundo. Para o autor, ela equivale, pois, a um processo de “afinação/refinamento” do sistema perceptual (2001a: 142).

As várias capacidades dos seres humanos de arremessar pedras praticar “cricket ball”, de subir em árvores a subir escadas, de assobiar a tocar piano, emergem através do trabalho de maturação dentro do campo da prática constituída pela atividade de seus predecessores. Não faz sentido perguntar se a capacidade para escalar está no escalador ou na escada, ou se a capacidade para tocar piano reside no pianista ou no instrumento. Essas capacidades não existem nem dentro do corpo ou cérebro do praticante nem fora no ambiente. Elas são especialmente propriedades de sistemas estendidos ambientalmente que atravessam o corpo (Ingold, 2001a: 133).

O ato de “fazer sempre as mesmas coisas” para o autor, representa o ato de copiar e envolve, sim, repetição de tarefas e exercícios, mas, esse copiar não deve ser compreendido como uma mera “transcrição automática de dispositivos cognitivos (ou instruções para construí-los) de uma cabeça para outra”. Num sentido mais de imitação do que de transcrição, Ingold propõe compreendermos a cópia como “um aspecto da vida de uma pessoa no mundo”, como um processo “desenvolvimental” que implica “uma questão de seguir, nas ações individuais, aquilo que as outras pessoas fazem” (2001b: 130).

Quando eu me atento àquilo que o outro está fazendo e busco repetir nos detalhes o que ele está fazendo, segundo Ingold está ocorrendo o **ensaio** da ação. Forma fundamental de aprendizagem por se referir a um processo de aprendizagem que ocorre a partir do “exercício de mergulho no que se está aprendendo”. Segundo o autor (2001 b: 131) a capacidade de percepção e ação, nas diferentes práticas humanas, são constituídas por meio da prática e do treino no ambiente característico da atividade e, principalmente, sob a orientação dos mais experientes. Logo, o **ensaio** — ou processo de “repetir o mesmo movimento como uma preparação ou condução para o seu desempenho prático” (Ingold, 2000: 418) — seria a experimentação dos movimentos em diferentes circunstâncias e ambientes.

No dia da festa, durante o almoço, o sobrinho de Juliana²⁴, uma criança de quatro aninhos, pára na frente do Capitão da guarda do Congo e observa atentamente sua batida no tambor. Mas não observa parado. Com seu tamborzinho pendurado sobre o ombro, tenta imitar os movimentos com suas baquetas e reproduzir o som que ouve. Juliana conta que ele toca todos os dias da semana. Pega o cabo de vassoura, transforma sua vó em rainha, pega a tampa da panela e a colher e se transforma em caixeiro. Ele sabe todas as músicas e quer que todos da família cantem enquanto ele dita o ritmo com a caixa.

Ouvindo o relato de Juliana, Fábio se aproxima e me diz:

- Também comecei assim. Fui imitando, escutando, indo atrás, até que tio João Batista me deu o tambor e disse “troca comigo, preciso descansar”. A partir daquele dia eu fazia parte dos caixeiros dos Arturos. Mas, sabe Karla, acho que já fazia parte desde o dia que meu avô me deu meu primeiro tamborzinho...



FIGURA 15: Batedor de caixa do Congo²⁵
Arquivo Pessoal. Out/2012

²⁴Juliana Rafaela Melo da Luz, 18 anos, neta do Sr. Mario Braz da Luz, filho do Sr. Arthur Camilo. Uma de minhas fotografias.

²⁵ Esta foto traz um detalhe que não poderia passar despercebido. Sua pose para foto revela uma das facetas da espetacularização do cotidiano.

Juliana relembra que Fábio fazia o mesmo que seu sobrinho, só que pelas ruelas da comunidade. Nesta conversa com Fábio e no relato de Juliana pude perceber que é participando (de diferentes modos) da Festa, de sua organização, e levando e trazendo essas experiências para seu cotidiano que, gradativamente, os Arturos vão conseguindo oportunidades de atuar mais efetiva e qualificadamente na comunidade, e assim produzindo (e não adquirindo) **habilidade**.

Bergo (2011) nos atenta quanto a esta forma gradativa de produção de habilidade quando afirma que a aprendizagem pode acontecer observando como os outros fazem, espiando seus gestos e suas respostas às instruções dos mais experientes, copiando sua rotina, imitando-os de modo mais ou menos consciente. Entretanto, sobre essa questão, a autora considera pertinente fazer a mesma ressalva que Loïc Wacquant fez em seu estudo sobre o processo de aprendizagem de boxe:

(...)só é possível compreender verdadeiramente o que os outros fazem quando isso já foi, de certo modo, compreendido com todos os sentidos (visão, audição, olfato, paladar e tato). Ou seja, é necessário ter acesso ao ambiente cultural da comunidade e suas atividades com significado próprio. (WACQUANT,2000, *apud* BERGO2011:199)

2.9 A comunidade enfeitada: entre rosas e bandeiras a expressão da Fé

A Festa estava próxima. Tínhamos que enfeitar a comunidade para o *Grande Dia*. Foi uma grande maratona. As pessoas se multiplicavam e o trabalho, mesmo sendo enorme e exaustivo, era suavizado pelo som das cantigas cantaroladas entre todos. Vez ou outra o trabalho era suspenso devido à chegada de um cafezinho gostoso e uma rosca que cheirava de longe.

- *Êita . Que cheirinho bom. Vem gente, está na hora de comer. Saco vazio não para em pé. Vem moça, você também tem que comer conosco. Provar das delícias das cozinheiras dos Arturos. Sabe, nossa receita é muito antiga e vem gente de longe provar a rosca e o biscoito dos Arturos. Você vai ver é nossa feijoada no*

dia da Festa. Nunca comeu algo assim. Até parece que foi São Benedito que fez. É boa que só. (D. Tetane, incomodada por eu ainda não ter parado pra comer as rosquinhas).

No retorno ao trabalho, fomos colocar as rosas no portal da capelinha e nas portas das casas de cada um dos Reis e Rainhas. Como eu estava responsável pelas rosas fui acompanhada de Anita nas casas mais importantes da comunidade. Primeiro enfeitamos o portal da capelinha, depois as portas das casas. Seus moradores olhavam admirados e agradecidos. Anita queria fotografar cada casa depois de enfeitada.



FIGURA 16: A porta da Capelinha. Ponto de encontro da Comunidade
Foto tirada por Anita. 10 anos. Out/2012

- Nossa!!! Que bonito. Nossa Santa vai gostar.

A escolha dos estandartes seguiu critérios rigorosos. Qual estandarte deveria ser colocado em cada casa? Qual Santo seria homenageado pelas famílias? Qual frase representaria a história da Festa? Qual cor ficaria mais bonita? Estas eram perguntas que todos, as crianças principalmente, queriam responder.

A religiosidade, o orgulho de tudo ficar bem bonito para a Santa e de fazer parte da Festa, de estar contribuindo para o sucesso dela era visto e ouvido por cada um que chegava para ajudar.

2.10 Percebendo a Festa como uma Comunidade de Prática e as contribuições deste novo olhar.

O engajamento coletivo percebido a cada dia que se aproximava da Festa, esta partilha sobre saberes e interesses comuns constitui, segundo Lave e Wenger (1991), em um processo de pertença (identificação) que se efetiva fundamentalmente a partir do acesso às diversas fases das atividades e aos diferentes membros da comunidade, assim como à informação, aos recursos e às oportunidades para participar. Sendo assim, além de aspectos subjetivos, as histórias e memórias da comunidade são fundamentais na construção de identidade. O desenvolvimento da identidade é central para a trajetória dos iniciantes na comunidade de prática e é conceito central na P.P.L (Participação Periférica Legitimada)²⁶ Aprendizagem e senso de identidade são inseparáveis, são aspectos do mesmo fenômeno.

Fábio sempre relembra das histórias do Tio Antônio. Cada momento vivido ali, traz em sua memória um *porquê* contado pelo tio. Estas conversas entre os pequenos e os mais velhos sempre esteve presente na comunidade. Juliana também trouxe durante nossas conversas as lembranças das conversas com o avô e diz que elas acontecem até hoje. Relembrou da conversa tida com o avô no dia anterior, na qual tinha também a presença da mãe e do irmão. Foram horas de *conversa gostosa* com Sr. Mário explicando o porquê de levantar o mastro. Vieram em sua memória também as brincadeiras que aconteciam durante estas conversas. Eram os adultos conversando e as crianças brincando com o Congado, transformando as latas de óleo em caixa e circulando pelas casas da comunidade, cantando, batendo caixa, e atraindo mais crianças. Em seu relato Juliana afirma desde que se entende por gente estas brincadeiras sempre estiveram presentes na comunidade.

Segundo Bergo(2011),

²⁶ Para LAVE e WENGER(1991) P.P.L. - Participação Periférica Legitimada refere-se ao processo através do qual um recém-chegado vai se tornando, progressiva e efetivamente, membro de uma comunidade de prática. Processo que leva este recém-chegado a sair de uma posição periférica a se tornar um participante pleno em uma determinada prática.

O argumento principal é que comunidades de prática existem em toda parte e de que estamos geralmente envolvidos em algumas delas, quer seja no trabalho ou em casa, quer seja em nossas atividades cívicas ou de lazer. As características de tais comunidades são variadas, sendo algumas mais formais em sua organização e outras mais dispersas, mas todas apresentam em comum situações nas quais pessoas realizam atividades cooperativamente, partilhando os mesmos objetivos e recursos. Ali, as categorias de espaço e tempo são mais fluidas, obedecendo não às determinações burocráticas, mas ao ritmo de trabalho e participação dos sujeitos envolvidos.

Assim, segundo a autora, embasada na teoria da Aprendizagem situada de Lave e Wenger (1991), aprender em comunidades de prática envolve uma participação não apenas em eventos pontuais de engajamento em algumas atividades coletivas, mas a um processo mais abrangente, que diz respeito a uma participação ativa nas práticas da comunidade e na construção de identidades em relação àquelas comunidades. Isto significa que

a atividade produtiva (ou a participação) e a aprendizagem são inseparáveis, pois estão intrinsecamente relacionadas. Em uma comunidade de prática os diferentes membros têm formas distintas de participar, mas é o fato tomarem parte na realização de tarefas que torna possível saber, compreender, aprender. Praticando juntas, porém cada uma a sua maneira, as pessoas buscam meios de melhorar o que fazem, seja a resolução de problemas e conflitos da própria comunidade, seja da relação desta com o seu entorno. (BERGO, 2011: 52)

A aprendizagem situada faz parte então, de uma perspectiva teórica geral que se baseia no caráter relacional da produção de conhecimento, no sentido negociado dos significados e na natureza da atividade de aprendizagem para as pessoas envolvidas. Lave e Wenger afirmam que aprender independe da existência de uma relação mestre-aprendiz e da instauração de uma relação propriamente pedagógica:

A aprendizagem é, ela mesma, uma prática improvisada: um currículo de aprendizagens explicitado nas oportunidades para se engajar na prática. Este não é especificado como um conjunto de preceitos sobre uma prática adequada. Na situação de aprendizado, as oportunidades para aprender são, com muita frequência, estruturadas pelas práticas de trabalho em lugar de relações fortemente assimétricas entre mestre e aprendiz. (Lave e Wenger, 1991:93).

Deste modo, pensar como sugerem os autores, em uma perspectiva descentrada das relações mestre-aprendiz, nos leva a entender que os saberes não residem no mestre e sim na organização da prática social da qual o mestre e o aprendiz são parte. Desta forma, o conceito de comunidade de prática é fundamental para pensar na concepção da aprendizagem situada “enquanto fenômeno de interação num grupo social (e não um

processo individual) e o conhecimento como atividade ou processo (em oposição à ideia de produto). A aprendizagem e o conhecimento são vistos de modo contextualizado e relacionados com práticas sociais”. (BERGO,2011:53).

A questão da identidade

Neste sentido, sob o ângulo teórico proposto por Lave e Wenger (1991), a questão da identidade tornou-se central, visto que a aprendizagem não pode ser mais vista como um processo de adquirir saber, de memorizar procedimentos ou fatos, mas deve ser percebida como forma evolutiva de pertença, de tornar-se membro, de sentir-se como.

Ingold (2000) também traz contribuições importantes sobre a constituição de identidades dos sujeitos. A partir de seu enfoque teórico, percebe-se que o “ser aturo” não acontece a partir da transmissão da cultura da comunidade. Torna-se um Arturo pelo treinamento em tarefas diárias, cujo sucesso do cumprimento requer uma **habilidade**²⁷ praticada para perceber e responder fluentemente a aspectos salientes do meio ambiente. Em suma, a aprendizagem não é uma transmissão de informação, mas uma educação da atenção.

Perceber estes aspectos é, segundo Gibson, citado por Ingold (2000), um processo ativo e exploratório de captar informações, sendo importante aguçar o olhar, o tocar, o sentir, o cheirar, para perceber como tudo isso se revela no movimento, na ação, na relação com o outro, com o mundo e, trazendo para minha pesquisa, com a festa tendo em vista o engajamento do sujeito com a prática vivida. Tornar-se um Arturo é uma ação contínua, inseparável da vida cotidiana da pessoa e que se estende por toda sua existência no mundo.

Mas que identidade é essa constituída nestas relações? A Identidade, segundo Fonseca (2009) é “o conjunto de caracteres próprios e exclusivos de uma pessoa no conjunto das relações sociais. Do ponto de vista cultural é também o sentimento de

²⁷ Entendida aqui, como sugere Ingold, na capacidade de estabelecer relações entre percepção/ação num contexto dinâmico e ricamente estruturado.

pertencimento a um grupo ou a uma cultura particular. A identidade é dinâmica, pois é estruturada nos freqüentes diálogos e conflitos existentes na sociedade”.(p. 40)

A construção da identidade é de suma importância para o sujeito, visto que será a partir dela que ele se sentirá autor de sua história. Zerbo (1982) afirma que não se pode amar aquilo que não se conhece. Só é possível formar uma identidade com aquilo que se conhece. Para Munanga (2002), a identidade cultural se constrói com base na tomada de consciência das diferenças provinda das particularidades históricas, culturais, religiosas, sociais, regionais etc. Delineiam-se assim no Brasil diversos processos de identidade cultural, revelando certo pluralismo tanto entre negros, brancos etc. todos tomados como sujeitos históricos e culturais e não como sujeitos biológicos ou raciais. A identidade não é assim, fechada, imune ao contato, alheia aos movimentos das relações cotidianas. Ela é plural, afetada por estas relações. Constituí-la pressupõe um reconhecer-se, a partir de seus pares, a partir do outro e a partir do que emerge destas relações.



FIGURA 17: “Eu sou Arturo”
Foto tirada por Anita, 10 anos. Out/2012

No que diz respeito aos Arturos, foi fundamental compreender a implicação das práticas vivenciadas na Festa no processo de construção de suas identidades.

- Sabe Karla, a gente não fala muito do Congado na escola, os meninos falam que somos macumbeiros. (Gleice)

- Mas eu falo sim. Ainda mais agora perto da Festa. Meus colegas vem me ver, tiram foto. Acham minha roupa linda. E, quando eu falo que sou Arturo eles logo associam ao Arturito²⁸ e querem saber mais sobre onde moro e como vivo. (Anita)

- Eu também sou Arturo e pronto. E quando vem alguém zoar, eu encaro de frente. Uma vez uma professora criticou o Congado e disse que era coisa de “preto macumbeiro” e fui pra cima dela. Fui parar na direção e minha mãe teve que ir à escola. Foi o maior rebuliço. Acabou que reunimos um tantão de Arturos, tia Goreth, tia Cristiane e foi todo mundo lá tirar satisfação da professora. Ela pagou caro. Tem que respeitar....tem que respeitar. (Fábio)

Falar em identidade só faz sentido “quando relacionada com um coletivo, já que não há identidades sem os referentes-outros” (Santos, 2004:26). A partir deste entendimento mais amplo, foi possível perceber que os iniciantes²⁹ podem produzir saberes, habilidades e identidades, como formas de se constituírem como membro da comunidade. Lave e Wenger (1991) entendem a identidade como “relações vividas (em longo prazo) entre as pessoas, seu lugar e participação em comunidades de prática” (p.27). Eles propõem que identidade, conhecimento e pertença social devam ser compreendidos como um incorporando ao outro.

Bergo (2011) propõe então, que, incluindo o conceito de comunidade de prática na discussão da aprendizagem, além de por em evidência o aspecto identitário de seus membros, Lave e Wenger mais uma vez “reafirmam o processo de aprender enquanto

²⁸ Personagem criado pela Secretaria de Educação e Cultura do município de Contagem como integrante da Turma do Contagito, para dizer sobre o patrimônio histórico da cidade em um encarte distribuído nas escolas do município, desde o ano de 2008 e tem como objetivo buscar o reconhecimento e a preservação da cultura de Contagem. DIÁRIO OFICIAL DO MUNICÍPIO: Contagem, 30/12/2008.disponível em www.contagem.mg.gov.br Acesso em 02/1/2013.

²⁹ Nesta relação de aprendizagem Lave e Wenger(1991) se referem aos que estão no início do processo de aprendizagem como iniciantes, em relação aos iniciados, ou, os que já estão a mais tempo neste processo, também chamados pelos autores de aprendizes e mestres.

fenômeno que diz respeito a um grupo social e não a um único indivíduo” (p.53). Assim, ao definirmos uma comunidade de prática como sendo “um conjunto de relações entre pessoas, atividades e mundo” e uma condição “intrínseca para a existência do conhecimento” (LAVE;WENGER, 1991: 98), a Festa de Nossa Senhora do Rosário pode ser compreendida então como tal. Como afirmam Lave e Wenger (1991) sobre as comunidades de prática em geral, é possível identificar na Festa e em seus preparativos a existência de práticas de aprendizagem (e não de ensino) em seu cotidiano, além de diferentes níveis de participação de seus membros e aspectos identitários.

Aprender, a partir desse ponto de vista, diz respeito não ao “processo de aquisição de conhecimento pelos indivíduos, sendo mais o resultado de um processo de participação social e que advém amplamente das experiências vividas coletivamente”. (BERGO,2011:54).

2.11 A Festa de Nossa Senhora do Rosário como contexto de aprendizagem

A preparação e realização da Festa de Nossa Senhora do Rosário nos remete a uma prática, a um fazer coletivo em que não há a intenção primordial do ensinar, mas onde a participação produz aprendizagem. Os Arturos, em nome de sua fé, organizam a Festa para praticar o festejar e, como consequência, aprendem. A razão que motiva estarem ali não é, portanto, aprender o Congado e sim praticá-lo. O festejar implica num fazer compartilhado, bem como em troca de saberes e experiências.

Da mesma forma, é por meio da participação nesses contextos de prática que os Arturos vão se constituindo como membros de sua comunidade. Envolvendo-se inevitavelmente nas relações de poder, acordos, negociações e conflitos inerentes a vida social, o Arturo aprende os gestos, os significados, as emoções, as disposições corporais e identidades que o produzem Arturo.

As marcas e a força dos rituais

A Festa tem seus rituais que marcam o estar na Festa, o ser a Festa. O levantamento dos Mastros, o Candombe, a Matina, o Cortejo, a Missa Conga, o Almoço, o pagamento de Promessas são descritos por meus anfitriões com uma riqueza de detalhes e principalmente com um respeito por cada ação que transborda toda a importância e força deles para cada um e para a comunidade. De acordo com meus anfitriões cada um destes rituais diz muito do que é ser Arturo.

O levantamento dos Mastros

Mas vamos à Festa³⁰....Quinze dias antes do dia de seu início acontece o levantamento dos Mastros, como forma de anunciar para a cidade que a Festa está chegando. Símbolo de respeito e admiração pelos Arturos, os Mastros são enfeitados com fitas coloridas que identificam os Santos homenageados. Guarda do Congo à frente, com seus cantos e sua dança empolgante, seguida pela Guarda de Moçambique que protege e abre os caminhos para o Reinado. Reis e rainhas carregam as bandeiras que serão hasteadas e devagar, orando em silêncio, caminham primeiro pela comunidade, visitando as casas onde serão hasteados os mastros e depois pela cidade em direção à Igreja de Nossa Senhora do Rosário.

- O mastro é nossa proteção. É a proteção para a nossa Festa. Representa a relação entre o céu e a terra. Hasteá-lo significa pedir permissão ao Alto para realizarmos nossa Festa. (Juliana)

- Não pode pular o mastro. Tem que respeitar. (Anita.)

Em todas as nossas conversas as crianças demonstram uma relação muito estreita e respeitosa com alguns objetos e rituais da festa. O mastro é um destes objetos. O seu levantamento é um momento importantíssimo. Esta conexão entre o divino e o terreno envolve todo um ritual de Fé.

O grupo se divide. Alguns entram no ônibus e vão até o Cruzeiro da cidade. O percurso que antes era realizado a pé, hoje, dentro do ônibus, é também feito com muita cantoria e animação. A fé é mais uma vez demonstrada com a oração ao pé do cruzeiro.

³⁰ A ideia aqui não é descrever cada pormenor da Festa, mas os contornos gerais do que parece haver de comum na variedade de formas desta Festa, tendo como referência as experiências observadas e vividas e os depoimentos de meus anfitriões.



FIGURA 18: Levantamento dos mastros.
Foto tirada por Fábio, 13 anos. Out/2012

O Candombe

Na noite em que antecede a grande Festa, ou melhor, no primeiro dia da Festa, acontece o Candombe³¹. Em sua preparação, na capelinha, só Capitães, Reis e Rainhas podem entrar no quartinho³² pra buscar os três tambores. Primeiro entra na capelinha o Sr. Mario. João Batista³³ e Bengala o seguem e amarram os tambores na cintura. Há

³¹ Seguindo o mito, o Candombe é o primeiro na hierarquia do Reinado. Na Comunidade dos Arturos, trata-se de um ritual interno conduzido pelos principais capitães que, ao tocarem os três tambores – Santana, Santaninha e Jeremias – evocam e homenageiam Nossa Senhora do Rosário e seus antepassados, estabelecendo um elo entre os vivos e os mortos. Os três Tambores Sagrados representam a resistência negra, manifestada num desafio no qual simbolicamente o branco era sempre vencido.(GOMES;PEREIRA,2000)

³² Pequeno cubículo, localizado na lateral da capelinha, onde ficam guardados os Tambores Sagrados(Santana, Santaninha e Jeremias), as caixas, demais instrumentos e outros objetos utilizados nas festas e rituais da comunidade. É um local sagrado. As crianças nutrem muito curiosidade e assombro em relação a este local, principalmente F., devido ao envolvimento e respeito que tem pelas histórias dos mitos que ouve com atenção do Sr. Antônio. (notas do Caderno de campo)

³³ Neto de Arthur Camilo.

todo um ritual para esquentarem os couros dos tambores. É como se estivessem pedindo permissão aos antepassados para tocarem os Tambores Sagrados.

O sino toca chamando a todos. Começam a chegar os mais velhos seguidos de perto pelas crianças, as mães e avós com os bebês no colo. *Salve Maria*, cumprimentos, beijo na imagem de Nossa Senhora do Rosário. Começa o terço, seguido do aquecimento dos tambores. Anita pede benção para as crianças e para os mais velhos. Ela foi a única criança a participar. Depois adultos se enfrentaram nas cantigas, observados com entusiasmo e alegria pelos outros Arturos e com o sorriso do Sr. Mario que se divertia com as disputas.

- Todo mundo pode entrar no Candombe, mas eu sou a única criança que participa. Os meninos têm medo. Eu não. Peço proteção pra todas as crianças da comunidade e também pros nossos antepassados. Acho importante. Toda vez eu participo.
(Anita)

A Matina

No segundo dia de Festa, acontece a Matina. Às quatro horas da manhã, antes do sol nascer, os Arturos se encontram na porta da capelinha, para abrir os caminhos para a Grande Festa.

- A matina abre os caminhos pro Reinado passar. (Juliana)

Orações e cantos são feitos. Participar deste momento para as crianças representa ser forte, dar conta de acordar tão cedo e demonstrar sua fé e seu interesse pelas “coisas” da comunidade. Isso é motivo de disputa entre meus *pesquisadores mirins*:

- Eu sou um dos únicos que participa. Esse ano eu vim descalço pra pagar uma promessa pra Santa. Quase nenhuma criança acordou. Eu estava aqui!(Fábio).

Depois da Matina, todos retornam para casa, para o café, para se arrumar para a festa. Às nove horas, os foguetes chamam. É hora do cortejo até à Igreja para a Missa

Conga. A comunidade, já colorida de branco, rosa e azul, fica ainda mais reluzente, com todos uniformizados. É lindo ver o transitar de todos com suas boinas, capacetes, saiotes e camisas. O barulho das gungas, o arrumar do lenço. O bico faz parte da vestimenta para os pequeninos. As cores rosa ou azul, não importa. É um vai e vem que transborda alegria, sonoridade e fé.

O Cortejo



FIGURA 19: O Cortejo pelas ruas até a Igreja de N.S. do Rosário.
Arquivo pessoal. Out/2012

Durante o trajeto algumas guardas convidadas vão se juntando ao cortejo numa mistura de som e cores extraordinária. Outras guardas visitantes já aguardam na praçinha da igreja, depois de terem se deliciado do café com os famosos biscoitos e roscas oferecidos pelos Arturos na cantina da escola do bairro.

A Missa Conga

Há muitos fogos na chegada do cortejo na Igreja. A entrada das guardas na Igreja é marcada por um romper do silêncio com a batida das caixas que em um primeiro momento amedronta e que depois se transforma em um eco de Fé e energia.

Começa a Missa Conga. O cheiro do incenso; o som das caixas; a batida das gungas; os hinos... Tudo cria uma atmosfera indescritível.

O padre não resiste ao som e dança também, mesmo que timidamente. Reis e rainhas oferecem as coroas como oferenda.

Durante a missa, no pátio, acontece todo um movimento paralelo: pegador, estrelas, corre corre entre as crianças; paquera e comilança entre os adolescentes e jovens. Dentro da igreja, ao som dos tambores, as coroas são devolvidas aos seus donos.



FIGURA 20: A Missa Conga
Arquivo pessoal. Out/2012

Para a despedida, a Igreja ecoa o canto das flores de Nossa Senhora do Rosário, em uma mistura de real e imaginário, era como se pétalas efetivamente estivessem caindo do céu...

*Lá na rua debaixo,
Lá no fundo da horta
A polícia me prende, olelê
A Rainha me solta*

*Ta caindo fulo, eheh
Ta caindo fulo, eh ah
Lá do céu, cai na terra
Ai meu Deus, ta caindo fulô*

*Senhor capitão,
Onde me mandar eu vou,
No palácio da rainha,
Nasceu um pé de fulô*

*Ta caindo fulo, eheh
Ta caindo fulo, eh ah
Lá do céu, cai na terra, é
Ta caindo fulô³⁴*

No retorno à comunidade para o almoço, começa a chuva e a dança se anima para aquecer.

- Isso não é nada. Tia Ninita conta que nos tempos antigos as fitas dos capacetes eram de papel crepon e com a chuva a tinta escorria no rosto, na roupa...mas nada as desanimava. A festa

³⁴Sobre as tantas cantigas cantadas durante os cortejos das Guardas de Congo e Moçambique Glaura Lucas(2002) traz uma contribuição importante que diz muito da não transmissão cultural estática tão bem desconstruída por Ingold(2001). Em seu livro *Os Sons do Rosário*, a autora afirma que

(...)as construções musicais do Congado – cânticos, embaixadas e padrões rítmicos - se desenvolvem de acordo com uma dinâmica própria do universo das tradições orais.

A cada ano o antigo ressurgue novo, (re)criado, a partir da referência ancestral. O vasto repertório de cantos está, pois, sujeito, a um grau de **mobilidade**, e inclui, principalmente, não só aqueles “do tempo dos antigos” que são reatualizados, mas também contribuições dos congadeiros atuais através de recriações e readaptações, num **diálogo contínuo** entre o passado e o presente. (LUCAS, 2002:75) (grifos meus)

era mais importante e dançante que é dançante dança ainda melhor na chuva. E nós somos assim também. (Anita)

O Almoço

Enquanto acontece o retorno do cortejo, as cozinhas da comunidade estão em polvorosa. As cozinheiras são muito queridas por todos e reverenciadas, pois, como afirma Paula, *sem elas a Festa não aconteceria*. Elas possuem até uma Guarda especial: A Guarda das Cozinheiras, que normalmente se reúne após o almoço para dançar pela comunidade. Este ano o trabalho foi pesado e a Guarda não se reuniu.

A preparação para o almoço segue a todo vapor. É um momento muito importante da Festa. Servir bem e com fartura é uma preocupação de todos os Arturos e uma característica marcante das festas na comunidade.

- Toda vida foi assim. E antes era muito mais difícil. Hoje nós temos a cozinha organizada, tudo pertinho, antigamente tinha que trazer aquela comidaiada no cargueiro. No tempo de papai era tudo muito complicado. Não tinha a comodidade que tem hoje. Nós lutávamos com muita dificuldade, mas papai fazia questão de servir bem os convidados. O arroz da festa era socado no pilão, mamãe fazia a comida e todo mundo que ia à festa comia e gostava da comida da mamãe. Farinha torrada, feijão. Tudo vinha da plantação de papai e das coisas que ele ganhava. A gente quase não comprava nada. No café da manhã os famosos biscoitos e o cafezinho, que era torrado pelo papai também. A receita dos biscoitos era de uma tia minha. Tudo em nome da fé. Tudo muito simples porque a gente não tinha muito recurso, mas em homenagem a NS do Rosário se fazia comida pra todo mundo. (D. Tetane).

O momento do almoço é cultuado e vivido em plena confraternização entre o sagrado, o alimento e os sujeitos. Na casa paterna todo o quintal foi transformado em um grande refeitório.



FIGURA 21: O almoço no quintal da Casa Paterna
Arquivo pessoal. Out/2012.

O cheiro da comida toma conta de todo o espaço e depois de tanta dança, tanta festa, todos não veem a hora de se deliciar com a feijoada dos Arturos.

- Você nunca comeu, Karla? Vem gente de longe. Mesmo quem não participa do cortejo entra na fila. Essa fila grande é a alegria das cozinheiras e de toda a comunidade. Vô Arthur fazia questão. E nós cumprimos nossa obrigação. Parece até que foi São Benedito, o cozinheiro do céu, que temperou. Ô delícia, sô. Entra na fila, entra na fila e experimenta. (Helena, filha de D. Entina).

Antes de servir é feita uma oração de agradecimento e o som das caixas enche o ambiente de energia. Há no ambiente uma atmosfera de reprodução da *Santa Ceia*. Cantos são entoados, a mesa onde se sentará o Reinado é reverenciada e só depois Reis, Rainhas e Capitães se aproximam dela. Ainda de pé, todos rezam um Pai Nosso e ao bater do bastão do Capitão Regente, todos se assentam.



FIGURA 22: Oração de agradecimento pelo almoço
Arquivo pessoal. Out/2012

Reis e Rainhas são servidos, as guardas convidadas entram na fila, se servem e depois se espalham pelos bancos e mesas do refeitório. Acontecem interrupções para agradecimentos durante todo o horário de almoço. Cada guarda que entra agradece, na chegada e na saída, o alimento oferecido. São cantos sentidos, que transbordam fé e alegria.

*Quero agradecer sua mesa santa
quero agradecer sua mesa santa
passarinho sem alpiste ele não canta
passarinho sem alpiste ele não canta
quero agradecer sua mesa santa
quero agradecer sua mesa santa³⁵*

³⁵ Canto de agradecimento pelo almoço. (LUCAS, 2002:310)

Os Arturos, como anfitriões, são os últimos a comer. Esta regra é difícil de ser entendida pelas crianças, que vez ou outra, correm até a cozinha e pedem uma *coisinha escondido*.

O pagamento das promessas

No fim da tarde, após todas as Guardas visitantes já terem almoçado, começa a preparação para a Procissão em homenagem a Nossa Senhora do Rosário. Todos, Arturos ou não que fizeram promessas à Santa, fazem os “pagamentos” e o Cortejo com os andores sai novamente em direção à Igreja.

Os andores dos santos³⁶ são carregadores pelos pagadores de promessa, que normalmente caminham descalços, em prece, agradecendo a graça recebida.



FIGURA 23: O andor de Nossa Senhora do Rosário
Foto tirada por Paula, 32 anos. Out/2012

³⁶ Nossa Senhora do Rosário, São Benedito e Santa Efigênia.

2.12 O Congo Mirim: a imitação como processo de aprendizagem

Almoço servido, é hora de reunir o Congo Mirim³⁷. Ao chamado do capitão mais de vinte crianças e adolescentes se reúnem na porta da capelinha. Gleice estava conversando comigo e ao ouvir as primeiras batidas das caixas, simplesmente abandonou o bate papo e saiu correndo em disparada. A Guarda mirim circulou toda a comunidade, brindando os visitantes com alegria e animação. De todos os cantos apareciam crianças devidamente uniformizadas, carregando seus tambores, suas gungas, além dos bicos e paninhos.... Seus olhos se fixavam nos movimentos dos adolescentes e jovens. Era uma mistura de admiração e atenção. Os detalhes na tentativa de imitar cada gesto eram impressionantes. O mundo externo pouco importava: flashes, aplausos, nada tirava a atenção dos pequeninos dos movimentos de seus **mestres**.



FIGURA 24: O Congo Mirim.
Arquivo pessoal. Out/2012

Observar a ação destas crianças me fez retomar o que foi bastante explorando ao longo de todo este capítulo: a natureza prática da aprendizagem da Festa. A

³⁷ A Comunidade dos Arturos se orgulha de possuir as Guardas de Congo e Moçambique, a Guarda das cozinheiras e a Guarda do Congo Mirim, composta só por adolescentes e crianças.

organização cotidiana da comunidade faz com que todos seus integrantes tenham permanentemente sob os olhos um repertório completo de exemplos em que se inspirar, modelos para imitar. Em cada momento da Festa as crianças, e não somente elas, observam e põem em ação os gestos, os cantos, as rezas, as danças, e assim, ao aprenderem os aspectos mais práticos da Festa, acabam por aprender o que é ser um Arturo.

Isto porque nas festas e rituais, mesmo não havendo momentos de muitas conversas instrutivas, acontecem incentivos e correções mútuas dentro da comunidade. Para saber o que deve ser feito e qual o sentido e significado do que foi feito meus anfitriões observam uns aos outros. E cada novo gesto aprendido torna-se, por sua vez, o suporte que possibilita a descoberta e a compreensão de outras funções e fundamentos do Congado. Mesmo não havendo explicações explícitas, não significa que haja pouca fala. Lave e Wenger (1991) afirmam que, para se tornar um participante legítimo em uma comunidade é preciso aprender com os seus membros como falar (e como ser silencioso). Bergo (2011) sugere que não se deve “subestimar a importância das conversas de aparência informal, desinteressadas”(p. 212). A observação atenta e silenciosa, o imitar inicialmente desastrado e sem jeito se tornam, no contexto da aprendizagem, elementos essenciais das relações na Festa, pois comunicam o saber Arturo. Assim sendo, a Festa de Nossa Senhora do Rosário entendida como uma comunidade de prática possibilita que seus integrantes possam usufruir o que Lave e Wenger (1991) chamam de “benigno descuido comunal”, ou como bem esclarece Bergo (2011)

(...) abre espaço para que cada um configure suas próprias relações de aprendizagem, sem que haja necessidade de uma regulação direta, imposta. Ali as oportunidades para aprender são estruturadas pela dinâmica da própria prática religiosa e nas regelações de natureza comunitária, e não por relações mestre-aprendiz sistemáticas e assimétricas. (p.212)

Com uma observação atenta pude perceber que os movimentos das crianças não eram “idênticos” aos de seus **mestres**. E nem poderiam ser. A força empregada, o jeito das mãos, do corpo, de uma maneira geral, eram pessoais e inéditos. A situação era única e irrepetível. Ingold (2001b: 21), estudando sobre as práticas do ferreiro, afirma que seus movimentos não podem ser entendidos como produto de um “programa motor fixado” conseguidos “através de aplicação de uma fórmula”. Mais do que mera execução técnica, as mãos do ferreiro são guiadas pela percepção e a repetição rítmica

do movimento constituído na interface com o ambiente (Ingold, 2000: 190). Carregados de intenção, os movimentos respondem continuamente a cada mudança de situação (Ingold, 2000: 414) e, desse modo, são sempre diferentes (em relação ao anterior), pois se efetivam em condições ambientais diferentes a cada momento.



FIGURA 25: Os caixeiros do Congo
Arquivo pessoal. Out/2012

Os jovens caixeiros observados pelas crianças não estão ali ensinando, mas através de sua batida nas caixas dão suporte ao processo de aprendizagem das crianças, orientando seus gestos, e conseqüentemente fazendo-os aprender. É o que Ingold (2001a) chama de **redescoberta guiada**. Os adolescentes estão “guiando” os passos dos futuros caixeiros Arturos. E é exatamente o “engajamento atento e situado” na prática que permite aos pequenos, constituírem habilidades (Ingold, 2001a), uma vez que a **habilitação** continuada é parte do processo de se produzir Arturo.

Acredito que o conceito de **redescoberta guiada** proposto por Ingold (2001a) traz contribuições importantes para tentarmos compreender como se produz esta identidade Arturo. Segundo o autor, o “conhecimento na história de vida da pessoa não é um resultado de uma transmissão de informação, mas de uma redescoberta guiada” (p.138). Como pude perceber entre os pequeninos e seus **mestres**, o conhecimento se constitui nos próprios sujeitos e na interação com os seus predecessores. Para Ingold (2001a: 141) “o processo de aprendizagem pela redescoberta guiada é mais competentemente conduzido pela noção de execução”. Assim, diz o autor:

o iniciante observa, sente, escuta os movimentos do *expert*, e procura por meio de experiências repetidas executar o seu próprio movimento [...] para alcançar um tipo de ajustamento rítmico da percepção e ação que liga ao centro da performance fluente. (Ingold, 2001a: 141).

2.13 A relação dos Arturos com os objetos, com seus pares, dando vida à Festa

A todo o momento, a relação dos Arturos com os objetos se torna bastante explícita. Trago aqui algumas destas relações entre outras que de alguma maneira já foram descritas no texto, mas que gostaria de dar maior visibilidade. A convivência cotidiana dos Arturos com todos os elementos que envolvem a Festa é especialmente significativa porque torna visível uma substancial parte do patrimônio cultural da sua prática festiva.

Os instrumentos musicais e o bastão regente

Foi marcante a relação de meus *pesquisadores mirins* com os objetos que representam a Festa.

O Patangome ou chique chique traz lembranças do Tio Titoco³⁸, o rei do patangome da comunidade. Titoco não deixava ninguém tocar seu patangome. Hoje Fábio conta que sabe tocá-lo devido a *ficar bem pertinho do Titoco vendo-o tocar*. Já Gleice relata que não sabe tocar direito. O pouco que aprendeu foi olhando seu avô tocar e ouvindo suas instruções.

³⁸ Filho de Artur Camilo, já falecido.



FIGURA 26: O Patangome
Foto tirada por Gleice, 8 anos. Out/2012

O batido da caixa chama pra dança. Anita relata que o som das caixas é emocionante. Para ela, vê-las no chão ou penduradas no ombro dos caixeiros, é saber que ali tem um Arturo. A relação de Fábio com a caixa é uma constante e faz parte de sua história. Em cada fato que lembra faz menção à caixa. O batido das caixas é realmente envolvente.



FIGURA 27: As Caixas
Foto tirada por Fábio, 13 anos. Out/2012

Para Gleice o som mais gostoso é o da gunga. *Parecem sininhos, muitos sininhos tocando.* Em uma das conversas de meus pesquisadores mirins³⁹ com o Tio Mário, ele revela que sente muita saudade de dançar com a gunga nos pés.

- Já dancei muito. Hoje vejo vocês dançarem e dá muita saudade e alegria de ver que não vai acabar.

Mas tem que saber dançar com elas nos pés. Quando se sabe é bonito de ver e ouvir. Mas quando não se sabe....



FIGURA 28: As Gungas
Foto tirada por Gleice, 8 anos. Out/2012

Fábio revelou ter um sonho: ser Capitão. Quer ter seu bastão. Segurar um bastão é sinônimo de poder. Somente com o bastão nas mãos um Capitão pode puxar as músicas. Fábio diz que o bastão é igual o Rosário.

Se não tiver com o bastão na mão não é capitão, se não tiver um Rosário não é um Arturo. Durante o Almoço, os bastões não ficam deitados sobre a mesa. Todos estão em pé, encostados nas pilastras. Fábio me esclareceu que na hora do almoço cada objeto tem um lugar certo pra ser colocado. Não pode deitar o bastão porque ele é sagrado.

³⁹ Depois da Festa e preocupados com o final da pesquisa, Fábio, Anita e Gleice me propuseram de fazer algumas *entrevistas* com os mais velhos da comunidade. Conversaram com Vovó Tetane, Tio Mário, Tio Antônio, Vovó Dodora e Tia Lucinha. Alguns trechos dessas conversas foram transcritos neste capítulo.



FIGURA 29: O Bastão
Foto tirada por Fábio, 13 anos. Out/2012

O Rosário



FIGURA 30: O Rosário
Foto tirada por Anita, 10 anos. Out/2012

O Rosário é sinônimo de proteção para os Arturos. Estar com o Rosário representa estar protegido do mundo. Na fala, principalmente das crianças, estar com terço é estar protegido *pra não passar mal, pra ninguém rezar nas nossas costas*⁴⁰. Tem que estar com o rosário sempre que for dançar. E em casa também. Durante a Festa a Fé neste objeto é fartamente explícita, mas no cotidiano ela também está presente, nos quadros, nas cômodas, nas paredes das casas. Além de ser motivo de orgulho ter um lindo Rosário.

O Reinado

Os Reis e Rainhas são reverenciados. São personagens principais da Festa. D. Tetane relata toda uma preparação para o coroamento. Há necessidade de jejum, penitência e muita oração. O respeito pelos reis e rainhas durante a festa se estende ao cotidiano da comunidade. São conselheiros, ombro amigo, pais e mães de todos os Arturos.

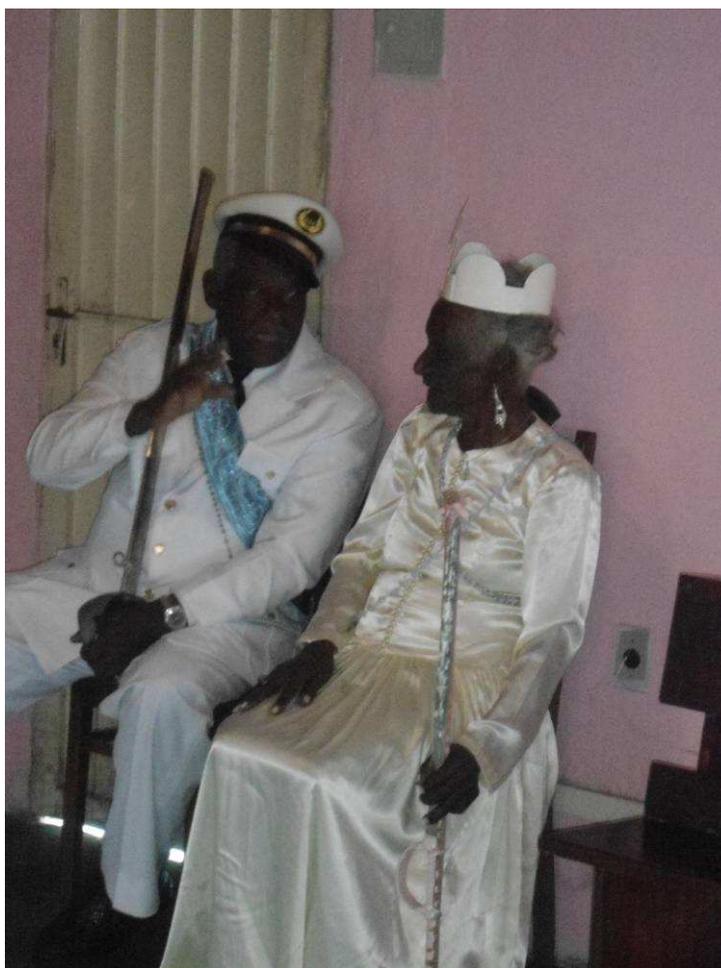


FIGURA 31: O Rei e a Rainha do Império
Arquivo pessoal.Out/2012

⁴⁰ Expressão que os Arturos utilizam para dizer do mau-olhado, da inveja.

- Mamãe era rainha do Império, e passou pra mim, filha mais velha. O reinado não pode aceitar nada durante a Festa, não pode beber álcool e tem que rezar o tempo todo. As coroas têm que ser colocadas no altar. A rainha Conga é que coloca a coroa na cabeça das rainhas. Uma guarda vai buscar a gente em casa pra que aconteça a coroação na frente do altar. A função dos reis e rainhas é reverenciar a Nossa Senhora do Rosário. Ela abençoa as coroas, as capas e os bastões. Eu não posso explicar como surgiu o Congado, papai falava pra gente e eu era muito pequena, mas sei que nós temos que respeitar e ter fé. Já peguei do papai pra frente. E vou seguir até quando Deus quiser. E sei que meus filhos e netos também seguirão. Porque papai queria assim. (D. Tetane)

O altar e seus Santos



FIGURA 32: O altar da Capela da Comunidade dos Arturos
Foto tirada por Paula, 32 anos. Out/2012

O cuidado com o Altar é marcante. É o templo Sagrado da comunidade, onde repousam os Santos, as coroas e os bastões. É reverenciado por todos que entram na

Capelinha. Para os Arturos é maravilhoso. É a razão de ser de toda a Festa de Nossa Senhora do Rosário

- *Ao entrar na capela damos de cara com ele. Tem uma força incrível. Pode ajoelhar e pedir que será atendido. Adoro esse altar. (Paula)*

As relações com os objetos e com seus pares percebidas aqui podem ser percebidas em contextos diferentes. Obviamente que em outro contexto elas geram relações e práticas diferentes. Sem a intenção de comparar tais práticas, até porque cada uma traz suas especificidades, observei um mesmo movimento nos trabalhos de Sautchuk (2007), Faria (2008) e Bergo (2011). Este movimento pode ser visto:

Na relação dos meninos laguistas com o arpão, observada por Sautchuk:

Nascer entre parentes proeiros é, por várias razões, uma forma de se desenvolver como tal. A começar pelo acoplamento com o arpão. A relação do filho de um laguista com sua haste é tal que ele não só a porta durante boa parte do dia, mas vários dormem junto com elas. Ao longo da vida de um filho de laguista, o arpão o acompanha, desenvolvendo-se concomitantemente ao seu corpo. Seria melhor dizer, aliás, que o que se mantém ao longo dos anos é o acoplamento, a forma protética de agência, de modo que, se o arpão aumenta suas dimensões junto com o menino, é justamente para conservar um mesmo tipo de relação. É bem verdade que algumas coisas se alteram: a ponta, que no início é rombuda e talhada na mesma peça da haste, passa a ser afiada, depois feita em metal; por fim, ela assume a configuração destacada da haste, com maior potencial para perfurar e aderir ao alvo. Mais correto seria dizer, conforme a nomenclatura local, que os meninos brincam com *hastes* (sem ponta), depois com *zagaias* (ponta conectada à haste), para finalmente usar o *arpão* (ponta destacável). Preciso importantes, relativas ao potencial agressivo e à complexidade do dispositivo, mas que não devem diminuir o valor do processo contínuo de acoplamento à arma. (2007:271)

Na relação dos jogadores de futebol com seus pares, observada por Faria, na organização das partidas no campinho de um bairro de Belo Horizonte:

O paradoxo da participação como *de fora* estava no fato de que os iniciantes tinham de apresentar *habilidade* futebolística para participar, porém tinham de participar/praticar para constituir *habilidade*. Aprender a lidar com essa tensão — de fazer parte, mesmo não estando à altura dos demais praticantes, e, ao mesmo tempo, ter que participar para estar à altura — era fundamental para os iniciantes.

Como *de fora*, os iniciantes participavam momentaneamente do jogo e realizavam longos períodos de observação — momentos em que mesmo os que pareciam dispersos sabiam o resultado do jogo ou o tempo que faltava para a sua vez de jogar. Assistir aos jogos de futebol não significava, portanto, estar passivo ao que acontecia. Ao contrário, significava ocupar uma posição em que era possível perceber facetas não disponíveis aos

jogadores (como um tipo de prática de futebol). Como afirmou Pelé, assistindo ao jogo também se aprende a jogar: *“Eu aprendo vendo, olhando eu aprendo, senão meu professor ensina isso, mas eu olho assim, eu vejo os outros jogando aí eu olho e aprendo, fácil. [...] É por isso que eu gosto muito de jogar futebol, desde pequeno”*. A observação era, portanto, uma prática central à participação/aprendizagem do futebol (FARIA, 2008:105)

E na relação dos umbandistas com a aprendizagem dos rituais, observada por Bergo quando da entrada de um iniciante no terreiro:

Um jovem (com aproximadamente 15 anos) conhecido de um dos médiuns da “Casa” apareceu um dia no terreiro um pouco antes da sessão semanal começar. Ele então abordou o G.S. (que organizava o barracão) e se apresentou como um “ogã em desenvolvimento” e pediu para participar da “gira”. G. o orientou a procurar Pai J. que estranhou o pedido, mas acabou lhe dando permissão a fim de “ver no que ia dar”. O rapaz tratou de ir se instalando junto aos médiuns que se encontravam sentados no chão aguardando o início da “gira”.

Ao notar suas dificuldades em saber como se comportar naquele ambiente, K. resolveu ajudá-lo fazendo todo o gestual de maneira lenta e procurando chamar-lhe a atenção. O rapaz passou a segui-lo por todo o barracão, procurando imitá-lo e tentando, às vezes, antecipar suas ações. Os umbandistas mais antigos olhavam-no desconfiados, mas com discrição, buscando fazê-lo entender “por ele mesmo” que “a umbanda não é brincadeira”. Logo que percebiam que o rapaz não conseguia realizar algo (como entender o que os boiadeiros diziam, por exemplo), imediatamente alguns ogãs ou equedes rodeavam-no e assumiam a tarefa em seu lugar.

Quando o jovem voltou ao terreiro nas semanas seguintes, questionaram-no insistentemente procurando saber de onde vinha e quais eram suas intenções ali. Como sua frequência ao terreiro se resumia às “giras” (as quais muitas vezes chegou com atraso) e o apoio que o K. (que se encontrava em estágio bastante inicial do seu processo de desenvolvimento) lhe dava também não era um sinal muito forte, tanto Pai J. quanto os outros umbandistas não chegaram reconhecê-lo efetivamente como membro da “Casa”. (BERGO, 2011:129).

Os três autores dizem da importância destas relações no processo de vir a ser, de tornar-se um pescador, um futebolista, um umbandista, revelando um mesmo movimento que observei entre os Arturos.

O encerramento da Festa

A festa de Nossa Senhora do Rosário tem, em seu último dia, na segunda-feira, a missa na Capelinha e o cortejo para a descida dos mastros. No final da noite uma sensação de dever cumprido e saudade toma conta de todos.

- Agora estou triste. Quero que chegue logo o ano que vem, pra fazer tudo de novo. (Gleice).

- Eu estou é feliz. Este ano a festa foi ainda mais bonita. Aposto que a Santa gostou mais. (Fábio).

- Eu estou é cansada. Dancei demais. (Anita).

2.14 A observação como prática de aprendizagem

A riqueza dos dados colhidos em campo mostra que, tanto em suas narrativas, quanto em sua participação da prática festiva, meus anfitriões compreendem e utilizam a observação como uma ação fundamental para sua aprendizagem. Para Bergo (2011), “em nossa tradição de pensamento o ato de observar é desvalorizado em detrimento da ação e da atividade, especialmente em si tratando da aprendizagem de algo que exige habilidades motoras, como é o caso de aprender a tocar instrumentos musicais” (p.230). É fundamental, todavia, evidenciar que a observação levada a efeito pelas crianças Arturos implica em ação: a ação de observar. Uma ação de ver, ouvir, prestar atenção. Ação esta que os leva a aprender a bater a caixa, a balançar o patangome, a dançar com a gunga nos pés. E este aprendizado é algo bastante concreto. Isso porque, longe de ser uma atividade simples, **observar** envolve atenção e presença. A observação é a ferramenta básica neste aprendizado da construção do olhar sensível e pensante. A observação cotidiana aproxima os pontos de vista do iniciante dos modos de ver, fazer e significar dos familiares mais experientes. Isto ajuda os Arturos a produzirem “significados mais ou menos compartilhados, fruto da observação coletiva e improvisada. Tais significados serão o ponto de partida referenciado para a negociação de novos sentidos, utilizados pelo aprendiz na construção do conhecimento”. (BERGO, 2011, p.231)

A ação de aprender com todos e aprender com os pares

Participar da Festa, saber tocar os instrumentos, proteger-se com o rosário, rezar junto ao Altar pedindo proteção aos Santos é mais que uma estratégia para aprender a ser a Festa. Esta é uma forma de se conectar aos fundamentos e rituais do Congado, participando diretamente em sua prática. A presença constante das crianças nas Festas, a

relação que os adultos estabelecem com elas e o envolvimento com as práticas permitem aos pequenos Arturos uma participação plena.

É, portanto, vivenciando continuamente a experiência festiva, e deixando-se **guiar** por suas observações e percepções, que os Arturos paulatinamente “sentem as coisas por si mesmos” (Ingold, 2001b, pp.21-22). Porém, é importante pontuar que o ato de repetir em tal contexto significa muito mais do que mera replicação de ações e posturas. Significa que, a cada gesto de sua prática, o pequeno Arturo observa e realiza um tipo de “cálculo”, que tem como referência experiências prévias – não apenas as suas, mas de toda a comunidade – e produz mudanças e ajustes ao novo fazer daquela atividade. As ações festivas vividas na Comunidade dos Arturos implicam, portanto, num sutil, dinâmico e complexo processo de improvisação, no sentido que Ingold dá ao termo.

Ingold e Hallam (2007), afirmam que nenhuma cópia ou imitação é perfeita, uma vez que não se trata de simples e mecânicos processos de replicação. Copiar e imitar implicam num complexo e progressivo alinhamento de observações de modelos postos em ação no mundo. Este alinhamento repousa no trabalho da improvisação e por isso dizem que existe criatividade até mesmo no processo de manutenção de uma dada tradição. Para os autores seguir uma tradição não é replicar um comportamento fixo, mas continuá-lo dos predecessores, numa análise do movimento da vida, comparando o estado atual com as escolhas do passado. Para se dar continuidade à tradição não ocorre uma reprodução passiva, “inerte”, mas sua regeneração ativa, como um prédio que necessita de manutenção para não se desintegrar, não havendo oposição entre continuidade e mudança (inovação).

Diante disso, as ações produzidas pelos pequenos Arturos durante a Festa e no cotidiano da comunidade, podem parecer aos olhos dos visitantes e estranhos àquela prática, um processo meramente repetitivo, num sentido bastante limitado do termo. Mas não é isso que acontece. Esta “repetição” é um procedimento recursivo, no qual cada gesto produzido faz referência à outra ação.

Essas ideias remetem ao conceito de **ensaio** proposto por Tim Ingold(2000:418). Para o autor, ensaio é o processo de “repetir o mesmo movimento como uma preparação ou condução para o seu desempenho prático”. O ensaio é, então, uma maneira de

entender a prática, um processo de aprender a partir da imersão no que se está praticando ou como ele mesmo diz (2000: 416), é “processo de habilitação, no qual a aprendizagem é inseparável do fazer”.

Ingold afirma que (2000: 190), em um processo de habilitação, o que se repete a todo o momento é o resultado do movimento e não o movimento em si. Assim sendo, é o foco do observador que causa a impressão imediata de repetição/reprodução de movimentos. O aprendizado ou seu aprimoramento poderá acontecer por meio da repetição e do ritmo das ações diretamente realizadas com esta intenção, uma vez que a regularidade da ocorrência de tais ações tem como efeito a criação de uma familiaridade com a experiência e o desenvolvimento de uma atitude ajustável ao que está sendo aprendido.

Contudo, apesar de haver uma lógica coletiva, Bergo (2011) sugere que é possível identificar também formas distintas e até particulares de construção do conhecimento. Fica evidente, portanto que, ao lado do forte sentido de que o “aprender com todos e o aprender com os pares” assume em tal contexto está o fato de que é o próprio Arturo individualmente que regula, em última instância, a velocidade da progressão de sua aprendizagem.

Ninguém informou a Fábio que era hora de começar a bater caixa, que ele já tinha aprendido. Nem mesmo Anita foi informada de que poderia participar do Candombe. Eles souberam (e até poderiam ter errado) o momento de iniciarem. A aprendizagem se configura aí.

É importante dizer também que a relação entre iniciados e iniciantes (mestres e aprendizes) não é fruto de uma pedagogia pensada e organizada segundo um plano estruturado, como já havia pontuado anteriormente. Alguns esporádicos conselhos ou sugestões de “como fazer” dirigidos aos pequenos se apresentam mais como um cuidado para que corra tudo bem na Festa. Quando alguém se dispõe a explicar sobre o porquê de determinados gestos ou a descrever a realização de um ritual, tem como objetivo principal garantir o perfeito funcionamento de tais ações e a perpetuação do trabalho realizado pela comunidade (BERGO,2011).

É a partir das experiências acumuladas em anos de prática que os mais velhos operam, empiricamente, seus saberes e habilidades. Eles se comportam de modo muito semelhante ao modo como viram seus pais e avós agirem. Em seus relatos, isto fica evidente. Acabam por reproduzir o modelo em que eles mesmos aprenderam.

De modo geral, é por meio de observações, críticas, encorajamentos ou apenas pela presença, que os mais experientes se relacionam com aqueles que começam a trilhar seus caminhos no Congado. Se os mais antigos permitem-se tal economia de palavras, é porque o essencial do saber Arturo transmite-se fora de uma intervenção explícita. Assim sendo, pode-se dizer que essa postura – que implica no que Lave e Wenger (1991) denominam de “negligência benigna” (p.93) – é característica de todos os movimentos de interação na Comunidade dos Arturos.

A partir da reflexão sobre esses aspectos da prática festiva na comunidade, e, tendo em vista os aportes teóricos por mim escolhidos, não consegui identificar processos de ensino entre os Arturos. Os modos de aprendizagem que fazem parte do repertório partilhado entre os Arturos não acontecem a partir do seu ensino explícito, mas sim da visibilidade que tais ações vão assumindo no dia a dia da comunidade. Compactuo com a ideia proposta por Bergo (2011) sobre a criação, por parte dos iniciantes, de **estratégias de aprendizagem**, que facilitam o percurso do produzir-se Arturo.

Fábio relata ter usado lata de óleo e colher de pau pra aprender a bater caixa. Esta prática foi recorrente nos relatos de vários Arturos. Usar a panela e a colher para aprender a bater caixa pode ser entendida como uma estratégia de aprendizagem, categoria pensada por Bergo(2011). Em seus estudos sobre a aprendizagem na e da Umbanda a autora concluiu que

Nas múltiplas maneiras de praticar umbanda, meus anfitriões se valem das “estratégias de aprendizagem” como um modo de se iniciarem na realização de alguma tarefa específica, ou ainda para garantirem a sua participação e permanência na comunidade, e também como um meio de se especializarem nas “coisas dos santos” que compõem a liturgia da umbanda. Assim, logo que chegam à “Casa do J.”, os médiuns já iniciam a construção e uso de estratégias que possam lhes garantir sucesso em seus processos de se produzirem como umbandistas que se desdobram no decorrer de todo o processo de participação na prática social. Uma singularidade das “estratégias” que as tornam atraentes, sobretudo para os iniciantes, é que nelas a atuação ocorre, predominantemente, fora das situações rituais ou de cerimônias formais da religião. Há situações, inclusive, que as estratégias de

aprendizagem chegam até mesmo a ganhar a dimensão de exercício ou treino, como no caso dos ogãs de toque. (BERGO,2011:203)

Percebi então, a partir dessa nova possibilidade de análise, que a cada vez que tocam, cantam, dançam, batem caixa, os Arturos não estão fazendo sempre a mesma coisa. Nos momentos que estão conversando, ouvindo histórias, trocando informações, batendo caixas, tocando o patangome ou mesmo participando como visitantes de outras Festas do Congado, eles estão se habilitando, se apropriando do modo de ser Arturo. Assim, mais que repetir ou reproduzir, os Arturos exercitam e experimentam a Festa e, desse modo, podem aprendê-la. E, a partir desta aprendizagem se constituem Arturos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante todo o processo investigativo, busquei acompanhar a organização, preparação e a realização da Festa de Nossa Senhora do Rosário, percebendo as crianças, onde elas estavam, com quem conversavam, o que faziam, o que não faziam, o que e quem “imitavam”.

Revelar tudo que vi, ouvi, senti em palavras não foi muito tranquilo. Trazia uma bagagem escolar muito distante da que propus investigar. Como escrevi anteriormente, não estava imune à naturalização de um modelo escolar limitador das formas de pensar e agir dos sujeitos. Minhas leituras iniciais me direcionavam a ir a campo descobrir o “manual de instrução” que era “transmitido” aos pequenos para se tornarem Arturos.

O mergulho nas teorias da Aprendizagem na prática oportunizou um desequilíbrio em meus estudos e contribuiu para que eu percebesse a comunidade dos Arturos e suas festas como um universo social privilegiado e que poderia ser explorado sob outro prisma. Este movimento possibilitou que eu buscasse construir algo que não fosse mais do mesmo. Não que um outro olhar estivesse errado, mas é um outro olhar.

Entendendo o mestrado como um processo de formação, busquei construir, a partir de um movimento antropológico que se iniciou com as conversas com os campos da Educação e da Antropologia, uma “etnografia possível”, não tendo a pretensão de dar conta de responder tudo.

Os diálogos com a Educação, em busca de qual etnografia era possível, tensionavam com os diálogos com a Antropologia que me pressionavam para que eu não fugisse das responsabilidades com o campo antropológico. Este tensionamento me levou a pensar que uma etnografia não fosse possível no mestrado. Efetivamente, inúmeras perguntas foram construídas durante o processo e as respostas precisarão de maior aprofundamento dos estudos.

Foi possível uma abordagem etnográfica que revelou uma história com enorme riqueza de detalhes que emergiram das relações de meus anfitriões com a Festa. Acredito ter feito uma escolha teórica consistente e esta riqueza observada poderia ter

ressonância nesta teoria e mereceria certamente uma sofisticação analítica que minha maturidade como pesquisadora e o curto espaço de tempo não me permitiram realizar.

A leitura do que foi focado aqui é uma das tantas leituras possíveis deste rico universo que consiste a Comunidade dos Arturos como também do universo teórico proposto tanto por Jean Lave quanto por Tim Ingold. E, é a leitura que minha maturidade intelectual, ainda em formação, conseguiu construir. O texto revela minhas idas e vindas no aporte teórico, e este movimento foi intencional. Ainda insegura de meu entendimento, busquei dar solidez a ele, indo e vindo no que diziam os autores.

Busquei, ao não ter realizado grandes ousadias teóricas, me apropriar das riquezas reveladas, dando visibilidade às práticas observadas e estabelecendo conexões entre estes dois universos.

A ideia de realizar a oficina de fotografias se revelou a chave que abriu este universo de relações dos Arturos com a Festa e possibilitou uma descrição interessante do que emerge destas relações. As entrevistas se constituíram uma rica partilha de relatos/narrações das crianças e jovens a partir de seus registros fotográficos.

Faço, então, algumas considerações sobre até onde cheguei.

Este tornar-se Aturo me intrigou desde o início de meu estudo na comunidade. Queria entender o que fazia com que cada integrante da comunidade se sentisse um Aturo, revelando esta pertença no brilho dos olhos, na fala firme, mas principalmente na dança, no batido das caixas, nos cantos de louvor a Nossa Senhora do Rosário durante suas práticas festivas.

As pesquisas históricas, em destaque a que trouxe aqui, realizada por Gomes e Pereira (2000) retratam a Comunidade dos Arturos analisando a herança africana que permaneceu em Minas Gerais como forma de resistência, buscando minúcias da formação histórica da Comunidade que se revela na manutenção das tradições que sobreviveram apesar das pressões geradas pelo escravismo. Ter mergulhado nesse contexto histórico foi me dando a sensação de estar aumentando ainda mais minha convicção sobre a urgência de começarmos a nos responsabilizar pela reescrita da História da África, resgatando uma memória própria do povo africano, não permitindo a reprodução de uma história corrompida, preconceituosa que apresenta o continente

africano sem memória, ou como bem diz Zerbo⁴¹, com uma memória contada pelo outro.

Mas não queria contar esta história pelos caminhos somente historiográficos. E não queria resolver o problema somente com a mudança de enfoque teórico. Corria o risco de ir a campo tentando somente confirmar aquilo que os teóricos diziam.

Queria entender as práticas festivas dos Arturos, o porquê das festas serem tão importantes para eles. Queria viver “a Grande Festa”, a Festa de Nossa Senhora do Rosário e compreender sua importância para a comunidade, principalmente por ser nela que a religiosidade da comunidade transborda e seus integrantes se transmutam em “filhos do Rosário” potencializando a continuidade de suas raízes culturais suas implicações para a afirmação positiva da identidade racial e para a vinculação e o pertencimento a comunidade.

Foi fundamental fazer este movimento de num primeiro momento trazer a história contada por um lado; trazer esta mesma história apropriada por seus atores; e trazer a história que foi revelada nas práticas que são revividas cotidianamente. Para, só assim, num segundo momento, mergulhar na Festa da Comunidade, revelando suas práticas, suas aprendizagens e identidades.

Era necessário me apropriar de uma história que eu desconhecia e que meus estudantes também não conheciam e resistiam em conhecer. Esta resistência que produzia e ao mesmo tempo era produzida pelo desconhecimento desta história me fez buscá-la. Eu precisava conhecê-la. Precisa contribuir para romper com a resistência de meus alunos.

Não era possível começar a falar dos Arturos, que possuem uma marca de ancestralidade tão forte, sem compreender que história maior está por trás desta ancestralidade. Uma ancestralidade marcada por uma história de negros que vieram pro Brasil e que deixou marcado em seus descendentes todo este passado de luta e resistência, que eles revivem em seu cotidiano. Um cotidiano que revela um exercício contínuo da lembrança desta história. Lembrança que não representa um continuar a ser o que eram seus ancestrais, mas sim um movimento de realimentar-se, reconhecer-se,

⁴¹ Ver ZERBO, 1982.

reproduzir-se, reinventar-se, oportunizando um festejar sem esquecer uma história que faz parte da sua história e da sua experiência.

Senti a necessidade de contar esta história de outra maneira. Contar uma história ao lado e para além de uma história contada pelas representações sobre, pelo discurso. Já houve uma representação que teve como base o ponto de vista de classe do branco opressor que falava sobre, há uma história contada sob o ponto de vista dos atores desta história e, no meu entendimento, há a necessidade de contar esta mesma história de outras maneiras. É preciso ir além das representações. Trazer a história que permanece na memória e que se produz cotidianamente. Trazer esta história revelada no cotidiano dos que sabem da história vivida por seus antepassados, veem ela refletida e revivida na sua vida diária.

Sendo assim, após apresentar sob o ponto de vista histórico a Festa de Nossa Senhora do Rosário, mergulhei no dia a dia de meus anfitriões e busquei ver, sentir e ouvir a Festa a partir do ponto de vista deles. O praticar e aprender a festa, sua preparação, o estar no cortejo, o ser um membro do Congo, do Moçambique, do reinado...Por que isso produzia este sentimento de pertença? O que emergia do convívio com estes rituais?

A história do negro no Brasil é marcada por uma resistência que busca não esconder a dilaceração sofrida no passado e não cauterizada de todo no presente. Desde sua chegada ao país a ação repressora do Estado cerceou as manifestações que definiriam a identidade dos negros escravizados. A história evidencia o processo de degradação por que passaram as populações negras, à medida que a violência sobre elas exercida as impedia, quase sempre, de resguardar a individualidade dos seus integrantes. Identificar o negro como objeto passivo e submisso ante aos desígnios de seus proprietários, privá-lo de sua herança cultural, dissolver-lhe o patrimônio de experiência social trazido da Terra-Mãe significou por em prática um amplo plano de dominação e justificação da continuidade do sistema escravista brasileiro.

Foram várias as estratégias utilizadas, mas o catequismo, com a promessa de “salvar” a negritude, tornou-se um dos mais cruéis. Impunha ao negro escravizado que somente se salvariam para a eternidade, aqueles que morressem para suas tradições

histórico-culturais. Mas ao mesmo tempo mostrou-se uma porta de entrada para a resistência e para a formação de uma memória combativa do negro.

A religiosidade foi um instrumento primordial de sobrevivência e resistência da cultura africana em terras brasileiras. O sincretismo religioso, como bem pontuado por Renato Almeida (1971) “não foi apenas oriundo de pontos de contato na invocação dos santos católicos e de seus deuses, mas também, um instrumento claro de defesa, afetando uma conversão não raro existente”(p.171). Mesmo fragmentada, a religiosidade do negro se preservou como uma resposta de resistência às imposições dominantes.

A escravidão em Minas Gerais tinha peculiaridades que a diferenciava do restante do país. O trabalho de mineração, característico da região, era exaustivamente mais penoso que o agrícola e a questão dos roubos de ouro e pedras preciosas tornava os escravos mineradores extremamente vigiados. Esta vigilância reprimia também as manifestações culturais visto que também nas poucas horas de folga os negros tinham suas ações coibidas.

A tensão existente pelo controle rígido nas minas pela Coroa e consequentemente pelos Senhores auxiliou para a construção de uma resistência mais pontual, fazendo com que o negro utilizasse de artifícios para não ver seu passado apagado, mas ao mesmo tempo dando a entender o contrário para o mundo exterior.

Pela dissimulação o negro parecia ser católico sem no entanto, abrir mão das heranças de seus antepassados. Essa dissimulação permitiu ao negro do passado e a seus descendentes vivenciarem os cultos católicos à sua maneira, não deixando de lado a memória que os remetesse ao passado. As festas do Congado revelam, em seus detalhes, a riqueza desta memória.

Os Arturos não representam a totalidade das tradições negro-africanas no estado, mas a comunidade preservou com firmeza as heranças dos antepassados, colocando-se no fluxo da resistência do negro. Em suas cerimônias de coroação de reis e rainhas, nas orações e nos cantos tornam-se presentes os ensinamentos de uma história negro-africana que resistiu nos meandros do catolicismo.

Para que fosse possível entender em que medida as festas, em especial a Festa do Reinado de Nossa Senhora do Rosário e o participar dela, potencializavam a continuidade de suas raízes culturais suas implicações para a afirmação positiva da identidade racial e para a vinculação e o pertencimento a comunidade, era preciso estar atenta às sutilezas do passado histórico do povo negro e como foram construídos, grão a grão, os alicerces de sua resistência. Só assim consegui compreender qual o significado que os integrantes da Comunidade dos Arturos dão às suas festas e quais relações estabelecem com a sua identidade étnica

Como eles mesmos dizem o respeito pelo que “nossos pais fizeram antes de nós” resume uma parte da vivência dos Arturos. Os conhecimentos dos antepassados orientam a vida da comunidade, mas sem coibir a incorporação de novas fórmulas de relacionamento com o mundo. Servem como um “porto seguro”. Um local sagrado, materializado na capelinha do Rosário e na casa paterna, imantados de magia, onde os antepassados ressurgem com o chamado da fé, do canto e da dança.

O reconhecimento de sua identidade é para cada integrante da comunidade o primeiro passo para o que seu Eu se aceite e aí sim possa lançar-se ao encontro deste outro sem ter suas particularidades violadas.

A Festa do Rosário abre uma fresta no tempo do trabalho cotidiano e instaura um espaço-tempo mítico onde para sempre vivem os ancestrais. O brincar no Reinado do Rosário deixa de ser um simples representar, tornando-se um meio de afirmar o ser. Esta tradição herdada e reelaborada cotidianamente é o anteparo e a força promotora de sua própria identidade.

Promover as festas significa para os Arturos, não apenas relembrar do passado, mas é neste momento que se recria a história sagrada de sua família e de seus mitos de origem. Festejar é o próprio sentido da vida. Cantar e dançar são um dever, um trabalho, uma missão, uma promessa, foi assim que ensinaram os antepassados, mas também um brincar, principalmente na visão das crianças Arturos. Preparar as bandeirinhas que enfeitarão o terreiro e a capelinha, ajudar na confecção dos quitutes, dançar, cantar, bater tambor, tudo para eles faz parte do universo do brincar. A festa do Rosário permanece até hoje porque é compromisso de amor, uma função sagrada recebida pelos

ancestrais, porque é nela e partir dela que emerge o ser Arturo que brilha dos olhos de cada integrante da comunidade.

E este “brilho nos olhos” possibilita, como sugere Nilma Lino Gomes (2003),

(...) a construção de um "nós", de uma história e de uma identidade. Diz respeito à consciência cultural, à estética, à corporeidade, à musicalidade, à religiosidade, à vivência da negritude, marcadas por um processo de africanidade e recriação cultural. Esse "nós" possibilita o posicionamento de negro diante do outro e destaca aspectos relevantes da sua história e de sua ancestralidade(p.80)

A preparação e a organização da Festa de Nossa Senhora do Rosário na comunidade revelaram mais sobre a complexidade da prática festiva do que o próprio evento em si. No cotidiano de meus anfitriões a fé que transborda durante os festejos se concretiza, os laços afetivos evidenciados nos festejos se fortalecem, as relações de respeito, de afeto e também de poder aparecem com maior clareza.

O cotidiano da Comunidade dos Arturos, durante toda a preparação e mesmo durante os três dias da Festa de Nossa Senhora do Rosário evidenciou que ali as crianças não estão destinadas a ocupar um lugar apenas de observadores, pensando num sentido bastante restrito do termo.

Elas tanto absorvem como são absorvidos pela vivência daquela prática festiva e este tipo de participação lhes dá oportunidades de vivenciá-la e compreendê-la. Assim, ocupando lugares simbólicos e organizacionais importantes na Festa e em sua organização, as crianças gradualmente produzem uma ideia geral do que constitui os saberes e fazeres do Congado.

Meus três *pesquisadores mirins* diziam, sentiam e produziam estes saberes e fazeres constantemente. Estas crianças me conduziram por caminhos deliciosos. Observando suas ações e reações fui conseguindo perceber que era fazendo que eles aprendiam. Esse fazer era fundamental para produzir-se Arturo. Para se tornar parte da prática festiva quanto mais participavam mais se tornavam preparados para praticá-la, numa retroalimentação entre o que está posto e a aprendizagem. Aprendiam fazendo, se produziam Arturo sem ter sido ensinado como sê-lo.

A partir do suporte teórico de Tim Ingold consegui perceber que fazer sempre as mesmas coisas, repetir, copiar os mais velhos envolve um **treino** que conseqüentemente

oportunizará a aprendizagem. Não se trata de uma mera transcrição de como fazer, mas de um processo de desenvolvimento que se constituirá em aprender a fazer do seu modo. O **ensaio** com a supervisão/orientação dos mais experientes oportunizará a aquisição da **habilidade** de fazer sozinho.

O engajamento coletivo, percebido a cada dia que se aproximava da Festa, esta partilha sobre saberes e interesses comuns constituiu-se em um processo de pertença que se efetivou fundamentalmente a partir do acesso às diversas fases das atividades e aos diferentes membros da comunidade, assim como à informação, aos recursos e a oportunidades para participar.

A identidade Arturo ficava evidente em tudo que a festa revelava. Seus rituais marcam o estar na Festa, o ser a Festa. O levantamento dos Mastros, o Candombe, a Matina, o Cortejo, a Missa Conga, o Almoço, o pagamento de Promessas foram descritos por meus anfitriões com uma riqueza de detalhes e principalmente com um respeito por cada ação que transbordou toda a importância e força deles para cada um e para a comunidade. De acordo com meus anfitriões cada um destes rituais diz muito do que é ser Arturo.

A todo momento, a relação dos Arturos com os objetos era explícita. A convivência cotidiana deles com todos os elementos que envolvem a Festa foi especialmente significativa porque tornou visível uma substancial parte do patrimônio cultural da sua prática festiva. O ser Arturo tem a ver com a relação do sujeito com o objeto. Um é parte integrante do outro. O mastro é um destes objetos. O seu levantamento é um momento importantíssimo e esta conexão entre o divino e o terreno envolve todo um ritual de Fé. As bandeirinhas que *alegram a Santa* também fazem parte do ser Arturo. Como também a batida das caixas, *chamando pra dançar*, o toque dos tambores sagrados desafiando a história, o chacoalhar do patangome, a dança das gungas, o balançar dos saiotos, o balé das fitas do capacete, o rosário *que protege do mundo*, o bastão que *abre os caminhos*, as coroas que empoderam seus Reis e Rainhas, as imagens que glorificam seus santos.

Em cada momento, em cada ritual da Festa os Arturos observam e põem em prática os gestos, os cantos, as rezas, as danças, e assim, ao aprenderem os aspectos mais práticos da Festa, acabam por aprender o que é ser um Arturo. Carregados de

intenção, cada movimento produz aprendizagem. A riqueza dos dados colhidos em campo mostra que, tanto em suas narrativas, quanto em sua participação da prática festiva, meus anfitriões compreendem e utilizam a observação como uma ação fundamental para sua aprendizagem. Aprendizagem e senso de identidade são inseparáveis. Fazem parte de um mesmo fenômeno, como sugerem Lave e Wenger.

Um destes momentos foi no dia da festa, durante o almoço, quando uma criança de quatro aninhos, para na frente do Capitão da guarda do Congo e observa atentamente sua batida no tambor. Mas não observa parado. Com seu tamborzinho pendurado sobre o ombro, tenta imitar os movimentos com suas baquetas e reproduzir o som que ouve. Fiquei tão encantada e atenta a cada movimento que não registrei fotograficamente o momento. Trouxe para a pesquisa minhas impressões da cena, mas acredito que uma foto do momento diria mais que minhas palavras.

Mas voltando ao pequeno Arturo, fui procurar saber com seus parentes como se dava essa aprendizagem, se ele repetia em casa esses movimentos e Juliana, uma de minhas “fotógrafas” relatou que *ele toca todos os dias da semana. Pega o cabo de vassoura, transforma sua vó em rainha, pega a tampa da panela e a colher e se transforma em caixeiro. Ele sabe todas as músicas e quer que todos da família cantem enquanto ele dita o ritmo com a caixa.*

Esta cena se repetiu com outras crianças e verifiquei que os caixeiros observados pelas crianças não estão ali ensinando, mas através de sua batida nas caixas dão suporte ao processo de aprendizagem das crianças, orientando seus gestos, e conseqüentemente fazendo-os aprender.

Os relatos de Fábio sobre as histórias do Tio Antônio também dizem deste aprender. Cada momento vivido na festa, traz em sua memória um *porquê* contado pelo tio. Estas conversas entre os pequenos e os mais velhos sempre esteve presente na comunidade. Juliana também trouxe durante nossas conversas as lembranças das conversas com o avô, e diz que elas acontecem até hoje

O essencial do saber Arturo transmite-se fora de uma intervenção explícita. Cada vez que tocam, cantam, dançam, batem caixa, ouvem e repetem histórias os Arturos não estão fazendo sempre a mesma coisa. Nos momentos que estão conversando, ouvindo

histórias, trocando informações, batendo caixas, tocando o patangome ou mesmo participando como visitantes de outras Festas do Congado, eles estão se **habilitando**, se apropriando do modo de ser Arturo. Assim, mais que repetir ou reproduzir, os Arturos exercitam e experimentam a Festa e, desse modo, podem aprendê-la. E, a partir desta aprendizagem se constituem Arturos.

Ficou marcada em minha mente a fala de D. Tetane, que em uma de nossas conversas, resumiu o que é ser um Arturo:

- Isso é ser Arturo, filha. É um jeito de ser que a gente descobre e aprende aqui, pregando bandeirinha, ouvindo as histórias, cantando, dançando e rezando. Foi assim que eu aprendi. Num sei como explicar. Sei que é assim.

Parece tão simples, mas é um fazer/aprender que envolve relações de poder, acordos, negociações e conflitos inerentes a vida social. E, é a partir desse envolvimento que o Arturo aprende os gestos, os significados, as emoções, as disposições corporais e identidades que o produzem Arturo.

Chego ao final deste estudo muito satisfeita com o resultado produzido e com uma gostosa sensação que, se durante todo este período de dois anos, me amedrontava por pensar não capaz, em não dar conta, hoje se revela em uma enorme vontade de continuar, de prosseguir, dando vazão a tantos questionamentos que surgiram durante o percurso e que não foi possível buscar respostas.

Em muitos momentos de meu dia a dia com eles, na preparação para a festa sentia-me como uma espiã, como uma traidora⁴². Principalmente no início, quando me via auxiliando na feitura dos ornamentos, com a nítida intenção de “bisbilhotar” meus anfitriões. Mas este sentimento foi se transformando. O meu olhar pra eles e o olhar deles pra mim foi paulatinamente mudando. Não eram mais articuladas e pensadas as conversas, elas fluíam naturalmente. Casos familiares, trocas de receitas e lembranças eram compartilhadas sem “dedos”. Minha presença diária entre eles me tornava também responsável pela Festa.

O fato de eu ter “colocado a mão na massa” foi como se eu tivesse deixado de lado meu “formato pesquisadora” e tivesse assumido meu “formato Karla”, sem

⁴² Peirano (1992) diz destes sentimentos em seu texto “Favor da etnografia”, já citado no texto.

representações, sem reservas. E este fato trouxe benefícios para a pesquisa, mas também trouxe furos. Em alguns momentos eu estava tão envolvida com a preparação da festa que deixei de fazer anotações, de registrar fotograficamente algumas situações.

Minha identidade pesquisadora foi inevitavelmente afetada por tudo que vi, ouvi, senti e dialoguei com meus “mestres teóricos e nativos” e ampliaram muito minhas perspectivas de futuros estudos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUESSY, Honorat et alii. **Introdução à cultura africana**. Lisboa: Edições 70, 1980.

ALMEIDA, Renato. **Vivência e projeção do folclore**. 2.ed. Rio de Janeiro: Livraria Agir editora, 1971.

BASTIDE, Roger. **As religiões africanas no Brasil**. Contribuição a uma sociologia das interpretações de civilizações. Tradução de Maria Heloísa Capellato e Olívia Kräuhembühl. 2.ed. São Paulo: Livraria Editora, 1985.

BERGO, Renata Silva. **Quando o Santo Chama: O terreiro de Umbanda como contexto de aprendizagem na prática**. Belo Horizonte: Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, 2011. (Tese de Doutorado)

BRASIL. **Lei Federal, número 10.639 de 9 de janeiro de 2003**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/2003/L10.639.htm. Acesso em: 13/9/2010.

BOSCHI, Caio César. **Os leigos e o poder** – Irmandades Leigas e Política Colonizadora em Minas Gerais. São Paulo: Ática, 1986.

CAMPOS, Túlio. **Pequenos trabalhadores nos sinais e suas experiências no cotidiano da rua: entre o “espetáculo” do malabares e as brincadeiras, os riscos e as tensões do trabalho explorado**. Belo Horizonte: Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, Universidade Federal de Minas Gerais, 2010. (Dissertação de Mestrado)

CAILLOIS, Roger. **O homem e o sagrado**. Tradução de Geminiano Cascais Franco. Lisboa: Edições 70, 1979.

CARDOSO, Ciro Flamarion S. **Escravo ou camponês? – O Protocampesinato negro nas Américas**. São Paulo: Brasiliense, 1987.

CARVALHO, José Geraldo Vidigal de. **A igreja e a escravidão: uma análise documental**. Rio de Janeiro: Presença edições; Brasília/INL, 1985.

CARVALHO, Levindo Diniz **Imagens da infância: brincadeiras, brinquedo e cultura**. Dissertação (Mestrado em Educação) FAE, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2007.

CLIFFORD, James. **A experiência etnográfica: antropologia e literatura no século XX**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1998

COX, Harvey. **A festa dos foliões** – um ensaio teológico sobre festividades e fantasia. Tradução de Edmundo Binder. Petrópolis: Vozes, 1974.

COMISSÃO NACIONAL DE FOLCLORE. **Carta do Folclore Brasileiro**. Salvador: CNF, 1995.

CUNHA, Manuela Carneiro da. **Sobre os silêncios da lei. Lei costumeira e positiva nas alforrias no Brasil do século XIX.** São Paulo: Cadernos IFCH/UNICAMO, 1983. (distribuição Editora Hucitec).

FANON, Frantz. **Os condenados da terra.** Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1968.

FARIA, Eliene Lopes. **Aprendizagem da e na prática social:** um estudo etnográfico sobre as práticas de futebol em um bairro de Belo Horizonte. Belo Horizonte: Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, 2008. (Tese de Doutorado)

FONSECA, Dagoberto José. **Vovó Nana vai à escola.** Coleção Mãe África. São Paulo: FDP-CEERT, 2009.

GOLDMAN, Márcio. Histórias, Devires e Fetiches das Religiões Afro-Brasileiras. Ensaio de Simetria Antropológica. **Análise Social** (Lisboa), 2009.

GOMES, Nilma Lino. **Cultura negra e educação.** Revista Brasileira de Educação, Ago 2003, no.23, p.75-85. ISSN 1413-2478. Disponível em: <http://www.scielo.br>. Acesso em 19/09/2010.

GOMES, Núbia Pereira de Magalhães; PEREIRA, Edmilson de Almeida. **Negras raízes mineiras: os Arturos.** 2ª. Ed. Juiz de Fora: Universidade Federal de Juiz de Fora, 2000.

HOLLAND, Doroty; LAVE, Jean. (2009). Social Practice Theory and the Historical Production of Persons. **International Journal of Human Activity Theory.** N.2, p.1-15

INGOLD, Tim. Culture, perception and cognition. In _____ **The perception of the environment:** essays on livelihood, dwelling and skill. London and New York: Routledge, 2000. Chapter 9. pp.157-171.

INGOLD, Tim. From the transmission of representations to the education of attention. In: _____. **The debated mind:** evolutionary psychology versus ethnography. Oxford: Harvey Whitehouse, 2001a.

INGOLD, Tim. Beyond art and technology: the anthropology of skill. In: SCHIFFER, M. B. **Anthropological perspectives on technology.** Albuquerque (NM): University of New Mexico Press, 2001b.

INGOLD, Tim.; HALLAM, E. Creativity and cultural improvisation: an introduction. In: _____. **Creativity and cultural improvisation.** Elizabeth Hallam and Tim Ingold Ed. : New York, 2007. Cap. 1, pp.1-24.

INGOLD, Tim. Introduction to culture. In:_____.(ed.) **Companion encyclopedia of anthropology.** London: Routledge. 1994, pp. 329-349.

LAVE, Jean, WENGER, Etienne. **Situated Learning.** Cambridge: Cambridge University Press (CUP), 1991.

LAVE, Jean. The practice of learning. In: CHAIKLIN, Seth; LAVE, Jean. **Understanding practice: perspective on activity and context**. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.

LUCAS, Glauro. **Os sons do Rosário**: um estudo etnomusicológico do congado mineiro – Arturos e Jatobá. Escola de Comunicações e Artes da USP, 1999.

MELLO E SOUZA, Laura de. **Desclassificados do ouro**: a pobreza mineira do século XVIII. Rio de Janeiro: Graal, 1982

_____. **O diabo e a Terra de Santa Cruz**: feitiçaria religiosidade popular no Brasil colonial. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

MOURA, Covis. **Rebeliões da senzala** – Quilombos Insurreições Guerrilhas. 3. ed. São Paulo: Livraria Editora Ciências Humanas, 1981.

MUNANGA, Kabengele **A identidade negra no contexto da globalização**. Revista Ethnos Brasil. São Paulo: Unesp, Ano 1, n.1, mar/2002. p.11-20.

OLIVEIRA, Diná Teresa Ramos de. Brinquedos e Brincadeiras Populares no Programa Esporte Lazer da Cidade. In: MARCELLINO, N. C.; FERREIRA, M. P. A. (Orgs.). **Brincar, jogar, viver**: programa Esporte Lazer da Cidade. Brasília. Ministério do Esporte, 2007, v. I, p.127-138.

PEIRANO, Mariza G.S. **A favor da Etnografia**. Série Antropologia, n.130, Brasília, 1992. Disponível em: nau.ufsc.br/files/2010/09/Peirano_a-favor-da-etnografia.pdf. Acesso em 8/1/2013.

PEREZ, Léa Freitas. **Do lazer à festa: em questão o solo epistêmico da modernidade ocidental**. Texto apresentado na mesa redonda O lazer e os estudos antropológicos no X Seminário O lazer em debate. Belo Horizonte, 2009

RESENDE, Leandra Fernandes. **Entre pontas, coques e pliês**: aprendizagem da dança clássica no contexto do centro de formação artística do palácio das artes. Belo Horizonte: Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, Universidade Federal de Minas Gerais, 2011. (Dissertação de Mestrado).

SALLES, Fritz Teixeira de. **Associações religiosas no ciclo do ouro**. Belo Horizonte: UFMG/ Centro de Estudos Mineiros, 1963.

SANTOS, Erisvaldo Pereira dos. **Religiosidade, identidade negra e educação**: o processo de construção da subjetividade dos adolescentes dos Arturos. Dissertação (Mestrado em Educação). Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, 1997.

SANTOS, Madalena P. **Encontros e esperas com os ardinhas de Cabo Verde**: aprendizagem e participação numa prática social. Tese de Doutorado. Faculdade de Ciências; Universidade de Lisboa, 2004.

SAUTCHUK, Carlos Emanuel. **O ARPÃO E O ANZOL técnica e pessoa no estuário do Amazonas (Vila Sucuriju, Amapá)**. Brasília: Instituto de Ciências Sociais, Departamento de Antropologia, Universidade de Brasília, 2007. (Tese de Doutorado).

SILVA, Júnia Bertolina. **O congado na comunidade dos Arturos: catolicismo ou culto africano?** Monografia (Ciências Sociais). Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais, 2002

SILVA, Rubens Alves da. **Negros católicos ou catolicismo negro?** – Um estudo sobre a construção da identidade negra no congado mineiro. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 1999.

SUSSEKIND, Flora. **O negro como arlequim: teatro & discriminação**. Rio de Janeiro: Achiamé/Socii, 1982.

VELHO, Otávio. **Trabalhos de campo: antinomias e estradas de ferro**. Aula inaugural no Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: UERJ, mar., 2006.

VELHO, Otávio. **“Coram Riscos!”**: depoimento. [dezembro, 2010]. Paraíba: Revista Antropológicas, ano 14, vol.21(20: 329-341) 2010. Entrevista concedida a Flávia F. Pires e Silvia G. Nogueira. Disponível em: www.ufpe.br/revistaantropológicas/index.php/revista/article/.../150. Acesso em 8/1/2013.

WACQUANT, Loic. **Corpo e alma: notas etnográficas de um aprendiz de boxe**. Tradução Ângela Ramalho, Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002

ZERBO, Joseph K. (org.). **História Geral da África**. São Paulo: Ática-Unesco, 1982.

Anexo 1. Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE 1

crianças de 7 a 12 anos (deverá ser assinado pelos pais ou responsáveis e também pela criança)

Prezado(a) Senhor(a),

Estamos convidando seu filho(a) para participar da pesquisa chamada “NA FESTA DO REINADO DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO: a constituição do Ser um Arturo”. Desejamos com esta pesquisa compreender como acontece o envolvimento dos integrantes da comunidade no planejamento, organização e execução da Festa do Reinado de Nossa Senhora do Rosário e como este envolvimento influencia na constituição de sua identidade étnica. Para isso, nós pesquisadores, precisaremos participar das atividades que acontecem na Comunidade durante alguns meses observando e entrevistando alguns de seus integrantes.

Antes, durante e depois que esta pesquisa for feita o(a) senhor(a) poderá tirar quaisquer dúvidas com relação à participação de seu filho(a) na pesquisa e tudo que for observado e anotado ficará guardado com os pesquisadores para garantir sua privacidade. O(A) senhor(a) poderá não permitir a participação de seu filho(a) na pesquisa ou pedir para que ele saia dela em qualquer momento.

RISCOS POTENCIAIS

Para que esta pesquisa aconteça seu filho(a) conviverá durante alguns meses conosco na comunidade e isso poderá causar um certo “desconforto” ao senhor e a sua família, porque iremos observá-los e fazer perguntas a vocês.

BENEFÍCIOS POTENCIAIS

Por outro lado, acreditamos que esta pesquisa poderá contribuir com a visibilidade da Comunidade dos Arturos e seu processo de identidade e valorização.

CONSENTIMENTO

Li e entendi o que será feito pelos pesquisadores. Perguntei e obtive as respostas para todas as minhas perguntas. Sei que posso não autorizar a participação de meu filho(a) nesta pesquisa ou que posso pedir para que ele(a) saia dela a qualquer momento. Entendo também que os pesquisadores podem decidir retirá-lo da pesquisa por motivos científicos e que ficarei sabendo caso isso aconteça. Os sujeitos da pesquisa não terão nenhum gasto material ou financeiro com este estudo, e nenhum tipo de bonificação será oferecida. Todos os participantes e responsáveis precisarão voluntariamente se disponibilizar ao estudo. Autorizo também que as entrevistas sejam gravadas e utilizadas na pesquisa. Tenho uma cópia deste formulário que foi assinado em duas vias iguais.

Dessa forma, autorizo meu filho(a) a participar da pesquisa intitulada: “A FESTA DO REINADO DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO: a constituição do Ser um Arturo”.

Assinatura dos Pais ou responsável: _____

Assinatura da Criança (pesquisada): _____



Assinatura dos responsáveis pela pesquisa:

José Alfredo Debortoli
Pesquisador responsável

Karla Tereza Ocelli Costa
Pesquisadora Participante

Este termo juntamente com os dados coletados da pesquisa ficarão armazenados por cinco anos na EEEFTO/UFMG sob a responsabilidade do pesquisador. Maiores informações:

- **Pesquisadores responsáveis:** José Alfredo Oliveira Debortoli e Karla Tereza Ocelli Costa ou no endereço Av. Antônio Carlos, 6627 EEEFTO- Pampulha - Belo Horizonte/MG..

Para responder as questões éticas:

- **COEP/UFMG** no telefone 3409-4592 ou no endereço - Av. Antônio Carlos, 6627 Unidade Administrativa II - 2º andar - Sala 2005 Campus Pampulha Belo Horizonte.

Anexo 2. Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE 2
adolescentes de 13 a 17 anos (deverá ser assinado pelos adolescentes)

Olá,

Este é um convite para que você participe da pesquisa chamada “NA FESTA DO REINADO DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO: a constituição do Ser um Arturo”. Desejamos com esta pesquisa compreender como acontece o envolvimento dos integrantes da comunidade no planejamento, organização e execução da Festa do Reinado de Nossa Senhora do Rosário e como este envolvimento influencia na constituição de sua identidade étnica. Para isso, nós pesquisadores, precisaremos participar das atividades que acontecem na Comunidade durante alguns meses observando e entrevistando alguns de seus integrantes.

Antes, durante e depois que esta pesquisa for feita você poderá tirar quaisquer dúvidas com relação à sua participação na pesquisa e tudo que for observado e anotado ficará guardado com os pesquisadores para garantir sua privacidade. Você poderá se recusar a participar da pesquisa ou pedir para sair dela em qualquer momento.

RISCOS POTENCIAIS

Para que esta pesquisa aconteça você conviverá durante alguns meses conosco na comunidade e isso poderá causar um certo “desconforto” a você e a sua família, porque iremos observá-los e fazer perguntas a vocês.

BENEFÍCIOS POTENCIAIS

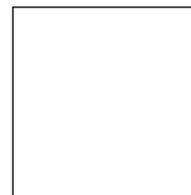
Por outro lado, acreditamos que esta pesquisa poderá contribuir com a visibilidade da Comunidade dos Arturos e seu processo de identidade e valorização.

CONSENTIMENTO

Li e entendi o que será feito pelos pesquisadores. Perguntei e obtive as respostas para todas as minhas perguntas. Sei que posso não participar desta pesquisa ou que posso pedir para sair dela a qualquer momento. Entendo também que os pesquisadores podem decidir me tirar da pesquisa por motivos científicos e que ficarei sabendo caso isso aconteça. Os sujeitos da pesquisa não terão nenhum gasto material ou financeiro com este estudo, e nenhum tipo de bonificação será oferecida. Todos os participantes e responsáveis precisarão voluntariamente se disponibilizar ao estudo. E autorizo que as entrevistas possam ser gravadas e que podem ser utilizadas na pesquisa. Tenho uma cópia deste formulário que foi assinado em duas vias iguais.

Dessa forma, desejo participar da pesquisa intitulada: “A FESTA DO REINADO DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO: a constituição do Ser um Arturo”.

Assinatura do adolescente: _____



Assinatura dos responsáveis pela pesquisa:

José Alfredo Debortoli
Pesquisador responsável

Karla Tereza Ocelli Costa
Pesquisadora Participante

Este termo juntamente com os dados coletados da pesquisa ficarão armazenados por cinco anos na EEEFTO/UFMG sob a responsabilidade do pesquisador. Maiores informações:

- **Pesquisadores responsáveis:** José Alfredo Oliveira Debortoli e Karla Tereza Ocelli Costa ou no endereço Av. Antônio Carlos, 6627 EEEFTO- Pampulha - Belo Horizonte/MG..

Para responder as questões éticas:

- **COEP/UFMG** no telefone 3409-4592 ou no endereço - Av. Antônio Carlos, 6627 Unidade Administrativa II - 2º andar - Sala 2005 Campus Pampulha Belo Horizonte.

Anexo 3. Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE 3

adolescentes de 13 a 17 anos (deverá ser assinado pelos pais dos adolescentes) -

Prezado(a) Senhor(a),

Estamos convidando seu filho(a) para participar da pesquisa chamada “NA FESTA DO REINADO DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO: a constituição do Ser um Arturo”. Desejamos com esta pesquisa compreender como acontece o envolvimento dos integrantes da comunidade no planejamento, organização e execução da Festa do Reinado de Nossa Senhora do Rosário e como este envolvimento influencia na constituição de sua identidade étnica. Para isso, nós pesquisadores, precisaremos participar das atividades que acontecem na Comunidade durante alguns meses observando e entrevistando alguns de seus integrantes.

Antes, durante e depois que esta pesquisa for feita o(a) senhor(a) poderá tirar quaisquer dúvidas com relação à participação de seu filho(a) na pesquisa e tudo que for observado e anotado ficará guardado com os pesquisadores para garantir sua privacidade. O(A) senhor(a) poderá não permitir a participação de seu filho(a) na pesquisa ou pedir para que ele saia dela em qualquer momento.

RISCOS POTENCIAIS

Para que esta pesquisa aconteça seu filho(a) conviverá durante alguns meses conosco na comunidade e isso poderá causar um certo “desconforto” ao senhor e a sua família, porque iremos observá-los e fazer perguntas a vocês.

BENEFÍCIOS POTENCIAIS

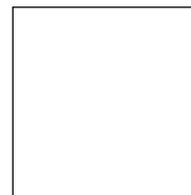
Por outro lado, acreditamos que esta pesquisa poderá contribuir com a visibilidade da Comunidade dos Arturos e seu processo de identidade e valorização.

CONSENTIMENTO

Li e entendi o que será feito pelos pesquisadores. Perguntei e obtive as respostas para todas as minhas perguntas. Sei que posso não autorizar a participação de meu filho(a) nesta pesquisa ou que posso pedir para que ele(a) saia dela a qualquer momento. Entendo também que os pesquisadores podem decidir retirá-lo da pesquisa por motivos científicos e que ficarei sabendo caso isso aconteça. Os sujeitos da pesquisa não terão nenhum gasto material ou financeiro com este estudo, e nenhum tipo de bonificação será oferecida. Todos os participantes e responsáveis precisarão voluntariamente se disponibilizar ao estudo. Autorizo também que as entrevistas sejam gravadas e utilizadas na pesquisa. Tenho uma cópia deste formulário que foi assinado em duas vias iguais.

Dessa forma, autorizo meu filho(a) a participar da pesquisa intitulada: “A FESTA DO REINADO DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO: a constituição do Ser um Arturo”.

Assinatura dos Pais ou responsável: _____



Assinatura dos responsáveis pela pesquisa:

José Alfredo Debortoli
Pesquisador responsável

Karla Tereza Ocelli Costa
Pesquisadora Participante

Este termo juntamente com os dados coletados da pesquisa ficarão armazenados por cinco anos na EEEFTO/UFMG sob a responsabilidade do pesquisador. Maiores informações:

- **Pesquisadores responsáveis:** José Alfredo Oliveira Debortoli e Karla Tereza Ocelli Costa ou no endereço Av. Antônio Carlos, 6627 EEEFTO- Pampulha - Belo Horizonte/MG..

Para responder as questões éticas:

- **COEP/UFMG** no telefone 3409-4592 ou no endereço - Av. Antônio Carlos, 6627 Unidade Administrativa II - 2º andar - Sala 2005 Campus Pampulha Belo Horizonte.

Anexo 4. Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE 4
adultos

Prezado(a) Senhor(a),

Este é um convite para que o senhor(a) participe da pesquisa chamada “NA FESTA DO REINADO DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO: a constituição do Ser um Arturo”. Desejamos com esta pesquisa compreender como acontece o envolvimento dos integrantes da comunidade no planejamento, organização e execução da Festa do Reinado de Nossa Senhora do Rosário e como este envolvimento influencia na constituição de sua identidade étnica. Para isso, nós pesquisadores, precisaremos participar das atividades que acontecem na Comunidade durante alguns meses observando e entrevistando alguns de seus integrantes.

Antes, durante e depois que esta pesquisa for feita o(a) senhor(a) poderá tirar quaisquer dúvidas com relação à sua participação na pesquisa e tudo que for observado e anotado ficará guardado com os pesquisadores para garantir sua privacidade. O(A) senhor(a) pode se recusar a participar da pesquisa ou pedir para sair dela em qualquer momento.

RISCOS POTENCIAIS

Para que esta pesquisa aconteça o senhor(a) conviverá durante alguns meses conosco por aqui e isso poderá causar um certo “desconforto” ao senhor e a sua família, porque iremos observá-los e fazer perguntas a vocês.

BENEFÍCIOS POTENCIAIS

Por outro lado, acreditamos que esta pesquisa poderá contribuir com a visibilidade da Comunidade dos Arturos e seu processo de identidade e valorização.

CONSENTIMENTO

Li e entendi o que será feito pelos pesquisadores. Perguntei e obtive as respostas para todas as minhas perguntas. Sei que posso não participar desta pesquisa ou que posso pedir para sair dela a qualquer momento. Entendo também que os pesquisadores podem decidir me tirar da pesquisa por motivos científicos e que ficarei sabendo caso isso aconteça. Os sujeitos da pesquisa não terão nenhum gasto material ou financeiro com este estudo, e nenhum tipo de bonificação será oferecida. Todos os participantes e responsáveis precisarão voluntariamente se disponibilizar ao estudo. E autorizo que as entrevistas sejam gravadas e utilizadas na pesquisa. Tenho uma cópia deste formulário que foi assinado em duas vias iguais.

Dessa forma, desejo participar da pesquisa intitulada: “A FESTA DO REINADO DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO: a constituição do Ser um Arturo”.

Assinatura: _____



Assinatura dos responsáveis pela pesquisa:

José Alfredo Debortoli
Pesquisador responsável

Karla Tereza Ocelli Costa
Pesquisadora Participante

Este termo juntamente com os dados coletados da pesquisa ficarão armazenados por cinco anos na EEEFTO/UFMG sob a responsabilidade do pesquisador. Maiores informações:

- **Pesquisadores responsáveis:** José Alfredo Oliveira Debortoli e Karla Tereza Ocelli Costa ou no endereço Av. Antônio Carlos, 6627 EEEFTO- Pampulha - Belo Horizonte/MG..

Para responder as questões éticas:

- **COEP/UFMG** no telefone 3409-4592 ou no endereço - Av. Antônio Carlos, 6627 Unidade Administrativa II - 2º andar - Sala 2005 Campus Pampulha Belo Horizonte.